Luis Carlos de Morais Junior

ALQUIMIA

O Arquimagistério Solar

Ludovicus Carolus Morales Junior

ALCHIMIA

seu Archimagisterium Solis
in V libris

Arte Final de Capa
Teresa Akil

Imagem de Capa
"Primeiro estágio da Grande Obra", ou "O Laboratório do Alquimista",
por Hans Vredeman de Vries, do livro *Amphitheatrum Sapientiae Aeternae,*
(1604) de Heinrich Khunrath

Imagem de Contracapa
Cédula de 100.000 dinares da Croácia (1993)

Figura do Anverso: Ruđer Bošković (1711-1787)

Figura do Verso: *Povijest Hrvata*, "História dos Croatas",

escultura de Ivan Meštrović (1883-1962)

Revisão
O Autor

Editoração
Quártica Premium

CIP - Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

M825a

Morais Junior, Luis Carlos de,
Alquimia : o Arquimagistério solar / Luis Carlos de Morais Junior.
- Rio de Janeiro : Quártica Premium, 2013
224p. : 21cm

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-8221-044-4

1. Ensaio brasileiro. I. Título.

13-06158. CDD - 869.94
CDU - 821.134.3(81)-4

QUÁRTICA® PREMIUM

CNPJ 32.067.910/0001-88 - Insc. Estadual 83.581.948
Av. Presidente Vargas, 962 sala 1411- Centro
20071-002 - Rio de Janeiro - RJ
Caixa Postal 150 - 20001-970 - Rio de Janeiro - RJ
Telefax: 2223-0030/ 2263-3141
site: www.litteris.com.br

O meu *Alquimia* é dedicado, com amor filial, a José Joaquim de Campos Leão, aka Qorpo Santo

Os químicos são uma estranha classe de mortais, impelidos por um impulso quase insano a procurar seus prazeres em meio a fumaça e vapor, fuligem e chamas, venenos e pobreza, e, no entanto, entre todos esses males, tenho a impressão de viver tão agradavelmente que preferiria morrer a trocar de lugar com o rei da Pérsia.

(Johann Joachim Beccher. *Physica subterranea profundam subterraneorum genesi*. Lipsiae: apud Johann Ludov, Gleditschim, anno MDCCIII, escrito em 1667).

A coisa do alpinista

Frascos descorados de álcoois e outras substâncias
Dançando na mente em foco do descentrador
Toda vez que dança lança a alma como um tubo
Que vai numa espiral por muitos outros mundos

Ele faz estrelas azuis e pequeninas
Que saltam feito pipocas de sua retorta
Olha em volta cheio de tesão por tudo tudo
Mudo olha com esperança para essa criança

(Luis Carlos de Morais Junior e Eliane Marques Colchete)

– Então foi a cotovia, arauto da manhã, e não o rouxinol. Olha, amor, as riscas invejosas, que tecem o rendado nas nuvens que vão partindo para lá do amanhecer, do arrebol.

– Mas que nada, seu tolo, seu bobo, seu menino em forma de homem!! Então não sabe que o rouxinol canta na estrada, pra embalar o sono de todos os homens e o amor de quem ama sem ter planos??

– Você fala estrada e amor, e eu falo espada, aço do melhor. Daqui a pouco eles virão, e é por você que eu quero ir. Não quero que maculem nosso sonho com a sua incompreensão.

– Não vá ainda, querido, é cedo, é quase nada. Nem uma nesga de luz ilumina a madrugada. Ouve bem. Ouve com o ouvido da atenção. Quem canta? É a cotovia, ou é o rouxinol?

– Eu já não sei mais nada!!

– É o meu coração!!

(William Shakespeare e Luis Carlos de Morais Junior)

SUMARIUM

Liber Primus:
Alchimia sive Ars Transmutatoria

> De quibus equidem quid hac in re verius afferendum censeamus iuxta peritiorum semitam, breuibus, annuente domino aeterno omnipotenti, aperiemus.
>
> (Com aqueles que, de igual forma, observam as coisas verdadeiras, as buscamos, do mesmo modo que os peritos semitas, de forma breve, e, com o consentimento do Senhor da Eternidade Todo-Poderoso, iniciemos.)
>
> (Ioannis Augustini Pantheus)[1]

Dormivi et somniavit...

Eu dormi e tive um sonho...

Nele eu via uma longa estrada que passava pelo meio de uma floresta mediterrânea, pela qual eu caminhava. No alto de um monte se avistava um castelo, ao qual me dirigi.

Caminhei muitas horas, e, quando o dia se punha, cheguei ao sopé daquela colina.

Por algum motivo que me parecia tão óbvio dentro da lógica da trama do sonho, eu queria mais que tudo subir por ali, e adentrar a construção medieval. Por outro lado, havia um tremor paralisante, que concorria com o desejo de escalar a elevação, que me dominava.

Resolvi esperar e ver o sol nascer, para poder fazer a minha tentativa.

Subi a uma árvore, me aninhei entre seus galhos, e logo peguei no sono.

Dormindo eu tive uma visão, de que a árvore era um quarto de madeira, no meio do qual havia um caldeirão que fumegava, e dentro do qual eu me banhava. Tal banho era delicioso, como se fosse uma terapia da alma e do corpo.

Depois o caldeirão virou uma rede, do tipo que as usam os índios do Brasil, e que se balançava docemente, ao sabor de um vento contínuo mexendo com os galhos da árvore, sobre a qual a rede estava armada.

Dormindo na rede, no sonho que vinha para mim dentro do sonho, eu tive outra visão onírica, e já não estava no aposento, nem na árvore, mas no mesmo campo aberto, e diante de mim havia uma escada, que subia até os céus.

Implorei a Deus por minha vida e pela Sua Luz.

Senti que um raio me partia em dois, e eu caía ao chão, em duas metades, que se juntavam como um casal enamorado que se abraçasse no transe do amor. Ao estreitar a mim mesmo feito um outro pelo raio, a minha mente se viu invadida de um borbulhante caos, que tinha cor, calor e odor, um perfumado aroma, e na verdade várias cores, e muitas temperaturas, produzindo o seu somatório cálido efeito sobre mim.

Aí eu caí numa visão dentro desse calor do amor das duas partes fendidas de mim pelo raio, como se de novo estivesse a dormir, e essa nova visagem era aquela mesma do castelo, agora visto de dentro, onde eu conversava com uma linda princesa, e fazíamos juntos uma lauta refeição.

Música maviosa se elevada pelo ar e enlevava os nossos corações, e outro tépido efeito senti então, agora de pura afeição, o mais genuíno e intenso amor por aquela donzela.

Ao vê-la tão perto de mim, quis beijá-la, e o fiz, e ela me correspondeu, com ardor.

Mas, nesse exato momento, fui tomado como por uma espiral de energia que eu sentira vir um bilionésimo de segundo antes que ela viesse, e implorei que não, porque pareceria a coisa mais dolorosa do mundo. E a espiral veio, e eu caí por ela, e era tudo que eu pensava, e muito mais. Era como nascer, outra vez.

A dor e o prazer da espiral me fizeram acordar na campina, feito em pedaços que se abraçavam como num quadro de Salvador Dalí.

O susto da visão surrealista me fez voltar a mim na rede, e eu senti alívio e prazer ao ver que ali estava.

Esse prazer explodiu em ondas quentes, que me fizeram sair do sonho montado nos galhos da árvore, na frente do monte, em cima do qual estava o castelo.

Desci da árvore e fui subir pela colina. Todavia, nesse momento, eu despertei de novo, do primeiro sono.

E me vi diante do portal daquela insigne e gigantesca construção, pela qual adentrei.

Ali havia a música, a cor e o aroma com os quais eu fantasiara, no sonho (dentro do sonho (dentro do sonho)), e a mesa estava igualmente posta, com as mais finas e ricas iguarias.

Então eu vejo entrar na sala a mesma princesa com a qual durante toda noite eu sonhara.

Já não conseguia pensar muita coisa, mas ensaiei mentalmente algo assim: um ósculo, uma espiral, despertar, redespertar, para de novo me envolver nessa dança?

E ela apontou a casa do pavão, o magistério, o grão de areia, o manequinho e a escada infinita, e respondeu aos meus pensamentos, sorrindo para mim:

– Sim, conta sempre comigo, meu senhor.

A Alquimia é a arte e ciência que estuda a vida na sua manifestação germinal, e investiga os modos de operação com a pré-matéria formadora do cosmos.

Fulcanelli a diferencia daquilo que ele mesmo chama de Arquimia ou Voarcadumia, e, em nota, explica sobre a técnica metalúrgica:

> Se bem que essa definição conviesse mais à *arquimia* ou *voarcadumia*, parte da ciência alquímica que ensina a transmutação dos metais uns nos outros, do que à Alquimia propriamente dita.[2]

Não foi Fulcanelli quem a forjou, que já se encontra nos livros *Voarchadumia contra Alchimia*, e *Ars et Theoria Transmutationis Mettalicae cum Voarchadumia*, ambos de Ioannis Augustini Pantheus, editados em 1550 e 1566, respectivamente[3].

A Alquimia não é a Arte comum, ela não tem por escopo

produzir sensações e reflexões estéticas, exclusiva, ou primacialmente.

A Alquimia não é a Ciência vulgar, ela não estuda objetiva, racional e metodologicamente os fatos-dados que a natureza nos apresenta, digamos assim, já formatados. Ela estuda e trabalha com a força/forma/pensamento que produz esses fatos.

A Alquimia não é a Filosofia que todos conhecem, no sentido que esta é compreendida no ocidente, como uma reflexão racional e logológica (falada e escrita, usando a linguagem) sobre os fundamentos do ser e do pensamento do todo.

Mas, a Alquimia é sempre operativa, laboratorial, e só se faz orando (e cantando).

A própria palavra "laboratório", que ficou forte na ciência, e hoje se usa para quase tudo, é na verdade uma expressão alquímica, e dá conta da atividade de trabalhar e orar concomitantemente, o que é uma nova coisa, diferente, propriamente, alquímica.

Principalmente; a Alquimia não é interior, filosófica, espiritual, contemplativa. Os que veem nela somente alegorias de êxtases místicos não veem nada, ou quase.

O misticismo existe, todas as formas espiritualizadas e contemplativas também, mas, a Alquimia é outra coisa.

Nosso prezado Carl Gustav Jung errou feio, é muito importante entender, a leitura psicológica ou psicanalítica da Alquimia é uma das maiores bobagens e mais crassas deturpações[4].

A Alquimia se faz num plano pré-individual, não esquematizado, essa é a sua base.

Porém, a questão que bate de pronto para todo mundo, que deixa tanta gente embasbacada, e que leva muitos a duvidarem da viabilidade do nosso Filosófico operar: como se pode fazer na prática esse estudo, que tipo de Laboratório é esse, e mais, quais operações se podem realizar ali, se não são as químicas, e se nem "o nosso ouro não é o ouro vulgar" etc.

Pretendo responder da mais caridosa forma, na medida do possível, nos cinco livros da nossa *Alchimia seu Archimagisterium*

Solis, que é continuação de muitas outras obras que fiz, nas quais falo e escrevo sobre a mutação da consciência humana sob a égide da Literatura, Arte, Filosofia, Ciência, Música, Cultura, e, agora, explicitamente, da Alquimia[55]

Em todos meus trabalhos, sempre coloco múltiplas problemáticas polifônicas, e uma das mais presentes é a nossa Arte, como podemos ver mesmo num relance, ao considerar os títulos dos livros.

Com minha esposa Eliane Colchete (Eliane Blener), escrevi e publiquei:

1) Y e os Hippies (2009) – trata de um modo alternativo de vida, da questão genética da humanização, do masculino e feminino e da simbologia da letra Y.

2) O Caminho de Pernambuco (2010) – poema infantil, fala de um mago que auxilia as crianças, e da transmutação espaciotemporal e individual, bem como do aprendizado da arte como processo operativo.

3) Crisopeia (2010) – o título já é um dos nomes da Grande Obra, a transmutação do metal vil em ouro, e é uma fábula sobre a evolução da consciência e as bodas herméticas.

4) Clone versus Gólem (2010) – outro livro infantil, narrativa que versa sobre a fabricação de um gólem e a contraposição política de ciência versus sabedoria, assim como do aprendizado da vida e com as pessoas.

5) O Portal do Terceiro Milênio (2011) – outra fábula sobre o casamento alquímico, a transmutação da consciência e o continuum espatio/tempus.

6) Abobrinhas Requintadas (Exquisite Zucchinis) (2012) – nosso diálogo poético amoroso, que aborda mil temas relacionados.

O mesmo se dá, se considerarmos os títulos dos outros livros que fizemos.

No meu ensaio de ensaio "Hermetico", que consta de *O Estudante do Coração*, 2ª edição, revista e amplificada, podemos ler que as reações ininterruptas de fusão nuclear que emitem todas as radiações de um astro, e mantêm a sua massa no quarto

estado da matéria, chamado pelos físicos plasma, produzem ininterruptamente átomos de hélio, peso atômico 2, fundindo dois átomos de hidrogênio, de peso atômico 1 (1 próton e 1 elétron).

Mas, reações espaciais mais especiais, quando os sóis se formam, ou quando explodem numa supernova, atingem graus ainda bem mais altos de temperatura e pressão, e fazem com que ele emita uma cascata de radiações e de átomos com maior peso atômico, todos os outros (depois do hélio), até o urânio (e depois), os quais são formados nessas explosões, em tremendas reações de fusão de núcleos de hidrogênio.

O universo inteiro é constituído de hidrogênio, sendo os sóis momentos mais densos da sua ocorrência no continuum espaço/tempo, o mesmo acontecendo com os astros mais frios, cometas, planetas, luas e outros, que também podem ser encarados como constituídos de vários constructos mais densos ainda e com numerosas montagens dos átomos de hidrogênio.

Outro caso que abordo no ensaio, é aquele da alimentação dos seres vivos.

Tudo que ingerimos são substâncias, compostas de um ou mais elementos, que o trato digestivo e as células aproveitam, como moléculas das substâncias mesmas, ou reduzem a moléculas menores, como no caso das proteínas animais e vegetais, que aproveitamos como aminoácidos (que também são moléculas, menores que as proteínas, que as constituem) ou elementos (às substâncias correspondem moléculas, e átomos aos elementos).

O ser vivo também é capaz de fazer transmutações elementares, inconscientes.

Os ovos são fundamentais para a reprodução das aves, e a casca é essencial para que o ovo possa germinar e eclodir. Para que a casca seja forte a ave precisa de muito cálcio na sua alimentação (ossos e cascas são feitos de cálcio). Quando os experimentadores retiram esse elemento da alimentação das galinhas, no entanto, elas fazem internamente a transmutação de algum outro elemento presente na sua dieta em cálcio, por

exemplo, o potássio, K, peso atômico 19, que se torna cálcio, Ca, peso atômico 20, pela adição de um próton e um elétron.

Você sabe os multivitamínicos que se compram e que contêm todas as vitaminas e sais minerais necessários no metabolismo humano? O esperma humano contém todas essas vitaminas e sais minerais, mesmo que não estejam presentes na alimentação do homem.

O mesmo se dá com o colostro, o leite que o recém-nascido mama, pela primeira vez, e que é mais rico do que todos os outros, trazendo todos os nutrientes e anticorpos necessários para o bebê.

Assim como, na cauda locomotora do espermatozoide, há átomos de ouro, sempre, ainda que o seu produtor não ingira vestígios dessa substância. Logo, o pai que gera e a mãe que gera e alimenta, produzem, em seus corpos, transmutações que viabilizam o espermatozoide e o colostro.

O mesmo se dá com o cálcio da casca dos ovos das aves: se tal elemento for retirado da sua alimentação, elas mesmo assim botarão ovos com cascas de cálcio, por transmutação.

Há uma mente no corpo, nos órgãos, nos tecidos e nas células, que parece que sabe o que pode e deve fazer. Há uma mente na semente (a automente, isto é, a mente de si de cada ser).

Nessa visão, os átomos não são mais aquilo que seu nome diz, indivisíveis, mas sim construções de elétrons, prótons e nêutrons, os quais, por sua vez, são montagens de outras partículas, que podem se combinar entre si de uma forma mais essencial, não só pelas ligações químicas, mas nas estruturas físicas, que ultrapassam a sua colocação na tabela periódica, isto é, a sua elementaridade.[6]

Ali eu argumentava exclusivamente baseado na Física e na Química tradicionais, era um pouco da arte do convencimento, mas muito de disfarce.

Este livro aqui se liga a um projeto contínuo chamado Aquarius, que começou no Ano 2000 d. C., que conta com os seguintes volumes:

I) Aquarius 1 – *Courier New* – 2000

II) Aquarius 2 – *Guerra e Amor* – 2001

III) Aquarius 3 – *Mensagens na Garrafa* – 2002

IV) Aquarius 4 – *Homo futurans* (ou: A Fundação do Petrelismo), que constitui o Liber Quintus: Alchimia vel Meta Optata desta *Alchimia seu Archimagisterium Solis*

V) Aquarius 5 – *O mundo inteiro está falando de nós dois* – Livro-diário de Bordo do Ano de 2008

Estes livros se constituem em epopeias líricas e poesias temporalizadas, pois acompanham o tempo daquele ano, no qual estão inscritos e escritos, e fazem *pendant* com minha parceria com Eliane Marques Colchete, *O Portal do Terceiro Milênio*.

Aquarius 5 acompanha cada dia do ano, e, na oitava que corresponde a 15 de Abril de 2008, podemos ler:

> Vivemos numa bolha protegida
> Chamada vida
> Nós somos o piloto da onda viva
> Saber ousar fazer
> Antes de tudo
> Ler reler orar e labutar
> Vir ver e vencer
> Antes de tudo é necessário crer[7]

Já, em 8 de Julho de 2008, escrevi assim:

> A fragilidade dos átomos
> E das partículas subatômicas
> Na verdade a sua suavidade
> A sua atemporalidade
> E amaterialidade
> Eles que são a estrutura de tudo
> Êh, como já dizia mestre Helvetius:
> "Os homens são os inventores da matéria"[8]

Agora me decidi a realmente escrever um livro mais caridoso, de clara natureza alquímica, pois percebi que não é preciso haver mais tanto acobertamento.

O que levava os alquimistas do passado a esconderam tanto, tantas coisas?

Podemos pensar nas seguintes arestas desse nosso sólido eneadimensional:

1. Defender-se da perseguição pública;
2. Defender-se da perseguição religiosa;
3. Defender-se da perseguição estatal;
4. Defesa contra o abuso de alguma autoridade que quisesse se aproveitar de seus poderes;
5. Respeito à lenta evolução da humanidade, que ainda não poderia perceber nem receber bem certas verdades;
6. Consideração ao fato de que cada ser humano evolui na sua velocidade própria, e não se pode forçar o desabrochar de cada um;
7. O próprio fato de que as verdades que são percebidas pelo alquimista não são comunicáveis pela mente e pela linguagem comuns;
8. Cuidado com o sistema econômico mundial e da sua nação, pois o surgimento repentino de muito ouro (fabricado por inescrupulosos e inconsequentes) produziria o caos nas economias;
9. As riquezas espirituais e dons materiais que a Alquimia proporciona seriam destinados a quem os merecesse perante Deus, e não podemos interferir no mérito e no desenvolvimento de cada um;
10. As forças e técnicas que a Alquimia lidera são muito avançadas e liberam muito poder, e não devem ser divulgadas a torto e a direito, para os que têm e os que não têm um critério moral referente ao seu uso (ou abuso, como no caso da Física, da Biologia e da Química, e muitas outras ciências atuais).

Sobre as causas e a efetividade dessa dificuldade, vejamos como o resume a Enciclopédia on line mais famosa da web:

A própria palavra "hermético" sugere a dificuldade dos textos dos autores alquímicos. Esta tem por causas:

- Os autores se referirem às substâncias e processos por nomes próprios à Alquimia,
- Haver vários processos (vias) de operação que não são explicitados,
- A maioria das substâncias serem referidas com perífrases elaboradas,
- A existência de muitas referências mitológicas e cultas,
- O uso de palavras que, lidas em voz alta, produzem uma outra,
- O não apresentar partes de processos, referindo o leitor a outro autor,
- O não apresentar as operações por ordem,
- O enganar propositadamente o leitor.

Em alguns casos (e.g. *Mutus Liber*, "O Livro Mudo"), a exposição é feita apenas, ou predominantemente, por gravuras alegóricas. Escrito dessa maneira, até um livro de culinária seria impenetrável em seu conteúdo. As finalidades deste obscurecimento eram proteger-se de perseguições e não deixar os processos caírem na via pública.

Qualificações habituais dos autores são o ser "caridoso", se expõe os seus temas corretamente, ou "invejoso" (cioso do seu conhecimento), se engana o leitor. Um autor pode ser caridoso num trecho e invejoso em outro.[9]

Relacionados ao que ora citamos, e aos dez motivos da ocultação que acima aventei, gostaria de reportar os conselhos que Mestre Alberto nos dá em sua obra *De Alchimia*:

1. O alquimista será discreto e silencioso; não revelará a ninguém o resultado de suas operações.
2. Habitará, longe dos homens, uma casa particular na qual terá duas ou três peças exclusivamente destinadas às suas operações.
3. Escolherá cuidadosamente o tempo e as horas de seu trabalho.
4. Será paciente, assíduo e perseverante.

> 5. Executará, segundo as regras da arte, a trituração, a sublimação, a fixação, a calcinação, a solução, a destilação e a coagulação.
> 6. Não se servirá senão de vasos de vidro e potes de louça a fim de evitar o ataque dos ácidos.
> 7. Será bastante rico para fazer as despesas que exigem tais operações.
> 8. Evitará, sobretudo, ter qualquer relação com príncipes e senhores. Efetivamente, primeiro esses apressariam sua obra, em seguida os piores tormentos o esperariam em caso de insucesso e a prisão o compensaria em caso de sucesso.[10]

Devemos considerar estas máximas *cum grano salis*, pois, assim como o nosso ouro não é o ouro vulgar, ser rico não é necessariamente o que o vulgo assim entende, ou a glória do mundo (de que trata Hermes Trismegistos na sua *Tábua de Esmeralda*) pouco ou nada tem a ver com a gloríola.

Na mesma obra onde haurimos estas máximas, podemos ler na íntegra os *Princípios de Philalèthe*, extraído do texto "Uma exposição sobre a Epístola de Sir George Ripley ao rei Edward IV", incluído em *Ripley Reviv'd: or, an exposition upon Sir George Ripley's hermetico-poetical works* (*Ripley Revivido: ou, uma exposição sobre as obras hermético-poéticas de Sir George Ripley*), Londres: 1678, que ofereço ao leitor no Anexo B, em uma versão alternativa, bem como acrescento no Anexo C o mesmo texto em francês, as *Regles du Philalèthe pour se conduire dans l'œuvre hermétique*.

Antes devemos separar as três Artes pelas quais se manifesta a Alquimia, e que abrangem campos tão solidamente preparados, irrigados e semeados:

I – A Espagíria – arte/ciência/mística de separar e unir as partes das substâncias para prover a sua sublimação.

II – A Voarchadumia – aplicação específica da espagíria ao reino mineral, especialmente a pedras preciosas e metais.

III – A Alquimia – que é a "meta optata", o nosso "objetivo desejado", como a chamo, a heraclítica chama, ou o "desejo desejado", conforme afirma Nicolas Flamel.[11]

Sobre a nossa Arte em seu núcleo operativo falarei no Quinto Livro desta obra, sob a técnica nomeada por Veloso de "proesia"[12], para homenagear a escrita do poeta Campos, ou talvez sob a égide daquela iluminada "prosa porosa", segundo o dizer de seu irmão:

> cansado do critiquês
> a linguagem
> inevitavelmente
> pesada
> e pedante
> das teses sem tesão
> e das dissertações dessoradas
> em que se convertera
> em grande parte
> a discussão da poesia entre nós
> pensei em Flaubert
> *quando é que seremos artistas*
> *nada mais que artistas*
> *mas realmente artistas?*
> e em pound
> *conversa*
> *entre homens inteligentes*
> e me disse
> com esperança:
> por que não
> recortar
> as minhas incursões
> de
> poeta-crítico
> em prosa porosa?[13]

A Alquimia pode ser melhor compreendida se considerarmos o lema: "um só vaso, uma só matéria, um só forno".[14]

> E esta "via interior", esta "via sacra", que parte desta "pedra negra hierática" /.../, desta "pedra que não é pedra", mas sim κόσμου μίμητα – "imagem do cosmos" –, do "nosso chumbo negro", (sob este ponto de vista, trata-se de vários símbolos do corpo humano), esta via ao longo da qual surgiram Heróis e Deuses, "céus" e "planetas", homens elementares, metálicos e sidéreos,

está enigmaticamente encerrada nas siglas VITRIOL, explicadas assim por Basílio Valentim: "*Visita Interiora Terrae* [*Terra = o corpo*], *Rectificando Invenies Occultum Lapidem* [percorre as entranhas da terra (do Corpo), e rectificando encontrarás a pedra oculta]". Ao longo dessa via, o conhecimento de si mesmo e o conhecimento do mundo intercondicionam-se, até se tornarem em uma só e mesma coisa maravilhosa, verdadeiro objetivo da Grande Obra ou Opera Magna: pois que aqui fora (como em cima assim também em baixo, como no espírito na natureza), tal como no organismo humano, se encontram presentes os Três, os Quatro, os Sete, os Doze; Enxofre, Mercúrio, Sal; Terra, Água, Ar, Fogo; os Planetas; o Zodíaco. "O forno é único – dizem enigmaticamente os Filhos de Hermes –, único o caminho e única também é a Obra". Há uma só Natureza e uma só Arte... A operação é única, e fora dela não há nem existem outras verdadeiras".[15]

Ou, como expressa nosso amado Fulcanelli:

> Aqui, um pensamento, fundado no dogma da unidade, resume toda a filosofia: *Omnia ab unum et in unum omnia* – Tudo provém da unidade e a unidade contém tudo.[16]

Seu livro é por nós considerado o mais dadivoso; na verdade, sua trilogia, que aceitamos na íntegra.

Os casos da aparição física, jovem e feminina do mestre, a seu pupilo Canseliet, já maduro, e a publicação do original enviado a Jacques d'Ares (Presidente de Honra do Centre Européen des Mythes & Légendes) pela internet, em 1999, da nova versão reescrita pelo autor de *Finis Gloriae Mundi*[17], não devem ser considerados mistificações, do ponto de vista alquímico, mas sim sutis ocorrências da transubstancialidade real.

Quando Fulcanelli, na obra *As Mansões Filosofais*, procede ao levantamento possível da etimologia para a palavra "Alquimia", e inicia a distinção entre esta e a Voarcadumia, o trabalho de transmutação dos metais, consegue estabelecer uma das mais claras apresentações da nossa Arte:

Mas nós sabemos, por outro lado, que o nome e a coisa se baseiam na *permutação da forma pela luz*, fogo ou espírito; é esse, pelo menos, o verdadeiro sentido que a *língua das Aves* indica.[18]

Another tip, isto é, uma outra luz sobre a questão, extraída de *La Grand Oeuvre*, do alquimista moderno Grillot de Givre, dão-nos os versos latinos da *Philosophia Rephormata* de J. D. Milyus, Frankfurt, 1622, por ele citados:

Ut corpus nostrum tenues vertatur in auras,
tollitur es humili rursus ad alta loco.
Rex tibi phoenicem, cygnum regina reportat,
egreditur iatebis tum lupus ipse suis.
Stant in Apillinea crescentes arbore fructus;
matura in hinc tempus gramina falce metit.

Aos leitores que preferem reler os versos de Grillot de Givry em vernáculo, forneço esta versão muito livre que fiz:

Para que o nosso corpo se torne um ar ligeiro
tire-se a terra dele, em vezes sucessivas.
O rei te ofertará a fênix, e a rainha, o cisne,
ainda que o lobo apareça, saindo das cavernas.
Nas árvores, douram os frutos de Apolo;
e o tempo com sua foice corta a erva madura dos campos.[19]

Chamo-a de Meta Optata, no entanto, ela possui vários epítetos, Hiperquímica, Ars Magna, a Grande Arte, Arte Real, a Arte por Excelência, a Arte do Artista, a Arte das Artes, a Filosofia, a Cerâmica Divina, a Agricultura Celeste, a Escrita Sagrada...[20]

Os simples nomes já falam quase tudo, para quem puder e quiser ver.

– Onde mais entendes, mais podes amar ou desamar o que entendes; e onde mais podes amar ou desamar, mais podes entender. Ora, se Deus é homem e nasceu homem de mulher virgem, e se isso entendes e amas,

> maior é a flor acima dita que não o seria se amasses este fato mas não o entendesses, ou se entendesses e o desamasses. E se isso não fosse assim, seguir-se-ia que a prudência e a caridade seriam contrários, e que a prudência e o contrário da caridade concordariam, e que a caridade a imprudência conviriam, e isto é impossível. Esta impossibilidade significa que aquilo pelo que a prudência e a caridade melhor convêm, convém ao ser.[21]

Reconheço amplamente a humildade do meu talento, diante da tarefa de que fui incumbido. Não obstante, prometo me esforçar ao máximo por cumpri-la da melhor maneira possível, dentro das minhas forças.

Explicar a Alquimia é o trabalho impossível que nesta obra me proponho, depois de tantos mestres maravilhosos, tão mais competentes que eu, dos quais, podemos citar, entre outros: Hermes Trismegisto, Enoch, Jetro, Moisés, Salomão, Pitágoras, Demócrito, Cleópatra, Maria, a Judia, Dioscórides, Ammonius Saccas, Alexandre de Afrodisisas, Zózimo, Bolina, Jaber abu Musa, Khalid, Morienus, Abu Musa Jabir ibn Hayyan (Geber), Abū 'Alī al-H usayn ibn 'Abd Allāh ibn Sīnā (Avicena), Calid, Albertus Magnus, Guido Bonatti de Forlì, Roger Bacon, São Tomás de Aquino, Arnald de Villanova, Raimundo Lúlio, Afonso X, Nicholas Flamel de Pontoise, Christian Rosenkreutz, Paracelso, Maximiliano II de Habsburgo, Giovanni Battista della Porta, Irineu Filaleto, Conde de Saint Germain, Borri, Anselmo Caetano Munho's de Avreu Gusmão Castelo Branco, Alberto Poisson (Filofotes), Papus (Gérard Encausse), Marquês de Saint-Yves d'Alveydre, Isaac Newton, Fulcanelli, Eugène Canseliet, Armand Barbault, Rubellus Petrinus.[22]

E, é claro, o maior de todos os mestres, Jesus de Nazaré, o Nosso Amado Senhor Jesus Cristo, o supremo Artista ou Alquimista do Arquimagistério Solar.

Liber Secundus:
Alchimia sicut Exalchimia

> É comum encontrar nas moradas dos alquimistas, entre muitos outros símbolos herméticos, músicos e instrumentos musicais. Entre os discípulos de Hermes, a ciência alquímica (e diremos por que no decorrer deste livro) era chamada de *Arte da música*. (Fulcanelli)[23]

Boa parte dos livros de Alquimia trata na verdade daquilo que eu chamo por ExoAlquimia, e que pode se expressar pela história externa do movimento de pensamento que ela instaura, anedotas mais ou menos pertinentes e/ou significativas sobre a vida e a atuação dos Filósofos Herméticos, ou/e relações de outros misteres e fazeres com a nossa Arte; como constam, a Música, a Poesia, a História, a Literatura, a Filosofia, o Teatro, a Arquitetura, a Escultura, a Pintura, o Cinema, a Dança etc., etc... até na Culinária: Archimagirus é o cozinheiro-mor.

Seria ocioso levantar a longa e rica história, ou catalogar autores. Na verdade, esse trabalho sempre pode ser pletórico e inédito, porque a matéria tende ao infinito. Mas, neste espaço que agora ocupamos, nosso projeto é fazer a distinção das várias camadas da cebola, e falar um pouco do seu núcleo.

Então começamos aqui, dedicando um olhar àquilo que eu chamo Alquimia Exterior (nas suas harmonizações com outras artes), ou ExoAlquimia.

Não concordo com a expressão "Alquimia interior", que tenta espiritualizar ou psicologizar a prática. Mas proponho a expressão "exoAlquimia" ou "Alquimia exterior", para falar de relações de

apropriação e contágio que a Alquimia faz com todas as coisas, até mesmo com a psicologia. Nesse sentido, as obras de Jung e von Franz são "Alquimia exterior"!

Como este livro se propõe a abordar os cinco aspectos da Arte Magna, dedicarei este capítulo à ExoAlquimia, na figura de alguns músicos populares brasileiros que mantêm com nossa matéria alguma relação, consciente ou in, manifesta ou não.

Como o enfoque aqui é a ExoAlquimia, a escolha dos corpi não é exaustiva, nem desenvolvida na mesma dimensão que fiz em outros livros sobre Música, como se dá, por exemplo, com *O Sol Nasceu pra Todos (A História Secreta do Samba)*.

α – Brasilia saltat aut sambae girder (Brasil rocks ou: a viga-mestra do samba)

> Gastão Formenti dá uma "Tarde no Leblon" digna de menção pela frescura das tintas e excelência do céu.
> (Monteiro Lobato)[24]

Quero fazer este parágrafo apenas porque tenho algo a dizer antes de falar dessa meia dúzia de quatro ou cinco pensadores que engajam a música popular e contribuem em muito para a engenharia humana e da noção, e nele quero utilizar a imagem que está na obra de Heinrich Khunrath (Dresden ou Leipzig, c. 1560 – Dresden ou Leipzig, 9 de setembro de 1605) chamada *Amphitheatrum Sapientiae Aeternae*[25], a ilustre gravura que tem por título "Primeiro estágio da Grande Obra", mais conhecida como "O Laboratório do Alquimista" (a qual dizem que teria sido feita pelo pintor e arquiteto Hans Vredeman de Vries).

Como toda figura alquímica, esta traz muita informação e vários significados múltiplos, e agora comento somente dois.

O espaço é gigantesco, amplo, clássico, e em todo ele, espalhados com e à vontade, estão alguns poucos instrumentos de destilação e vasos, esse é o laboratório operativo. À esquerda de quem olha há uma tenda mística, em frente à qual, ajoelhado, está Heinrich Khunrath, de braços abertos, orando, adorando, invocando. Esse é um aspecto, o laboratório é também um

oratório, que inclui a meditação e o êxtase místico, bem como a entrega ao poder superior.

No centro da imagem vemos uma grande mesa, e, em cima dela, utensílios alquímicos e instrumentos musicais. Esse é o outro aspecto. "A Alquimia é o aumento das vibrações".[26] E esse aumento, o alquimista faz, também, por meio da música. Portanto, pronto, este é o novíssimo "prefácio interessantíssimo"[27], deste aqui.

Há no mínimo três tradições musicais, que estão na aurora dos tempos dos primatas que usam signos verbais; nós.

Uma é a chamada "popular", e tem um nome ainda pior, "folclórica".

Nesta prática, os "gêneros" são as próprias melodias, que se repetem indiscriminadamente, ou pouco variam, de uma peça a outra. Está presente na Idade Média europeia, nos cantadores nordestinos, e também nos sambistas tradicionais ou não, "de raiz" ou do pagode: quanto mais reconhecível for a melodia, o discurso e a melotrônica, melhor para seus ouvintes. Mesmo a música popular generalizada muitas vezes age assim.

Outra é a representada pela institucionalização dessa arte como algo original e autoral, que se cristalizou na música de câmera e operística, e também se desdobrou na música popular comercial do século XX (que tem, portanto, as duas vertentes; aliás, tem as três). Esta prima por melodias pretensamente sempre novas, e harmonias mais originais e complexas. Na verdade, ela é a miniaturização e complexificação da anterior, pois, dentro de uma estrutura muito mais complexa e refinada de repetições, também trabalha com o esperado na percepção sonora, tonal, rítmica, melódica e harmônica. E poética.

E há ainda aquela que preza a pura criatividade, sempre desbordando, frustrando, superando ou enriquecendo demais a expectativa padrão, e assim, constituindo uma verdadeira criatividade, que abre caminhos para o novo na música, e é muito nova, representando um desafio para as expectativas de gosto simples (primeira audição/tradição) ou refinado (segunda

audição/tradição). Esta também se perde nos tempos, não sei quando começou, nem sei se dá para saber, pois é a menos registrada ou respeitada, seus autores são muitas vezes chamados de "loucos" ou "perversos", injustificadamente. Penso que ela é a própria origem da música no mundo e na humanidade.

Pois bem, no século XIX e no XX essa tendência ganhou o apelido de vanguarda.

A música no Brasil passou por vários desafios.

Um deles é a nossa própria musicalidade, na sua fluência selvagem, que todo ser humano tem, ao lado da técnica primorosa que a Europa nos dava, em tom e harmonia.

O índio os tinha, e riquíssimos, o negro também. Essa síntese (e outras, de outras culturas que aqui aportaram) é outra demanda forte. Negros, mestiços e índios que se tornavam geniais virtuoses e compositores, escapando assim da "realidade" da escravidão e do preconceito social subsequente, como no caso do padre José Maurício.

Em *Crisólogo*, estabeleço a relação dessa nossa nova consciência miscigenada no Brasil com o Fruto de Ouro do Jardim das Hespérides (aquele que fica mais a oeste).

O encontro de sementes do pensamento lançadas através do eixo que passa pela Ásia, a Oceania, a África, a Europa, a Atlântida e chega à América, em nosso solo fértil produz a floração da humanidade supermiscigenada, que aponta para uma nova espécie, herdeira de tudo o que se lembra e se pensa que esqueceu.

Na América nasce o fruto dourado do sol, que Caetano Veloso chamou de "milagres/de fé no extremo ocidente" (canção "Milagres do povo", da trilha musical da série de tv *Tenda dos milagres*, Globo, 1985).

Cumpre lembrar ainda que Sousândrade relaciona miscigenação e Alquimia, quando, ao criar a bandeira do estado do Maranhão, utiliza as cores negra, branca e vermelha, símbolo das três raças e/ou das três grandes fases da Obra.[28]

Também em Jorge Mautner, no livro *Proteu ou: A Arte das*

Transmutações, que sobre sua literatura e sua música escrevi, eu vi essa relação, e ainda mais, outra, importantíssima, na interface transmutadora com a séria ciência oficial, quando comento que ele procede à identificação einsteniana de matéria = energia, e espaço = tempo, e recusa a ideia linear de tempo (e, com seu conceito termodinâmico do Kaos, afirma a convivência de tempos diferenciados em uma paisagem energética; note-se que Kaos é um conceito físico, a par de ser filosófico e artístico), assim como também não aceita a teoria da expansão linear permanente do universo (todo energético-material), o que implicaria na linearidade temporal.

Sua teoria da pulsação cíclica aponta para um tempo também cíclico, onde cabe a diferenciação em espiral, aumentar a intensidade das tensões[29]. O Kaos me parece mais afim com uma concepção de tempo como paisagem de simultaneidades diferenciadas e semi-comunicáveis, aproximando-se da concepção cósmica de Stephen Hawking.[30]

Quando originalmente lancei *Proteu*, em 2004, um professor de Física, meu colega, leu o livro, e o atacou veementemente, por eu ousar reconhecer em Mautner um pensamento físico, e por "dizer besteiras", com essas teorias sobre o universo circular.

Agora são os cientistas de ponta que a aventam, como podemos ver no artigo que cito na íntegra (pela sua relevância ao caso):

> Dizem que o Big Bang foi o princípio do Universo. Mas, segundo Roger Penrose, prestigiado físico da Universidade de Oxford, ele também foi o fim de um outro universo que existia antes deste. E, melhor, o britânico diz ter agora evidências concretas sobre esse ciclo cosmológico.
>
> Trabalhando em parceria com o armênio Vahe Gurzadyan, da Universidade Estadual de Yerevan, ele há três anos analisa a série de dados do satélite WMAP. A sonda americana foi projetada para fazer um mapeamento universal da radiação cósmica de fundo – um "eco" do Big Bang gerado quando o Universo tinha menos de 400 mil anos de existência, detectado pelo satélite na forma de micro-ondas. Hoje, o cosmo tem 13,8 bilhões de anos.

Penrose e Gurzadyan vêm dizendo, desde 2010, que conseguiram detectar pequenas flutuações na radiação cósmica de fundo, na forma de círculos concêntricos.

Isso, segundo eles, seria resultado da colisão de buracos negros gigantes numa época que precedeu o Big Bang. Ou seja, seria implicação de que o Universo já existia, em outra forma, antes do período de expansão que conhecemos e observamos hoje.

Os cosmólogos constataram, com alguma surpresa, que os círculos apontados por Penrose e Gurzadyan estavam de fato lá, e haviam passado despercebidos até então. Entretanto, realizando simulações de como seria a radiação cósmica de fundo com base na cosmologia clássica – para a qual tudo começa no Big Bang –, constataram que os círculos também apareciam.

Ou seja, o fenômeno era real, mas a parte que dizia respeito a outro universo antes deste parecia ser apenas elucubração da dupla. Penrose e Gurzadyan agora voltam à carga, com novas evidências. Em uma análise mais profunda dos círculos, publicada recentemente no "European Physical Journal Plus", eles concluem que o padrão observado se encaixa melhor na hipótese de um universo cíclico, com eventos que antecedem o Big Bang.

A dupla agora trabalha na análise de dados do satélite europeu Planck, que faz basicamente a mesma coisa realizada anos atrás pelo WMAP, mas com mais precisão. "Nosso trabalho está avançando", disse à Folha Gurzadian. "Contudo, pretendemos divulgar os resultados inicialmente para especialistas".

É PAU, É PEDRA

Os dois não se incomodam com a baixa receptividade da comunidade científica à ideia. "A hipótese da cosmologia cíclica é baseada numa geometria não convencional, então não é estranho que as ideias precisem de mais tempo para serem mais bem acolhidas", diz Gurzadyan.

Ele e Penrose continuarão buscando confirmação da hipótese no estudo da radiação cósmica de fundo. Mais adiante, eles também esperam encontrar corroboração em fontes de mais difícil acesso, como a detecção de ondas gravitacionais emanadas do próprio Big Bang.

> "Existe um certo consenso de que fases pré-Big Bang de fato deixariam marcas na radiação de ondas gravitacionais de fundo", confirma Odylio Aguiar, pesquisador do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) que lidera o projeto do detector de ondas gravitacionais Schenberg, instalado na USP.
>
> Infelizmente, nem o Schenberg, nem seus equivalentes internacionais conseguiram até agora detectar qualquer onda gravitacional, muito menos as emanadas pelo Big Bang. Os grupos seguem em busca desse objetivo.
>
> Enquanto essa nova fonte de dados não jorra, Gurzadyan aposta que uma reinterpretação de antigas evidências à luz da teoria da cosmologia cíclica possa dar novo significado a elas. Por ora, a despeito do prestígio que Penrose empresta à ideia, a maioria dos cosmólogos ainda se agarra à ideia de que tudo começou com o Big Bang. [31]

Ouroboros vibra, ri, dança, canta, e (re)produz.

Outro exemplo bonito é a forma como o cantor seu Jorge (Pelé) "devora" e pare de novo as canções de David Bowie, no filme *Vida com Steve Zissou* (*The Life Aquatic with Steve Zissou*, USA, 2004, direção de Wes Anderson, com Bill Murray e Owen Wilson).

> Se fizerem um show com todas as músicas de Noel Rosa, Tom Jobim ou Ary Barroso, eu vou e assisto dez vezes. Mas saio de lá sem achar que passei a tarde numa biblioteca. Não se trata de cultura e muito menos de alta cultura. Gosto da música popular brasileira e também da de outros países, mas a música popular não se confunde com a erudita. Então, como é que letra de música vai se confundir com poesia?[32]

Essa fala é de Bruno Tolentino. E eu digo que ele é um tolo, seu menino.

Tantos poetas que hoje lemos em livros faziam canções e tocavam viola, como Gregório de Matos (barroco) e Domingos Caldas Barbosa (árcade), mestiço que despertou inveja em Portugal (até no genial Bocage!), onde foi cantar[33].

Tomás Antônio Gonzaga, o Dirceu da Marília[34], canta assim na Lira I, pra sua amada:

> Com tal destreza toco a sanfoninha,
> que inveja até me tem o próprio Alceste:
> ao som dela concerto a voz celeste
> nem canto letra, que não seja minha.[35]

O que não prova quase nada, mas quase prova, por exemplo, que ele tocava, e cantava, e, pelo menos em alguns casos, seus poemas eram dublês de "letras".

Novos desafios: a liberdade a conquistar dentro da liberdade conquistada, e inventar uma forma brasileira, que pode ser samba, ou choro, no final das contas, mas que já é totalmente original. E que, desde o início, se mesclava com as ondas que vinham de fora, as ondas sonoras, "influência do jazz", e de tudo o mais, como mostrei no já citado *O Sol Nasceu pra Todos*.

João Gilberto canta e se acompanha ao violão.

Houve outras formações, orquestra sinfônica, arranjos orquestrais de Tom Jobim, seu piano, o sax de Stan Getz, cantoras maviosas ao seu lado.

Mas o melhor é João Gilberto tocando sozinho, se acompanhando ao violão, e cantando junto. Ali está tudo. E tanta gente já falou isso. Mas é uma estupefaciente verdade!

Em 1966, a irmã do Chico Buarque, Miúcha, casada com João Gilberto, uma foto dos três, na casa do casal, nos Estados Unidos. Chico segura o violão e sorri, Miúcha o olha e ri também, João Gilberto faz uma cara lírica, olhando pro instrumento. Atrás dos três, a biblioteca do João, cheia de obras alquímicas, entre elas *De Re Metallica*, de Georgius Agricola. Sambista metalúrgico metaleiro? Mentalista? O que fazem obras herméticas na sua coleção?[36]

Georgius Agricola recusa em seu prefácio qualquer relação de sua obra técnica com a Alquimia. Essa reedição citada, traduzida do latim em 1556, por Herbert Clark Hoover e Lou Henry Hoover, trata a obra como precursora das técnicas de

prospecção mineral e metalurgia. Mas como ignorar toda a "língua dos pássaros", ou diplomacia, presente em toda a obra? O argot, ou cabala fonética, que há em latim, e na versão angla, inclusive. Ou o link das técnicas citadas com as mais refinadas, da voarchadumia? Isso é milenar, e está bem documentado por Mircea Eliade, na sua obra *Ferreiros e Alquimistas*.[37]

E, importante fator, o nome adotado do adepto (Fulcanelli reconhece até no antropônimo Ovídio um adeptado alquímico). Georgius vem do grego, e significa camponês, mas também "o homem de Gaia", da terra. Agricola é latim, significa aquele que trabalha a terra. De certa forma, o mesmo significado repetido, o nome duplicado nas línguas helênica e românica.

Como nosso admirado autor metálico poderia ser mais claro?

Onde mora a dúvida?

Aqui: que fazia João, com obras tais?

Os cantores e as cantoras, eu escrevo mas são tantos, tantas, que apenas faço uma alusão, em cada livro que tange a música, a alguns que admiro, e ouço.

Dora Vergueiro é outra grande cantora, que tem uma voz linda, clara e afinada, e um repertório de responsa e respeito, supersofisticado, e, ao mesmo tempo, com toda a pegada popular.

Neta de Antônio Cândido (por parte de mãe) e de Guilherme Fontainha (por parte de pai). Grandes figuras, letras e músicas.

Seus vídeos e shows têm, além da beleza do canto e do instrumental, e a sua própria, pessoal, uma grande leveza, um enorme alto astral. Por exemplo, no vídeo da canção "Clareou". A gente percebe que ela tem prazer fazendo aquilo, dançando, cantando, navegando, mergulhando. Mergulha no mar e no som.[38]

Mais uma coisa. O que leva os ouvintes a amarem tanto o canto torto e granulado de Cartola, Adoniram Barbosa e Nelson Cavaquinho??

ω – Lapis de genesi

> Já fui macaco em domingos glaciais
> Atlantas colossais
> Que eu não soube como utilizar[39]

Assim Raul Seixas canta: "eu sou cachorro urubu", e confessa que "com o meu bodoque sempre no pescoço/eu exijo o meu osso"; o bodoque é pra quebrar as "janelas do velho ricardo", pois "nessa vizinhança/sou filho bastardo"; ele que é "índio sioux" porque está pra sempre "em guerra contra o zé u" (versos das canções "Cachorro-urubu" e "Moleque maravilhoso", dos LPs *Krig-ha Bandolo* e *Gita*).

Zé U é a antropofagização do topônimo The United States of America.

É engraçada essa sua guerra contra os est-eits, pois (nascido em 28 de junho de 1945), aos doze anos vai morar com a família (pai Raul Varella Seixas, mãe Maria Eugênia Santos Seixas, irmão Plínio Santos Seixas) ao lado do consulado americano em Salvador, o que lhe facilita o conhecimento do rock que estava nascendo e da língua inglesa, coisas que ele sempre adora, adorou e vai adorar, logo de cara.

Em 1962, Raul monta sua primeira banda de rock, Relâmpagos do rock, com Décio Gama e Thildo. Depois muda o nome da banda para The Panthers, depois Os Panteras, e ainda depois Raulzito e os Panteras, e faz uma aparição no programa de tv "Escada do sucesso".

Raul pegava coisas do povo que refazia e compunha como suas, com outras letras e outras intenções. Como muitos outros compositores, por exemplo, Donga de "Pelo telefone" e os autores de "Bigorrilho" (autores Paquito, Romeu Gentil e Sebastião Gomes, foi um grande sucesso e recebeu várias gravações na época, por exemplo, de Renato e seus Blue Caps, no LP *Viva a Juventude!*, de 1965, mostrando já essa relação rica entre o sambapop e a macumba pra turista – ver "Canção pra inglês ver", de Lamartine Babo).

"Bigorrilho" é um ritmo nordestino, ou é uma canção com um ritmo nordestino, que lembra samba, mas o grupo de rock Renato e seus Blue Caps a gravou, como dissemos, em ritmo de rock, no Lp *Viva a Juventude* (1965 - CBS), corroborando a priori tudo que eu estou escrevendo e falando para você, aqui e agora.

Paquito, um dos autores do "Bigorrilho", contou ao meu pai que recolheu a música do folclore popular e gravou.

"É fim de mês", do álbum *Novo Aeon*, de Raul Seixas, ou é recolhida do povo, ou foi plagiada pela dança que se tornou música e nome do LP de Zé Paulo, *Rala o Pinto* (Continental 1-04-405-611 LC 0000), que é absolutamente igual, mas tem uma letra tola, enquanto os versos de Raul são pós-geniais.

Raul Seixas soube ver isso tudo, e fazer a crítica disso e ao mesmo tempo utilizar essa bruxaria para o bem, isto é, para o fortalecimento e esclarecimento das pessoas.

E assim, nesse preciso sentido, entendemos que ele pode ser chamado, pelo menos, de espagirista /voarcadumista/alquimista.

O que não se pode dizer do autor do livro mais vendido de exoAlquimia, Paulo Coelho (*O Alquimista*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987).[40]

A entrevista de Raul concedida ao jornal Pasquim, Rio de janeiro, edição n° 228, 13 a 19 de novembro de 1973, fez minha cabeça. Em 1976, Tânia que eu conhecera um ano antes, e com quem pretendia fazer peças de teatro, me apresentou muitas coisas maravilhosas, inclusive a Alquimia (ela me recomendou a obra de Jacques Sadoul, que logo comprei[41]) e o livro *O som do Pasquim*, pela editora Codecri, de entrevistas com músicos da MPB feitas pelo jornal (que vieram juntos, então).

Li deliciado as entrevistas, as quais muito me ensinaram e me ajudaram a desenvolver um senso crítico, junto com o próprio Pasquim e o Jornal do Brasil, da época, que eu lia todo dia. Duas entrevistas me impressionaram mais, e a de Raul Seixas vale como verdadeiro tratado de exposições de motivos e processos de sua arte, ao par de ser profundamente engraçada. Leiamos

um trechinho, como aperitivo, pra provocar a sabor, pois o livro está aí, reeditado, pro leitor comprar e ler depois.

> /.../ P: Raul o que te levou ao hermetismo? O que você andou fazendo de coisas herméticas, e o que te deu a noção de equilíbrio?
>
> R: Foi o primeiro LP que gravei na Odeon. Foi um LP louco, rapaz. Um LP extremamente filosófico, metafísico, ontológico, que falava em sete xícaras, ou seja, as sete perguntas aristotélicas. Ou seja, as fontes do conhecimento. /.../[42]

Frente a Raul Seixas o crítico quase sempre se cala, mas não se cala, e falha, e fala: Raul é muito bom e muito ruim, Raul copiava coisas da música americana como se não imaginasse que elas chegariam aqui também, que todos ouviriam e perceberiam suas cópias deslavadas, Raul compunha com dois ou três acordes, tocava um violão super básico, as letras que Paulo Coelho fez pra ele eram quase sempre decalcadas de textos da literatura, Raul produzia uma imagem de profeta que era fabricada da forma mais picareta possível, jogando com a mídia e os programas de auditório e as revistas de fofoca (como quando foi ao Sílvio Santos lançar "Ouro de tolo" e mentiu que a canção surgiu nele quando viu um disco voador na praia, no mesmo momento em que conheceu Paulo Coelho, e assim nasceu a letra também).

Ouvi uma entrevista sua, na rádio, no programa do Paulo Lopes, nos anos setenta, e ele fazia todo o jogo das empregadas e porteiros, mas trazia algo muito, muito bom, para eles e para todos nós. E, o que é mais incrível, todos percebiam isso.

Quando o apresentador perguntou se Raul tinha preconceito de cor, ele respondeu: "Tenho, não gosto de camisa azul".

Vamos ler trechos de outra entrevista, no programa do Jô Soares, quando Raulzito e Marceleza lançaram seu CD *A Panela do Diabo*. Este trabalho, de estúdio, e os shows que fizeram juntos na época, foram os últimos de Raul, que já estava doente e enfraquecido por causa da bebida, que ele não largava, mesmo com as recomendações médicas.

A presença de Marcelo Nova a seu lado nesse momento é um tributo, uma bela forma de homenagem e apoio, e mais uma prova do incrível valor e força de Raul, sempre se duplicando, em suas parcerias como em si mesmo, encontrando, ainda, uma força no amigo e admirador, para dar o seu recado com toda a força e brilho, com a ajuda da "Envergadura moral", grupo que acompanhava o Nova: "Raul Seixas e Rauzito/Sempre foram o mesmo homem".

> /.../ Jô: quais são as características principais de um maluco beleza, hein Raul?
>
> Raul (risos): Isso foi nos anos 70. Eu era maluco beleza. Hoje em dia eu não falo muito, eu penso. Penso mais do que falo.
>
> Jô: Mas você acha que quando falava muito deu problema para você... falar muito nos anos 70?
>
> Raul: Deu muito problema para mim. Eu fui expulso do país.
>
> Jô: Em que ano você foi expulso?
>
> Raul: 74. Na época do Geisel.
>
> Jô: E foi pra onde?
>
> Raul: Nova Iorque. Encontrei John Lennon em Nova Iorque.
>
> Jô: E como foi tua barra em Nova Iorque? Como é que era a vida lá?
>
> Raul: Bem, eu estive com John Lennon quando ele estava separado da Yoko Ono, num apartamento que ele alugou. O apartamento era grande. Eu fui com um cara do Cruzeiro. O segurança dele botou o cara para fora. Eu já tinha escrito cartas para ele falando da Sociedade Alternativa, e foi por este motivo que eu fui posto para fora do país. Queriam saber quem eram os donos da Sociedade, quando era apenas uma música (risos). Fiquei três dias na casa de Lennon, conversamos sobre os donos do planeta Terra. As pessoas que fizeram a cabeça do planeta Terra. Jesus Cristo, pessoas ilustres (risos). /.../
>
> Jô: Raul, em Nova Iorque a barra chegou a pesar? O negócio do lixo, como é que era esse negócio do lixo que você estava contando aqui?
>
> Raul: Ah! do lixo... Três horas da manhã eu me vi numa viela perdido em Nova Iorque, e tinha um palhaço comendo lixo... /.../[43]

Esse evento presenciado por Raul é citado na letra de "Dia da saudade", do LP *Eu Nasci há Dez Mil Anos Atrás* e "Banquete de lixo" do CD *Panela do Diabo*. O palhaço o convida pra comer lixo também, e ele prova, e diz: "O lixo de Nova York é gostoso!"

Raul cantava e compunha muito bem, algumas de suas melodias são lindas e emocionantes. Ou todas. Suas letras são maravilhosas, sim, porque funcionam, com todo o deboche e o duplo sentido, mas também porque são bem construídas, acionantes, criativas, inventivas.

Ele apresentava total desdém pela bossa nova e pelo tropicalismo. Mesmo assim, e por isso mesmo, é a sua arte que não deixa a peteca cair, e faz a liga com Caetano, Gil e Tom Zé, traduzindo as culturas no mais antropofágico gesto de um artista popular no país.

O rock no Brasil tem uma história toda própria, antes e depois de Raul.

> Na minha festa rola
> Sambas impossíveis,
> Nunca ouvidos, nunca sonhados,
> Sambas improváveis, esquecidos, recalcados.
> Na minha festa rola penetras,
> Suicidas, visionários.
> E nada que eu pense, cabe.
> A minha festa é muitas, milhares.
> Na festa do meu AP[44]

Rogério Skylab fala: "A minha natureza é a natureza selvagem. Não é a natureza racional dos ecologistas. É a natureza selvagem. É a natureza da porrada, mesmo" (entrevista no Programa do Jô, 2001).

Rogério é sem dúvida o maior sambista de sua geração. Também é o melhor roqueiro brasileiro, do período. Eis aí um baita paradoxo. Mas vamos, antes, trabalhar no paradoxo implícito da frase inicial.

Rogério Skylab é o grande criador da música popular brasileira da virada do século vinte para o vinte um, aquilo que

foi Noel Rosa desde os anos trinta, e Jorge Mautner começando dos anos sessenta, é Skylab a partir dos noventa, o verdadeiro mestre cuca, o sambista-mor, a viga-mestra do samba brasileiro, que é claro que se mescla, e, mais que mescla, se alquimiza com tudo, mas que é isso, quer dizer, se inventa.

Os três têm em comum a invenção, a fusão, a clareza e a genialidade da composição, da letra, da melodia, da harmonia, do arranjo, do instrumental e da performance. São tão diferentes, justamente por serem tão próximos, astros reis, não se parecem com nada, muito menos uns com os outros, ah, tantos sub-noeis e sub-jorges, e é claro que, feliz ou infelizmente, o futuro nos trará os sub-skylabs, mas o bom é que temos o original, sampleado ad infinitum.

> SKYLAB nasceu de um samba: "O Samba do Skylab". O meu primeiro samba e com o qual eu ganhei o primeiro lugar num festival em Palma (MG), onde foi produzido atualmente o GREEN ROCK. É curioso que a minha primeira composição tenha sido um samba. Eu tenho a impressão que tudo que eu faço – rock, funk, rap, ska... (o meu trabalho é uma confluência de estilos) no fundo no fundo, é sempre uma coisa só: SAMBA[45]

A prática da vanguarda é assumida e bem realizada de Rogério.

E é por isso que ele é sambista, não no sentido de repetidor óbvio ou sofisticado de padrões, mas na criatividade pura do samba, em todos os seus aspectos, inclusive na rítmica e na dinâmica, para não falar na construção frasal, na harmonia e na instrumentação.

Esses cantores/compositores, que são a viga-mestra do samba brasileiro, são, por mais que isso o incomode, os nossos mais ardorosos e ardentes roqueiros. Samba ou rock? Samba-rock = samba.

De novo, Noel Rosa, "inédito e desconhecido", porque nós somos assim, inconsequentes, tolos, amnésicos, ingratos, e desperdiçamos tesouros com prazer, sem parar. Os brasileiros. Por que outros povos há que se engrandecem, e agradecem seus gênios fundadores; nós os menosprezamos?

O que mais me chama atenção na obra de Juca Chaves é a fusão da música medieval e renascentista com a mais genuína base da modinha brasileira. Sabemos que têm origem comum, mas os resultados são bem diferentes. Nas suas canções, porém, podemos reconhecer claramente as duas influências. De tal maneira que pode ser identificado como um genuíno e verdadeiro menestrel, nos dias de hoje.

Gonçalves Dias e Manuel Bandeira foram alguns dos poucos poetas brasileiros contemporâneos que fizeram versos em galego-português da época medieval. Juca Chaves compôs uma peça em galego-português, com três canções em forma de cantiga de amor, "Cantata para a Condessa Alessandra". Utiliza também instrumentação clássica, adaptada para gerar uma sonoridade renascentista.

Juca Chaves e Roberto di Medina são típicos dessa profundidade de pesquisa e amor ao contínuo trovadoresco e camerístico renascentista.

Juca é o maior herdeiro do poeta (e cantor) barroco brasileiro Gregório de Matos, o Boca do Inferno, na medida em que os dois atualizam em seu tempo o trovador, como o poeta que canta e toca (viola, violão, craviola, alaúde) e desenvolve a lírica das cantigas de amor (atualizadas) e das sátiras de escárnio e mal dizer. Sua crítica política é a mais longeva, contínua e corajosa do país, pois ele nunca se calou, sempre criticou todos os lados, sem o escudo da direita ou da esquerda.

Juca contou numa entrevista que a craviola foi criada para ele, é uma viola que tem som de cravo e produz sonoridade renascentista. Hoje usa um alaúde, que tem o braço reto, como um violão.

Roberto Murolo, menestrel italiano, puro europeu, europel, atual, também canta macio, isso Juca Chavez me falou, na entrevista que fizemos durante uma hora ao telefone interurbano, quando eu falei que a nossa doçura do canto é miscigenada. Bem, claro, tudo é miscigenado, de algum modo, mas a doçura já estava lá, nos menestréis.

Depois me contou do seu deslumbramento ao ver a estátua de Blondel[46] na Áustria, o famoso menestrel que salvou o rei Ricardo da Inglaterra, que ele diz que é igual a ele, estatura, cabelos, viola no ombro – "ele me plagiou".

Almirante e João de Barro, autores, com Noel Rosa, no Bando de Tangarás, deles, foram os primeiros a "bater lata", literalmente, no ano de 1931, na gravação da marchinha "Lataria".

Depois veio a marchinha de carnaval "Bloco de sujo", de Luiz Antônio e Luís Reis, gravação do grupo vocal As Gatas, 1969 (transcrevo a letra de uma forma diferente dos encartes e do site onde a pesquisei, é um arranjo gráfico que inventei para dar conta do ritmo dessa marchinha):

> Olha o bloco de sujo – que não tem fantasia
> Mas que traz alegria – para o povo sambar
> Olha o bloco de sujo – vai batendo na lata
> Alegria barata – carnaval é pular
> Plac plac plac – bate a lata
> Plac plac plac – bate a lata
> Plac plac plac – se não tem tamborim
> Plac plac plac – bate a lata
> Plac plac plac – bate a lata
> Plac plac plac – carnaval é assim[47]

Até chegar ao enlatamento de Lobão tocando rock-samba no Rock'n'Rio e fazendo parte da Bateria da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira[48], e no *Funk'n'lata* do Ivo Meirelles e da Fernanda Abreu.

Depois de Os Mulheres Negras, "a menor big band do mundo", que fez dois discos long plays, em parceria com André Abujamra, Maurício Pereira deslanchou carreira solo (e jingles, e locução etc), e uma vez foi cantar no programa do Jô, apertou um botão e um monte de instrumentos sintetizados começou a tocar, e ele cantou, com percussão e tudo, "Música serve pra isso".

Imagine uma banda, que tem um crooner, ou um cantor, que tem uma banda. Ele vai fazer um evento, um mega show, num

grande espaço, com milhares de pessoas na plateia (está certo, sabemos, muitas bandas e artistas usam play back o tempo todo ao vivo, minha historinha inventada é mais ou menos isso; mas o sentido é outro): a super banda ataca, tudo toca, tudo a vera, um coral back vocal mavioso, e o público se torna um coral maravilhoso, algum mito do canto, uma vez nova, sintetizada com milhares, alhures. E o personagem principal não canta. Ele posa. Ele olha. Ele fica de boca aberta e de boca fechada, na frente de um microfone de fachada, e em volta dele tudo toca, a toda força, um coral universal de vozes e sons.

Então? Um problema que reverte o de John Cage. Não é o silêncio que nosso mestre da viola traz. Mas o seu canto está todo a sua volta, em todo canto, tudo canta, e é assim que ele canta, também.

O passarinho azul e Simpsons no Brasil representam o Brasil? simplório?

Lembra que a música sertaneja nasce do povo mais simples do interior, e é riquíssima, incomparável na sua potência melódica e harmônica, com suas letras deslumbrantes.

O mesmo se pode dizer de Cartola e outros sambistas de fato.

Claro que a mídia (não, não é claro) inventou um sertanejo pobre e um samba idem, que impingem sem parar. Um país que tem Passoca e Elomar e os ignora? Um país que tem Marcos Sacramento e Clara Sandroni.

O samba e o sertanejo são arte maior, só comparável com o que de mais genial e rico a Europa e os EUA e os Tigres do mundo podem produzir.

Negar isso pra quê? Viva o Brasil com S!!

Chega um momento (Cely Campelo, depois Jovem Guarda, depois Tropicália no início, depois progressivo nacional, depois rock dos anos 80, depois toda a geleia geral dos anos 90 e 2000) em que o nosso desafio também é o ROCK.

Passeata contínua contra a guitarra, José Ramos Tinhorão, MPB "pura", e outras bobagens, mas eis que vem o rock como ritmo brasileiro, coisa nacional, inventada aqui, "o rock é nosso".

Raul Seixas falou que o baião e o rock tinham a mesma pegada.

A guitarra elétrica foi inventada por um brasileiro, ver biografia de Noel Rosa:

> /Do Bando dos Tangarás/ Restam portanto o irrequieto Henrique Britto e o imprevisível Noel Rosa. Britto, neste março de 1932, começa a fazer as malas para viver nos Estados Unidos uma nova aventura. /.../ Serão 27 dias de viagem e muito pouco se venderá. Resultado: a maior parte da delegação, triste e humilhada, vai voltar no mesmo Itaquicê. A orquestra de Romeu Silva inclusive. Mas não Britto. Minutos antes do navio zarpar de regresso ao Rio, ele procurará Romeu, aflito como sempre:
>
> – Esqueci. Esqueci o violão. Ali. No cais!
>
> Descerá do navio e sumirá por um ano. Ninguém jamais saberá ao certo como e de que viverá nos Estados Unidos durante esse tempo. Sem licença de trabalho, papéis de imigração ou ao menos alguma noção do idioma. Mas em momento algum abandonará o violão. A partir do projeto de um amigo brasileiro que encontrou por lá, um certo F. Dutra, vai adaptar amplificadores ao instrumento e levar o invento à Dobro Corporation de San Francisco, Califórnia. A firma passará a fabricá-lo, ponto de partida do que um dia será conhecido como violão elétrico ou guitarra amplificada.
>
> Quando voltar ao Brasil, já em 1933, trará consigo, orgulhoso, um desses instrumentos, depois de ter dado recitais no Bel-mont Theater, em Los Angeles, e em casas noturnas de Chicago.[49]

Quem inventou o avião? O brasileiro, Alberto Santos Dumont, right?

Aquele seu aparelho levantava voo, era dirigível durante todo o trajeto, e depois pousava suave. Não era um petardo arremessado ar, como um aviãozinho de papel ou bolinha tacada do estilingue.

Quem inventou o rádio a tv? Quem inventou a transmissão de som e imagem pelas ondas hertzianas, assim como Tesla transmite energia pelo ar? O padre brasileiro Roberto Landell de Moura, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul ("Transmissor de ondas", patente brasileira nº 3279, de 9 de março de 1901,

patente americana de 11 de outubro de 1904, nº 771917, e, em 22 de novembro do mesmo ano, as patentes estunidenses do "Telefone sem fio", nº 775337, e do "Telégrafo sem fio", nº 775846, ver http://pt.wikipedia.org/wiki/Roberto_Landell_de_Moura)

Não podemos esquecer que a Guitarra elétrica foi inventada no Brasil também, antes disso, por Osmar, que junto com Dodô, criaram o primeiro Trio Elétrico:

> Poucas pessoas sabem… mas quem inventou a guitarra elétrica foi o brasileiro Osmar Macedo. Numa viagem ao Brasil, na Bahia, o americano, Leo Fender, se encantou com o "pau elétrico" e levou com ele para os EUA um protótipo do pau elétrico que alguns anos depois foi patenteada como sendo sua invenção. Essa história é contada por Armandinho, filho de Osmar.
>
> Existia em Salvador um conjunto musical, criado por Dorival Caymmi, que animava algumas festas e reuniões de fim de semana, e que se apresentava nas estações de rádio. Começava, então, a fazer sucesso na Bahia o grupo Três e Meio, cujos integrantes eram o próprio Caymmi, Alberto Costa, Zezinho Rodrigues e Adolfo Nascimento, o Dodô. Em 1938, com a saída de Caymmi, o grupo reestruturou-se e passou a contar com sete componentes, incluindo Osmar Macêdo.
>
> Em 1942 em apresentação na cidade de Salvador, o violonista clássico Benedito Chaves (RJ) mostrou pela primeira vez ao público local um "violão eletrizado". Dodô e Osmar, ávidos em conhecer tal instrumento, foram assistir ao show no cine Guarani e ficaram extremamente entusiasmados. Embora fosse um violão comum, importado e com um captador inserido à sua boca, o instrumento era muito primitivo e possuía microfonia. Dodô, porém, incansável na busca da superação deste problema, construiu em poucos dias um violão igualzinho ao de Benedito Chaves para ele, e um cavaquinho para Osmar.
>
> Apesar da microfonia persistir, os dois uniram-se mais uma vez para formar a "Dupla Elétrica" e começaram a se apresentar em diversos lugares. Num determinado dia, Dodô resolveu esticar uma corda de violão sobre a

> sua bancada de trabalho e prendê-la nas extremidades; sob a corda, colocou um microfone preso à bancada. Quando a dupla ligou o microfone, algo inacreditável aconteceu, um som limpo, que parecia até o de um sino. Estava, então, descoberto o princípio e logo foi possível perceber que o "cêpo maciço" evitava o fenômeno da microfonia e assim, com o nome de pau elétrico, nasceu a guitarra baiana. Outras pessoas, em outros países, pesquisavam a amplificação sonora de instrumentos pela energia, e até hoje não se tem certeza de quem foi mesmo que chegou primeiro à guitarra elétrica, se os dois baianos ou os dois americanos, Leo Fender e Doc Kauffman. Mas estes, no ano seguinte, patentearam o invento.[50]

Quando eu tinha quinze anos morava num conjunto residencial na zona norte e estudava no CPII Colégio Pedro Segundo. Na unidade Marechal Floriano (nome da rua), no centro. À época eu estava escrevendo poesia de uma forma cada vez mais plástica e visceral e estava achando aquilo muito bom.

Meu irmão, que fazia música no violão e cantava maravilhosamente, me mostrou canções no mesmo estilo, sem saber o que eu andava escrevendo ou no que estava pensando. O que eu pensava era fazer um movimento cultural chamado Anjos Favela, que seguiria a estética do esgotismo.

Punkrapfunkfolkrocksambaião, sério mesmo. Nossos patronos seriam Augusto dos Anjos e Raul Seixas. Falei com colegas da escola que escreviam ou mesmo sem escrever poderiam escrever na nova estética, segundo meu ponto de vista.

Um que fazia uns poemas engraçados com muitos ruídos com muitas consoantes em maiúsculas escritas bem grandes como se fosse uma estória em quadrinhos de heróis falou que o Raul Seixas era fazedor de música, melodia, que quem fazia as letras era o Paulo Coelho. Mas eu sabia que Raul era quem fazia os seus letristas, não sei como o sabia, mesmo sabendo do valor e da alegria do que Paulo Coelho escreve, já percebia, sempre fui muito inteligente e algo mais. Queria que Raul Seixas

escrevesse a abertura do nosso livro *Anjos favela* (projeto que eu retomei e refiz, com poemas de minha mãe, meu pai, meu irmão, meu sobrinho e meus, com o título de *Linhas cruzadas*).

Chacrinha Abelardo Barbosa o tempo todo genial gritava para o seu público a sua plateia formada de mulheres jovens de humildes estratos sociais: "Minhas macacas do auditório!", e elas riam e gritavam de volta. Chacrinha estava criticando a força dos massae media meios de comunicação de massa que transformam populações contemporâneas em robôs papagaios macacos baratas "programados pra só dizer sim", como fala o verso do Cazuza. Isso ficou provado várias vezes, fica todo dia, nas novelas que formatam a forma de "pensar" das pessoas e suas conversas, bem como suas modas e interesses, até quando a televisão e outras media massae eleitas em corporações transnacionais elegem presidentes e fazem outros atos megaloinstitucionais num país como o Brasil.

Assim como pensava em convidar Raul Seixas para um projeto cultural, vi o profeta Gentileza pelas ruas do centro, andando com réplicas portáteis de seus murais nos viadutos, nas mãos, longo camisolão e longa barba, sendo olhado com medo, deboche e respeito pelos transeuntes nos anos 70.

שׁ א – Temporis philosophus

Ele se chamava Márcio José Andrade da Silva Datrino, nasceu em Cafelândia, em São Paulo, a 11 de abril de 1917, e faleceu em Mirandópolis, no mesmo estado, a 28 de maio de 1996. Morava em Niterói quando, no dia 17 de dezembro de 1961, um incêndio destruiu o Gran Circus Norte-Americano, e a dor da piedade fez dele um profeta, um consolador voluntário, com os novos nomes José Agradecido e Profeta Gentileza, que andava pelas ruas, por onde pregava, bem como nos trens, ônibus e barcas. Aos que o chamavam de louco, respondia: "Sou maluco para te amar e louco para te salvar".

Ele ainda pintava nos pilares do viaduto da Avenida Brasil o

seu “livro de pedra”, ou “livro urbano”, que tem na programação visual parte importante da sua mensagem:

> 34
> GENTILEZA → GERA → GENTILEZA → AMORRR → MEUS → FILHOS → A → HUMANIDADE → DO → MUNDO → NÃO → PRECISA → DE → TRABALHAR → PARA → COM → O → CAPITALISMO! → NÃO → SSE → ATRALHAR → PRECISAMOS → DE MINISTRAR → AQUILO → QUE → DEUS → NOSSO → PAI → GENTILEZA → NOS → DA → TUDO → DE → GRAÇA → A → NATUREZA→AMORRR→ POR→JESUS

Escreve com letras azuis em fundo branco, cercado de linhas amarelas e verdes, com letras capitais e algumas dobradas, e símbolos como estrela de cinco pontas, bandeira do Brasil e uma seta que volta. Não é um livro sobre ele, quero apenas registrar essa relação, as imagens originais devem ser compulsadas; há um livro editado que indico na nota[51] e na bibliografia, com imagens das pilastras, que também estão no site http://www.riocomgentileza.com.br/pilastras.html, e há, é claro, a nossa própria cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, para você nela passear, e se deliciar observando as inscrições do livro urbano do Profeta Gentileza.

Alfabeto Hebraico[52]

LIBER TERTIUS:
ALCHIMIA SICUT SPAGIRIA

> E eu vou dizer pra vocês: é por causa disso que um pássaro nunca repete o seu canto. E é por causa disso, que o universo, ele nunca nasceu, porque ele renasce a todo instante. Ou seja, não há um ponto de nascimento, só há pontos de renascimentos. Ou seja, a vida é sempre um renascimento, a vida é sempre uma renovação. Renovação tão poderosa, que as dimensões do tempo elas se intercasam e se interpenetram umas nas outras, impossibilitando (atenção ao que eu vou dizer!) que a razão clássica seja capaz de dar conta dela. Por isso, o modelo dessa razão clássica é a recusa do tempo. /.../ (Claudio Ulpiano)[5353]

A Alquimia é o tesouro do conhecimento, acumulado e descoberto de repente, pão que se semeia, colhe e assa, e ao mesmo tempo cai do céu, texto que é escrito por nós ao mesmo tempo que escreve o nosso destino.

É muito importante estudar Arte, Filosofia, Ciência, Astrologia, Cabala, Hermetismo, Simbologia e Línguas, e esse é o "aquecimento" do seu simbólico athanor!!

(Athanor é o forno, e ele é real. Aqui, ao falar em "simbólico", quero dizer que o estudo vem antes da prática, e durante, e é o seu florilégio.)

Você pode encontrar, por exemplo, o dicionário da língua dos anjos, *The Complete Enochian Dictionary*; a Dictionary of the Angelic Language as Revealed to Dr. John Dee and Edward Kelley[54], e fazer igual a quem vai pelas livrarias, e volta para casa carregado de alfarrábios dos sábios filósofos e também dessas maravilhas que são as múltiplas línguas.

> Está claro que se conhecemos o valor esotérico das letras, suas conotações numéricas, e as transposições e

permutas a que elas podem dar lugar no contexto das palavras e das orações, a leitura de qualquer texto sagrado – em particular A Bíblia – no qual o alfabeto hebraico se encontre presente, passará a ter outro sentido que o comum, literal e exotérico, e adquirirá um relevo e uma profundidade tanto mais rica quanto mais ampla. E é por estas associações e correspondências entre números e letras, e as relações a que dão lugar, que se produzem iluminações surpreendentes na raiz metafísica da linguagem humana, as quais são chamadas pela Cabala "centelhas divinas".

O Sefer Yetsirah, ou "Livro das Formações", é também conhecido pelo nome de "Livro da Criação", pois ali estão plasmadas as mais antigas concepções cosmogônicas judaicas, que serviram por gerações para fundamentar o pensamento metafísico e esotérico do misticismo hebreu e cristão (especialmente durante a Idade Média e o Renascimento) e da Cabala em particular. Nele se encontram especificamente assinaladas em forma de breve e apertada síntese, determinadas concepções cabalísticas que já fomos oferecendo ao longo desta Introdução, entre elas, a "doutrina" das dez sefiroth, como intermediárias entre o "Santo, bendito seja", e a Shekhinah (a imanente presença divina, da qual proximamente falaremos), e também a da Criação Universal através das vinte e duas letras do alfabeto hebraico, o que equivale a considerar ao Cosmo inteiro como escritura divina. Essas letras se subdividem em três grupos: as três mães, similares, como já vimos, a ar, água e fogo; as sete duplas ou redobradas, e as doze simples, identificadas posteriormente com os sete planetas e com os doze signos zodiacais, respectivamente.

Três letras mães: Alef, Mem e Shin.

Sete letras duplas (ou redobradas): Beth, Guimel, Daleth, Kaf, Fé, Resh e Taw.

Doze letras simples: Hé, Vav, Zayin, Heth, Teth, Yod, Lambei, Nun, Samekh, Ayin, Tsade e Qof.

Uma ideia nova é a da união das dez sefiroth, cifras, ou números, às vinte e duas letras do alfabeto hebraico, que conjuntamente constituem os trinta e dois caminhos da sabedoria.[55]

O pensamento está a serviço da vida.

Todas as nossas coisas, nossas invenções, nossas descrições, estão, inclusive, a serviço de um certo modo de vida. O importante é perceber este duplo engajamento: tudo fazemos por nós, e tudo que fazemos nos faz ser o que seremos.

São as opções que vão gerar os sentidos e os significados da vida, até o ponto máximo de afirmação total da vida, que vale em si e por si, por ser o que é, ou até o ponto de negação parcial, as várias instâncias da nossa sociedade reativa, ou total, o absoluto não.

Quero dizer, a vida é o absoluto sim. E a nós cumpre responder, da mesma forma, porque é o que somos.

Como afirma Don Juan, para Carlos Castaneda: o tímido é um imbecil, pensa que tem tempo para se intimidar. O tempo urge, e é preciso escrever.

Quem é o pensador do tempo, de que fala o título:

É Gilles Deleuze?

Cláudio Ulpiano?

O filósofo?

(Nietzsche?)

Eu?

Você?

Sim, para todos.

É como diz o Cláudio: "É impossível medir a vida pelo modelo da recognição, porque a vida está no fundo do tempo. Ou melhor: a vida gera tempo. Como os personagens de Cassavetis geram espetáculos".[56]

Numa das citações iniciais da sua tese de doutorado, *O Pensamento de Deleuze ou A Grande Aventura do Espírito* (a versão pré-editada da tese), Cláudio Ulpiano diz assim:

> Há no mundo alguma coisa que força a pensar. Este algo é o objeto de um *encontro* fundamental e não de uma recognição. O que é encontrado pode ser Sócrates, o templo ou o demônio. Pode ser apreendido sob tonalidades afetivas diversas, admiração, amor, ódio, dor.

> Mas, em sua primeira característica, e sob qualquer tonalidade, ele só pode ser sentido. É a este respeito que ele se opõe à recognição, pois o sensível, na recognição, nunca é o que só pode ser sentido, mas o que se relaciona diretamente com os sentidos num objeto que pode ser lembrado, imaginado, concebido. O sensível não é somente referido a um objeto que pode ser outra coisa além de ser sentido, mas pode ser ele próprio visado por outras faculdades. Ele pressupõe, pois, o exercício dos sentidos e o exercício de outras faculdades num senso comum. O objeto do encontro, ao contrário, faz realmente nascer a sensibilidade no sentido./.../. Não é uma qualidade, mas um signo. Não é um ser sensível, mas o ser *do* sensível./.../[57]

Na fronteira entre a ExoAlquimia e a Espagiria, coloco a teoria de um gênio que eu conheci na Faculdade de Filosofia da UERJ, José Luís da Silva Prado, que julgo ser um dos gigantes que quer fazer a evolução da Séria Se-ência para a Gaia Ciência.

Penso que Prado é da família real, à qual também pertenceram Nikola Tesla (Smijan, Império Austríaco, 10 de julho de 1856 – Nova Iorque, 7 de Janeiro de 1943) inventor da transmissão de informação e energia pelo campo magnético, sem fio, campos antigravitacionais e um sem número de coisas fantásticas, e que continua sendo sabotado e censurado, até os dias de hoje; e Ruđer Bošković (Ruggiero Giuseppe Boscovich, República de Ragusa, 18 de maio de 1711 – Milão, 13 de fevereiro de 1787).[58]

Sobre este, podemos ler, por exemplo, no grande livro *O Despertar dos Mágicos*, de Louis Pauwels e Jacques Bergier (é só um exemplo para mostrar a ditadura da superstição materialista pseudo-científica atual, se fosse falar de Nikola Tesla levaria um livro inteiro, que é isso, precisaria de bibliotecas):

> Verifica-se que Boscovitch estava em avanço, não apenas quanto à ciência do seu tempo, mas quanto à nossa própria ciência. Ele propõe uma teoria unitária do universo, uma equação geral e única, que comandaria a mecânica, a física, a química, a biologia e mesmo a

psicologia. Nessa teoria, a matéria, o espaço e o tempo não são divisíveis até ao infinito, mas compostos por pontos: por grãos. Isto faz lembrar os recentes trabalhos de Jean Charon e de Heisenberg, que Boscovitch parece ultrapassar. Ele consegue dar conta tanto da luz como do magnetismo, da eletricidade e de todos os fenômenos da química conhecidos no seu tempo, descobertos depois ou a descobrir. Encontram-se nos seus trabalhos os quanta, a mecânica ondulatória, o átomo constituído por núcleos. O historiador das ciências L. Whyte afirma que Boscovitch ultrapassou pelo menos em duzentos anos a sua época, e que ele só poderá realmente ser compreendido quando a junção entre a relatividade e a física dos quanta for enfim elaborada. Pensa-se que em 1987, quando do 200º aniversário da sua morte, talvez a sua obra esteja avaliada com a justiça que lhe é devida.

Ainda não foi proposta qualquer explicação para este caso prodigioso. Duas edições completas da sua obra, uma em sérvio, outra em inglês, estão atualmente em preparação. Na correspondência já publicada (coleção Bestermann) entre Boscovitch e Voltaire pode ler-se, entre outras ideias modernas:

– A criação de um ano geofísico internacional.

– A transmissão da malária por intermédio dos mosquitos.

– As possíveis aplicações do caucho (ideia posta em prática por La Condamine, jesuíta amigo de Boscovitch).

– A existência de planetas em volta de outras estrelas além do nosso Sol.

– A impossibilidade de localizar o psiquismo numa dada região do corpo.

– A conservação do "grão de quantidade" de movimento no mundo: é a constante de Planck, enunciada em 1958.

Boscovitch atribui uma importância considerável à Alquimia e dá traduções claras, científicas, da linguagem alquímica. Para ele, por exemplo, os quatro elementos, Terra, Água, Fogo e Ar, apenas se distinguem por coordenações especiais das partículas sem massa nem peso que os constituem, o que concorda com a investigação de vanguarda sobre a equação universal.

O que é igualmente alucinante em Boscovitch é o

estudo dos acidentes da natureza. Aí já se encontra a mecânica estatística do sábio americano Willard Gibbs, proposta no final do século XIX e admitida apenas no século XX. Aí se encontra também uma explicação moderna da radioatividade (perfeitamente desconhecida no século XVIII) por uma série de exceções às leis naturais: aquilo a que nós chamamos "as penetrações estatísticas das barreiras do potencial".

Por que motivo esta obra extraordinária não influenciou o pensamento moderno? Porque os filósofos e sábios alemães, que dominaram a investigação até à guerra de 1914-1918, eram partidários das estruturas contínuas, enquanto as concepções de Boscovitch se baseiam essencialmente na ideia de descontinuidade. Porque as investigações em bibliotecas e os trabalhos históricos a respeito de Boscovitch, grande viajante e de obra dispersa e cujas origens se situam num país constantemente agitado, não puderam ser elaboradas sistematicamente senão demasiado tarde. Quando a totalidade dos seus escritos puder ser reunida, quando os testemunhos de contemporâneos tiverem sido encontrados e classificados, que estranha, inquietante, assombrosa figura nos surgirá![59]

E o Prado?

O que faz Prado?

É literatura? É ciência? É filosofia? É misticismo? É a gaia ciência? É Alquimia?

O efeito "SHAKER" é realizado a partir das falhas dos nossos sentidos.[60]

É um pássaro? É um avião?

O conceito "SHAKER" é considerado como a teoria da erraticidade.[61]

É o super-homem?

Quando fui fazer o curso de Filosofia na UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), em 1987, conheci um camarada que frequentava salas em todos os andares do gigantesco prédio do campus universitário, ele assistia como ouvinte aulas em todos os cursos, desde Psicologia e Filosofia a Física e demais ciências.

> O "arco imponderado" é o resultado da curvatura da reta no contiuum-espaço-tempo, deformando o arco clássico ponderado mantido pela pressão atmo/gravitacional, pressão esta que condiciona a coesão/repulsão superficial, havendo variação de (massa mais constante peso) V&V /.../[62]

Tinha cerca de um metro e setenta, usava grossos óculos de aro de metal, já estava quase que totalmente careca e andava pela casa dos trinta. Falava rápido e entusiasmado, sobre todos os assuntos, misturando ciência e religião, e incorrendo na incompreensão de muita gente, que o considerava louco, por fazer tais associações e pelo modo messiânico como as fazia.

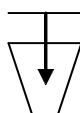
> O raciocínio não inflaciona o que na relativa/verdade em que vivemos em um mundo quântico/ponderado a partir do observador/harmônico/consciente que na realidade dá o arquétipo ao universo. /.../ [63]

Seu nome era José Luís da Silva Prado, e todos na Universidade o conheciam como Prado.

> Wiese[64] pôde observar que uma vespa em uma superfície de um copo d'água, vespa esta que estava no centro do copo d'água. Peguei o copo e virei alguns ângulos anti-centro. O tal inseto não mais estava no centro, mas sim uns 2 cm fora de centro, em relação à circunferência do copo. /.../ [65]

Ele falava para quem quisesse ouvir de seu novo conceito cosmológico, o SHAKER, explicando-o para todos, mesmo que não pudessem compreender uma palavra do que ele dizia. Sua

grande predileção era ler física (que ele conhece tanto em sua parte filosófica quanto na matemática) e religião, e o recém lançado então no Brasil *O Tao da Física* de Fritjoff Capra[66] tornou-se seu livro-farol, ao qual ele se referia com muita frequência.

> A tensão superficial de Brown/Einstein segundo suas experimentações, que qualquer corpo para se manter sobre sua superfície tem que ter por razão físico/matemática a densidade menor que o fluído de densidade relativa menor[67]

/=/ + P.R.Den$_1$.
PRESSÃO GRAVITACIONAL

Levei a sério suas ideias, mesmo que não as entendesse totalmente.

Levei-o a sério, vi que tinha uma gigantesca cultura e um pensamento original, que lutava para transmitir, contra a estaticidade dos conceitos e palavras dos idiomas atuais. Às vezes quando ele falava eu ia ficando meio tonto, e bocejava, e ele dizia que isso era uma espécie de ajuste mental a uma nova faixa, de maior vibração. Também dizia que via a aura, e que a minha mudava de cor a todo instante, deixando as pessoas confusas e afastando algumas. Propunha a erraticidade dos signos e pensamentos como forma de dar conta do SHAKER.

A erraticidade é o apanágio (propriedade e consequência) do "princípio da incerteza de Heisenberg", postulado científico que fundou a mecânica quântica, revolucionando toda a ciência do século XX, e cuja expressão em termos matemáticos é: $\Delta x_i \Delta p_i \geq \frac{\hbar}{2}$, "onde $\hbar$ é a Constante de Planck (h) dividida por 2π".[68]

> Segundo Werner Heisenberg, para encontrar a posição correta de um elétron, é necessário que ele interaja com algum instrumento de medida, como por exemplo, uma

radiação. A radiação deve ter um comprimento de onda na ordem da incerteza com que se quer determinar esta posição.

Quanto menor for o comprimento de onda, maior é a precisão do local onde está o elétron.

Quando se consegue descobrir o local provável onde está o elétron, este elétron já não estará neste local.

Segundo Heisenberg, é difícil se prever a posição correta de um elétron na sua eletrosfera. Schrödinger em 1926 calculou a região mais provável onde o elétron possa estar. Para essa região deu o nome de orbital.

Orbital – região do espaço que está ao redor do núcleo, onde há máxima probabilidade de se encontrar um elétron.

É importante ressaltar que não se pode ver um átomo isolado exatamente como foi descrito nos modelos atômicos. Algumas técnicas utilizadas por supercomputadores mostram manchas coloridas, mostrando a localização dos átomos de um determinado material. Essas imagens são obtidas por um microscópio de tunelamento que pode aumentar até 28 milhões de vezes.

De acordo com o modelo de Rutherford-Bohr, o átomo apresenta níveis de energia ou camadas energéticas, onde cada nível possui um número máximo de elétrons. O número do nível representa o número quântico principal (n).

Cada nível está dividido em subníveis de energia s, p, d, f.

Representam o número quântico secundário ou azimutal (l).[69]

Justamente quando entrei para a Filosofia, o filósofo e professor Cláudio Ulpiano passou a dar aulas neste departamento da Faculdade. Convidei o Prado a assisti-las, e apresentei-os. Cláudio, um gênio e uma estrela ímpar no cenário cultural da época, também levou o Prado a sério, e disse para os alunos que debochavam do jovem:

– Ele não fala nenhuma tolice.

> O conceito SHAKER aborda o esforço do homem ao que se diz ao espírito, isto é, a tentativa dos seres humanos de equilibrar matéria e espírito. As transmissões eletromagnéticas ordenam-se quanto ao domínio e vontade do homem postas a serviço da paz e progresso da humanidade. [70]

Prado foi criado num orfanato, e é autodidata.

> E = SHK[71] consegue eliminar qualquer problema em nosso plano ao mando da E = KPHGM rumo ao /desenho de triângulo com esferas nas faces/
>
> Todo o respeito e amor que devotamos ainda não é suficiente para definir tal amor.[72]

Eu me ofereci para datilografar, à época, seu livro (ele dizia que as cem primeiras páginas manuscritas em letras maiúsculas de forma eram o grau um, o ponto de partida, e que muitas outras centenas viriam), o que ele aceitou de bom grado; xeroquei os manuscritos e cheguei a bater algumas folhas.

> O efeito "SHAKER" pode-se verificar nas formas geográficas quanto à ação magnética bipolar, S/N, o resultado está no formato do cone na medida (das árvores). Nas regiões polares há maior presença de árvores "SHAKER" [73]

Depois o Prado sumiu da Faculdade, nunca mais o encontrei, nem sei por onde ele anda. Passaram-se muitos anos desde que ele me confiou o seu trabalho, para que o preparasse para a edição, tarefa que, com o seu afastamento, eu então interrompi.

E que hoje retomo, digitando no computador o seu texto, que cada vez me parece mais claro e clarividente[74].

> Assim Nosso Amado Pai Celestial Pai de Jesus, este foi o ser mais iluminado que já passou pelo no(sso) planeta sem falar de centenas de santos e milhares de avatares.[75]

Prado explica o mundo a partir da Teoria de Einstein agenciada com os grandes pensadores da ciência, tudo levando a uma nova forma de ver e de viver, tudo levando ao espírito.

> A primeira experiência a se fazer seria isolar em um campo magnético um quantum de matéria de maior magnetização e tentar eliminar todas as forças que atuam sobre o quantum "SHAKER" E = SM (M = 0001 mm[76]). O formato esférico seria o ideal comparado com a terra. [77]

Ele propõe a evolução, quando o homem conhecerá poderes até então apenas sonhados ou antevistos nos milagres de todas as religiões. É uma nova ciência, que Prado nos traz (inclusive com experiências que podem ser realizadas, repetidas, como aquela do "arco/centro/ponderado" à página 7, e a "um quantum de matéria isolado no campo magnético", à página 17, por exemplo), e que é tão ciência quanto consciência, filosofia e mística.

> A sintonia com frequências próximas a FK[78] são curativas para o circuito psicoindutivo /.../ desmagnetizando o halo psicomagnético que todos os seres humanos têm em pequeno, médio e maior grau. O nível da rede "SHAKER" para cada pessoa é relativo a sua visão exterior ou interior.[79]

É o universo vivo que fala através de suas palavras, como se Prado tivesse reencontrado a multimilenar Alquimia (e havia entre nós um alquimista de verdade, e os dois adoravam conversar).

> Todos os seres vivos emitem ainda radiações não conhecidas, para esta radiação temos ainda outra equação que explica melhor estas ondas; E = UHF/SK.[80]

A questão de uma nova fusão de saberes e intuição mística para produzir a evolução da consciência por transmutação aparece em muitas outras obras, como em Prado, e posso citar os exemplos de Aaity Olson[81], e seu *Alchemical Manual for this Millennium*; James Tyberonn[82] com *A Alquimia da Ascensão*; e Ken Carey[83], nos livros *A Estrela-Semente* e *O Retorno das Tribos-Pássaros* (entre

outras obras), o qual nos faz pensar em Böhme, pela similitude das duas experiências, pois Carey era um carpinteiro que mal sabia ler e escrever, e, de repente, num maravilhoso inverno norte-americano, do ano de 1979, começou a ter revelações e a escrever e ditar sem parar seus livros supercondutores.

Com Prado aconteceu algo parecido com a iluminação do sapateiro alemão Jacob Böhme (nascido em 1575, iluminado em 1612; Prado suponho que nasceu em 1959, não sei quando ele se iluminou, se já nasceu assim); ele viu algo muito além do que pode um homem comum ver, e falar, e quis falar, sabendo que tudo que escrevesse e dissesse seria "como palha" (conhecida expressão com a qual São Tomás de Aquino se referiu a tudo que escreveu, talvez diante de tudo aquilo que ele experimentou na sua iluminação).

> a Terra é induzida por trilhões de eletro-gauss naturais que causam a rotação terrestre, contando com 92 elementos conhecidos pela químico-física[84], estes elementos têm um número relativo à concentração do eletromagnetismo como no caso da magnetita./.../[85]

Em sua tentativa bem-sucedida de produzir novos insights, Prado criou o conceito SHAKER, que não ouso tentar explicar ou traduzir em termos do senso comum, pois a sua obra é toda ela a sua própria explicação.

> O efeito "SHAKER", (eu sei por experiência própria), podemos verificar que é difícil libertar-se de radiações anti-ciclóide-negativas. As radiações de cunho – podem ser dissolvidas com as vibrações de amor puro – imaterial, ser mendigo material não impede de ser rico espiritual.[86]

E... o que é o SHAKER?

Falei antes que não iria me atrever a tentar explicar, mas mudei de ideia, precisamos tentar falar algo sobre isso, pois esse é o segredo deste livro, da poesia deste livro, que se liga com o neutro de Roland Barthes, falar do indizível, ir além dos lugares comuns,

que as palavras sempre agenciam, e que é a questão da arte e da poesia.[87]

A expressão em Prado tem tanto de conceito filosófico quanto operador científico, e mesmo insight místico, e sendo assim sua definição está além da razão comum, ou incomum.

A espagíria é a arte de fazer a separação e a união ("Solve e coagula") dos três princípios da matéria num determinado corpo: mercúrio, enxofre e sal.

Eles são separados através de destilações e calcinações, e são purificados pelo fogo, e depois reunidos.

O corpo pode ser de qualquer reino, mas a ética manda que se trate com vegetais e minerais.

O trabalho da sublimação alquímica do vegetal é usado para a produção de medicinas espagíricas.

O trabalho com os metais tanto pode produzir medicina quanto a transmutação metálica, que fica sendo um caso à parte da Alquimia.

Sobre esta nos diz o professor brasileiro de química, Roney Ressetti:

> Considera-se que a Química se originou da evolução da Alquimia. Porém, na verdade, a Química se originou da evolução da *Espagíria*, a Química Medieval.
>
> A Espagíria era uma mistura da Alquimia com os diversos processos químicos empíricos, desenvolvidos desde a antiguidade, abrangendo a confecção de medicamentos, tinturas, bebidas, sabão, vidro, técnicas metalúrgicas, etc. incorporando elementos de magia e de astrologia.[88]

Hoje temos a Química, a Metalurgia, e, principalmente, a Espagíria e várias outras formas de terapias alternativas à Alopatia (Homeopatia, Florais de Bach, Fitoterapia) como descendentes diretos da antiga Espagíria.

Na verdade, mesmo a Alopatia e todas as outras manipulações químicas são oriundas da Espagíria, mas, aquela preparação atual e que traz esse nome original é a que procura preservar mais e melhor o seu caráter alquímico.

Gostaria de agradecer aqui a Leonardo Perin Vichi, jovem Alquimista brasileiro, estudioso sério e praticante da Arte Real, que desde criança foi educado nas Sete Artes Liberais, as quais pratica todas, sendo músico, escritor, matemático, astrônomo etc.

Foi por conhecê-lo e poder presenciar a elegância com que estuda e ensina, que eu tomei coragem para também escrever o meu testemunho sobre a Alquimia.

Diz ele que é um novo tempo, que algo já se pode falar, e que "devemos tirar a candeia de baixo do alqueire", citando a Parábola da Luz do Mundo[89] de Nosso Senhor Jesus Cristo.

São muitas as contribuições que Leonardo Perin Vichi me trouxe, como, por exemplo, a indicação da tradução brasileira do *Aurea Catena Homeri*, livro que considero indispensável para um sério estudo hermético.

Seu autor, ou editor, chamava-se Anton Josef Kirchweger, e a obra foi publicada em alemão pela primeira vez em Leipzig, no ano de 1723[90].

Leiamos os versos homéricos, e vejamos de onde lhe veio a inspiração do título:

> Ἠὼς μὲν κροκόπεπλος ἐκίδνατο πᾶσαν ἐπ᾽ αἶαν,
> Ζεὺς δὲ θεῶν ἀγορὴν ποιήσατο τερπικέραυνος
> ἀκροτάτῃ κορυφῇ πολυδειράδος Οὐλύμποιο·
> αὐτὸς δέ σφ᾽ ἀγόρευε, θεοὶ δ᾽ ὑπὸ πάντες ἄκουον·
> κέκλυτέ μευ πάντές τε θεοὶ πᾶσαί τε θέαιναι,
> ὄφρ᾽ εἴπω τά με θυμὸς ἐνὶ στήθεσσι κελεύει.
> μήτέ τις οὖν θήλεια θεὸς τό γε μήτέ τις ἄρσην
> πειράτω διακέρσαι ἐμὸν ἔπος, ἀλλ᾽ ἅμα πάντες
> αἰνεῖτ᾽, ὄφρα τάχιστα τελευτήσω τάδε ἔργα.
> ὃν δ᾽ ἂν ἐγὼν ἀπάνευθε θεῶν ἐθέλοντα νοήσω
> ἐλθόντ᾽ ἢ Τρώεσσιν ἀρηγέμεν ἢ Δαναοῖσι
> πληγεὶς οὐ κατὰ κόσμον ἐλεύσεται Οὔλυμπον δέ·
> ἤ μιν ἑλὼν ῥίψω ἐς Τάρταρον ἠερόεντα
> τῆλε μάλ᾽, ἧχι βάθιστον ὑπὸ χθονός ἐστι βέρεθρον,
> ἔνθα σιδήρειαί τε πύλαι καὶ χάλκεος οὐδός,
> τόσσον ἔνερθ᾽ Ἀΐδεω ὅσον οὐρανός ἐστ᾽ ἀπὸ γαίης·
> γνώσετ᾽ ἔπειθ᾽ ὅσον εἰμὶ θεῶν κάρτιστος ἁπάντων.
> εἰ δ᾽ ἄγε πειρήσασθε θεοὶ ἵνα εἴδετε πάντες·
> σειρὴν χρυσείην ἐξ οὐρανόθεν κρεμάσαντες
> πάντές τ᾽ ἐξάπτεσθε θεοὶ πᾶσαί τε θέαιναι·

ἀλλ᾽ οὐκ ἂν ἐρύσαιτ᾽ ἐξ οὐρανόθεν πεδίον δὲ
Ζῆν᾽ ὕπατον μήστωρ᾽, οὐδ᾽ εἰ μάλα πολλὰ κάμοιτε.
ἀλλ᾽ ὅτε δὴ καὶ ἐγὼ πρόφρων ἐθέλοιμι ἐρύσσαι,
αὐτῇ κεν γαίῃ ἐρύσαιμ᾽ αὐτῇ τε θαλάσσῃ·
σειρὴν μέν κεν ἔπειτα περὶ ῥίον Οὐλύμποιο
δησαίμην, τὰ δέ κ᾽ αὖτε μετήορα πάντα γένοιτο.
τόσσον ἐγὼ περί τ᾽ εἰμὶ θεῶν περί τ᾽ εἴμ᾽ ἀνθρώπων. [91]

Assim no dialeto jônico, de Homero.

Agora leiamos a tradução, feita com rica verve pelo grande poeta e tradutor Manoel Odorico Mendes (São Luís do Maranhão, 24/01/1799 – Londres, 17/08/1864):

Ao desdobrar seu manto a crócea Aurora,
No vértice do Olimpo cumioso
Junta o Fulminador a etérea corte;
Acena, e escutam-no: "O que em mim resolvo,
Celícolas, sabei; nem deus, nem deusa
Renua, mas unânimes concorram
Para os projectos meus cumpridos serem.
Se algum for socorrer Aqueus ou Frígios,
Cá voltará golpeado e vergonhoso;
Ou no tártaro eu próprio hei-de afundi-lo,
Gólfão de érea soleira e férreas portas,
Do Orco distante como o céu da terra:
Quem sou conheça. Duvidais? Suspensa
Da abóboda estrelada áurea cadeia,
Deuses e deusas, pendurai-vos dela
E juntos forcejai, que a Jove sumo
Nem mesmo abalareis; mas, se aprover-me,
Puxar-vos-ei de cima e a terra e os mares,
E enrolada a cadeia ao tope Olímpio,
Penderá das alturas o orbe inteiro:
Tanto os numes supero e tanto os homens."[92]

Estes versos, 1 a 27, do canto VIII (Livro Theta), da *Ilíada* (Ἰλιάς) de Homero inspiraram a imagem que intitula o livro, o qual, na tradução brasileira, foi chamado *O Grande Tratado de Alquimia*, esvaziando assim toda a gigantesca significância alquímica do nome original.

Voltando ao meu amigo Leo Perin (como o chamo), gostaria de mostrar aqui o poema que escrevemos em parceria:

Alquimia

Ora, direi que fazes Alquimia com as palavras, certo?
E tu me dirás, portanto, que sou o único que percebo.
Mas o que as letras dizem quando estão contigo?

Elas dizem: meu amigo nós somos só um placebo
E isso dificilmente vai poder levar alguém
Além do cercadinho de Belém

Eis que as letras, paridas da mônada
Transcendem, portanto, os sedutores véus isíacos
Que pedem seu erguimento
Exigem sua adoração e seu incenso.
Pois, eis que se fez o Verbo,
Não da carne, nem do infinitivo.
Decerto do particípio presente.
Da estrela surgida em
Belém, Tebas, Atenas, Tsou e Lumbini.

Elas também me dizem que ser placebo
É mais que ser remédio
Uma via pra vencer o ódio e o tédio
Uma explosão de luz e som no que percebo
As palavras são o exato momento
De percepção que sucede ao nosso nascimento
E que está sempre aqui e agora

A via da Medicina Universal
Cujas letras semeiam
Tanto o bem quanto o mal
O mau que pelo nocebo pranteiam
O bem que ao "Agradarei" norteiam
Os destinos de El e Susiana
Do totem masculino e da Deusa luciana.
Heleno queria azougue a jorrar sobre a terra
Mas na Terra Preta ao lado da Terra Vermelha
O sagrado esperma jorrava em direção ao Céu.
Pois foi lá que Isis perdera o seu véu.
Da multidão de 22, El deixou 4 para depois.

El a boca deixou para Asserah, este o princípio será.
Começou pelo braço sem fim, quatro vezes a vontade estará em mim.
Muitos magos por aí ouvem o galo cantar mas não sabem onde.
Pois o segundo exilado, menor que o primeiro, não mais responde.
O equilíbrio formado não é o ideal
Agora a espada se desembainha.
No trono se lê, Hécuba é a Rainha.
Caveat, Caveat!
A destruição agora chegou.
A força dos dois a ira provocou.
Apenas uma longa verga restou.

Ibn Verga testemunhou
A Vara de Judá caiu da torre.
E o "Rei" agora é errante, o segundo "Rei"
Quarto na sucessão
Primeiro na coroação
Da Grande Obra Universal
Do Placebo que não é fatal.

No sentido latino, hebraico, grego
Cego e supervidente, errante,
Ladino,
Placebo
A hora chega sempre antes, antes da hora,
Sempre um bilionésimo de segundo antes
E aqueles que se julgavam avarentos
Contando moedas escondidos na casa
E aqueles se pensavam que eram os ciumentos
Invejando odiando e levantando suas asas
E aqueles que se achavam muito violentos
Pois eram puro Marte e assim viravam mártires
De si mesmos e do vento
Ou aqueles que se achavam virulentos
Cheios de vênias, vãos, loucos pela luxúria
Todos esses foram abraçados e terna mente
Embalados pela asa amena e cálida do vento
Pois o Sol é seu pai
A Lua é sua mãe
A Terra é a sua nutriz

E ao lado de todos eles o Alquimista
Sempre raciocinando, pensando,
Criando, um novo porto
À vista[93]

Há ainda uma abordagem espagírica da maior importância na obra de Meishu Sama, nome religioso de Mokiti Okada, o fundador da Igreja Messiânica Mundial, chamado de Luz do Oriente.[94]

Na obra de Mokiti Okada, há uma integração total entre corpo e espírito, um é expressão total do outro, como o paralelismo psicofísico, na filosofia de Espinosa.[95]

Chamo de "estigma" a expressão no corpo físico daquilo que Meishu Sama refere como "mácula" no espírito. A alimentação eivada de toxinas (oriundas de fertilizantes, pesticidas e aditivos) cria "venenos" no corpo, e maculam, isto é, sujam em pequenos pontos, o espírito. Por outro lado, sentimentos ruins produzem máculas, que se manifestam como problemas no corpo.

Até mesmo os remédios são para Meishu Sama venenos, na mesma medida em que os gregos o consideravam e sabiam, dando aos dois o mesmo nome, "phármakon", palavra que significa tanto "veneno" quanto "remédio", fato esse desenvolvido em muitos sentidos na filosofia de Platão, e na desconstrução que dele faz Derrida.[96] Sua mais importante forma de atuação na limpeza das máculas e na iluminação das pessoas é o Johrei, uma transmissão de luz espiritual de uma pessoa a outra, pela imposição das mãos. O mesmo processo acontece em várias religiões, por exemplo o Reiki, e mesmo o senso comum nos faz tentar aliviar algum sintoma, ou dar alento, e transmitir carinho, com as mãos.

Outros autores fundamentais, que trabalham com uma visão contemporânea da espagíria: Greg Brodsky, no livro *Do Jardim do Éden à Era de Aquarius*; O Livro da Cura Natural; os brasileiros Luiz Goulart, com *Átomo Vital*, e Joal Rocar*, A Natureza, o Homem e a Saúde*; Zulma Reyo e a sua *Alquimia Interior*, Mechi com *Kolaimni*; a cura pela luz e John Pierrakos, na *Energética da Essência*.[97]

Ainda um autor que trabalha com essas questões é Ryuho Okawa, autor de cerca de 900 títulos, e fundador da Happy Science, a religião chamada de Ciência da Felicidade.[98]

Às vezes ele é apresentado como sendo o mais profícuo autor do mundo, mas este não é o caso, pois o escritor brasileiro José Alpoim Ryoki Inoue já publicou mais de 1075 obras literárias, e figura, desde 1993, no Livro Guinness dos Records, como o homem que mais escreveu e publicou livros, em todo o planeta.[99]

As visões de Ryuho Okawa e Meishu Sama soam interessantes por mais uma razão. Agora, esses visionários japoneses trazem a praticidade para a religião, Ryuho Okawa comenta que se interessou pela filosofia pragmática ocidental; Meishu Sama também tenta desmitificar e simplificar o acesso à religião, para todos, tratando temas antes esotéricos com muita simplicidade.

Se bem que devemos ter em mente que a distinção exotérico e esotérico não é só uma questão de decisão, mas é inerente à natureza de cada saber.

Há coisas que só se aprendem quando a própria pessoa por si mesma e sem precursores "visita o interior da terra, retifica e encontra a pedra oculta, que é remédio verdadeiro" (VITRIOLUM – *Visita Interiora Terrae Rectificando Invenies Occultum Lapidem Veram Medicinam* – Visita o Interior da Terra e Retificando Encontrarás a Pedra Oculta que é a Verdadeira Medicina).

Sobre a pedra como a cura nos três reinos do mundo e do homem, os alquimistas falam em *panaceia*, em grego e latim, e *pharmacus catholicus.*[100]

O nome da religião de Ryuho Okawa nos faz lembrar da Gaia Ciência, da qual falavam trovadores medievais, e que é retomada por Nietzsche. Penso que a Gaia Ciência é a própria Alquimia, a Arte/ciência da alegria, da felicidade e da nossa mãe, Gaia. Ainda considero que Nietzsche é o filósofo ocidental mais relacionado com a nossa arte, tanto em seus conceitos ("eterno retorno", "vontade de potência", "ativo e reativo" etc.), quanto nos títulos de seus livros, por exemplo, *Aurora*.

Eu penso que uma das duas bases históricas e pessoais da espagíria é a culinária. Muita coisa começa ali, pela saúde e alegria,

amor e pensamento, que a comida bem feita, com amor e prazer, pode gerar.

Sobre esse tema a bibliografia é praticamente infinita.

Gostaria de sugerir duas obras que julgo importantes nesse aspecto: *A Cozinha Vegetaria para Todos*, de Rose Elliot, e *A Cozinha da Bruxa*, de Márcia Frazão.[101]

Existe no trabalho metálico a via seca (rápida e explosiva) e a via úmida (lenta e espiralada, aquela que o alquimista conclama quando escreve acima do seu athanor: Paciência). A ela se refere Jorge Ben, quando canta: "a poupança que é mansa, mas não cansa".[102]

Em "Cantilenas de San Vitor", do lp *Salve Simpatia*, Jorge Ben citou os mesmos versos latinos dos cristãos medievais (com conteúdo alquímico), a que aludiu Mary Atwood em sua obra fundamental (na canção de Jorge os versos citados vêm assim precedidos: "São Victor/Escreveu e falou/E cantou para quem quisesse ouvir/O liber vitae meritorum/São Victor escreveu/ São Victor cantou//Gloria divinorum operum").

Os dois estudiosos da Alquimia foram buscar o excerto na fonte *Lateinische Sequenzen des Mittelalters*; aus Handschriften und Drucken (*Sequências da Idade Média Latina*; a partir de manuscritos e impressos), editado por Joseph Kehrein em Mainz, no ano da Graça de 1873, o qual, na página 289, nos mostra a canção 404 dedicada a São João, cujo autor é o poeta Adam de S. Victore:

Cum gemmarum partes fractas
Solidasset, has distractas
Tribuit pauperibus:
Inexhaustum fert thesaurum
Qui de virgis fecit aurum
Gemmas de lapidibus

(Coletou das joias
As partes quebradas,
E aos pobres distribuiu:
Carrega um tesouro inesgotável
Aquele que dos ramos fez o ouro
E de pedras criou gemas)[103]

Adam de Saint-Victor (Paris, final do século XII – Paris, entre 1172 e 1192), que foi poeta, compositor de hinos e sequências em latim, chantre de Notre-Dame de Paris, é considerado por muitos como o maior poeta litúrgico, em latim, da Idade Média.

Leonardo Perin Vichi, que me ajudou a traduzir a sequência de Saint-Victor, assim a comentou, para mim, no facebook:

> Ele fala justamente do semeador de conhecimentos. Aquele que distribui os fragmentos do Saber Oculto, do livro de Toth, o Er-Toth, que foi dividido em vários fragmentos, Torah, Tarot, mitos de Ar-Thur e os distribui aos pobres, aos que não possuem esse saber... Este carrega dentro de si um tesouro inestimável. Justamente aquele tesouro que o Ladrão não pode roubar, nem a traça comer nem a ferrugem corroer.

A este respeito, gostaria também de recordar meu poema "Elogio ao magistério", que está no livro *Natureza Viva*:

Ele acorda de noite
E acende um fogo
E enquanto todos dormem
Ele estuda e trabalha
Lê os seus tratados
De Filosofia
E de matemática
Estuda as ciências
Vigentes e por vir
E aprende as línguas
Mortas e vivas
Pra melhor poder ler e entender
Escrever e dizer ensinar
Comunicar
Ele se dedica às artes
E mesmo às artes místicas
Ele assim domina
Cartas dados letras
O que você quiser saber
Ele pode te ensinar
Sábio majestoso

Com seu emprego modesto
Vai distribuindo
Joias para o povo
Ou então remédios
Antimelancolia

Honesto e rigoroso
Amoroso e iluminado
Generoso e alado

Eis o professor[104]

Existe a circulação menor ou a obra vegetal, e a circulação maior, que é o trabalho alquímico em metais.

A circulação menor é considerada pela Sociedade de Pesquisas Paracelso, dos EUA, uma ótima forma de se iniciar, para poder concluir posteriormente a circulação maior. Há controvérsia. Mas, com certeza, é ela a "chave da Alquimia"[105] (título da edição brasileira de *Opera Omnia*, de Paracelso) espagírica.

Considero todas as obras recomendáveis, oriundas desse grupo, especialmente duas: *Guia Prático de Alquimia* de Frater Albertus e *Real Alchemy* de Robert Allen Bartlett.[106]

Ambas ensinam caridosamente (com amor, e verdade) processos alquímicos completos, aplicados à circulação menor e à espagíria, com a intenção de prover mais que a cura, a saúde e o bem estar.

Não é à toa que é esse o nome da sua irmandade (bem como é pela mesma razão que Fulcanelli se declara pertencer, e dedica sua obra, à irmandade da qual trata, tão bem), e é com plena e justa razão que o cito, e assim relaciono nosso amado Phillipus Aureolus Theophrastus Bombastus von Hohenheim (Einsiedeln, 17/12/1493 – Salzburgo, 24/12/1541), o nobre e santo Paracelso, verdadeiro profeta de nossa Arte, uma das maiores colunas que sustenta a tradição, aquele que abriu o cofre para que a humanidade em geral pudesse usufruir dos tesouros divinos da Alquimia.

LIBER QUARTUS: ALCHIMIA SICUT METALLICA

Red arsenic, when its ferment is added, makes glad the heart of the Alchemist
(Petrus Bonus)[107]

serpens aut draco qui caudam devoravit.
(Fulcanelli)[108]

Essa é propriamente a Voarchadumia.

Os sopradores ("les souffleurs") na Idade Média usavam carvão e lenha nos seus fornos, tinham que usar, era a única tecnologia de queima em altas temperaturas, da época.

Hoje em dia, usam-se todas, as mais arcaicas e as mais modernas.

Por exemplo, eu fui à casa de um alquimista que tinha em um aposento um forno industrial elétrico, e, sobre a mesa ao lado vi também algum pó mineral em seu crisol[109]de carbeto de silício[110].

Porém, esses que sopravam o carvão para avivar o fogo, os alquimistas os viam com desdém, assim como cairiam na gargalhada (ou não, vejam o que Fulcanelli falou para Jacques Bergier e que nos é relatado em *O Despertar dos Mágicos*[111], e o que nos diz ele mesmo depois, no seu *Finis Gloriae Mundi*[112]) ao saber que o homem faz aceleradores de partículas, usinas, bombas e explosões nucleares para transmutar a matéria.

A Arquimia ou Voarchadumia é um tipo específico de Espagíria, no qual se foca propriamente na fabricação de ouro (a substância vulgar/mente assim conhecida), a partir de outros

metais, principalmente ferro, chumbo, mercúrio e prata. E considere-se que “metal”, nas línguas latinas, é uma palavra muito próxima de “mental”, o que pode significar muito, na cabala fonética.

Esta prática existe, é bem conhecida e comprovada hoje (não só transmutações artificiais radioativas, que são de uma violência inescrupulosa, mas aquelas feitas por manipulação laboratorial, a médias e altas temperaturas de forno).

No capítulo “Alquimia e Espagiria” VII, de *As Mansões Filosofais*, Fulcanelli nos dá um alentado e minucioso relato desse tipo de operação, sem esconder quase nada.[113]

O livro citado de Ressetti ainda entende assim a Alquimia (como transmutação de metais), o que é verdade por um lado, mas não TODA a verdade, como pretendemos demonstrar. Por outro lado, sendo o autor um professor de química que labuta no ensino brasileiro, é uma ótima referência sobre o quanto a Voarchadumia já se encontra em processo de aceitação pela ciência oficial.

> O símbolo alegórico não se confunde com o símbolo químico, e, por exemplo, o mercúrio alquímico não é o mercúrio químico.
> Aqui estão alguns exemplos de símbolos:
> Enxofre 🜍 – Mercúrio ☿ – Sal 🜔 – Arsênico 🜺
>
> Para o alquimista, os quatro elementos não representam os componentes da matéria; na verdade, a unicidade da matéria é um dos princípios filosóficos da alquimia; antes os estados (elementos) dessa matéria única se aproximam mais do conceito físico de estado da matéria. Estes quatro elementos são associados com seus símbolos:
> o Fogo 🜂, a Água 🜄, a Terra 🜃, o Ar 🜁.
> Para o alquimista sete metais estão relacionados aos planetas:
> • O Ouro dominado pelo Sol ☉ ☼
> • A Prata dominada pela Lua ☽

- O Cobre dominado por Vênus ♀
- O Ferro dominado por Marte ♂
- Estanho dominado por Júpiter ♃
- Mercúrio (prata viva) dominado por Mercúrio ☿
- Chumbo dominado por Saturno ♄ [114]

A Alquimia não (era ou) é uma química primária.

Ela é na verdade uma busca existencial, cognitiva e intuitiva de evolução espiritual através de um trabalho com a matéria.

Essa é a palingenisia, o novo nascimento, agora como corpo de luz, aquilo que os cristãos chamam de "metanoia" (Romanos, 12:2), a que Paulo de Tarso alude quando diz: "eis que tudo se fez novo" (2 Coríntios 5:17).

Então, há uma Alquimia de qualquer coisa: há uma pintura alquímica, uma música, qualquer arte que você quiser, e qualquer prática, uma culinária alquímica.

E também há a Alquimia feita com metais, e essa é o filé mignon, talvez porque o metal seja a matéria mais resistente, ao homem. O alquimista trabalha com metais e pedras preciosas. E é aí justamente onde você tem maior valor atribuído e concentrado socialmente.

Então, é algo difícil de obter e de gastar. E ao mesmo tempo é a matéria mais resistente. Mais fácil de gostar.

E, quando o homem atinge uma evolução em que ele consegue transmutar a matéria mais resistente, ele chega a se transformar.

Como subproduto disso, nós temos a metalurgia e a química atual.

A Alquimia trabalha com uma só matéria, um só ovo, um só forno.

Que se divide em dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze (dimensões) e doze (fases da obra).

Tudo vem do um. Quando ele se mostra, tem duas faces, uma clara e uma escura, é a matéria luminosa e a matéria negra do universo (na terminologia da física atual, yin e yang do Tao, nagual e tonal dos toltecas). Esse é o dois.

Quando a gente trabalha com ardor nessa matéria, conseguimos separar seus três modos: o que é, o sendo e o que faz ser. Essência, corpo e veículo. O criador, o mantenedor e a criação.

Tudo tem que se alimentar de quatro facções da energia, luminosa e quente, corporificada, vaporosa e úmida. Mas há um quinto estado, que só os amorosos percebem. Ele cria o mundo dividido em três duas vezes, tanto no microcosmos, quanto no macrocosmos.

Esse é o mistério dos sete: os raios que podemos frequentar, quando vamos além do convencional. Vemos o sete quando a luz do sol se refrata em minúsculas gotas de chuva, ou no prisma, natureza e mecânica, confrontadas, como no quadro do artista (poeta, pintor e) alquimista francês Jehan Perréal (1450-1530), também chamado Jean Peréal, Johannes Parisienus e Jean de Paris, "La Complainte de Nature à l'Alchimiste Errant" (1516), a queixa que a Natureza faz ao Alquimista errante ("que vagueia", mas, também, poderia ser lido, "que erra"), e que serve de capa do meu livro *O Estudante do Coração*, nas suas duas versões originais.

O oito é o nosso ímã, infinito. E o nove é a transmutação mais básica, quero dizer, a mais sensacional, para um ser humano, como nós.

Vou pedir a ajuda de Vitor Manuel Adrião[115], que nos auxilia a referenciar com acurácia as doze fases da obra:

> Nigredo, "Obra Negra" – Dissolução e putrefacção da matéria.
>
> Calcinação – Constitui a purificação do primeiro material sólido pelo fogo, sem, contudo, diminuir o seu teor de água (com o nome de "orvalho") para que fique calcinado e não em cinzas. O seu símbolo é um leão, indicativo de força e luz solar, visto na iconografia alquímica junto ao operador que mantém o fogo equilibrado com a água, e também a figura do dragão em chamas.
>
> Solução ou Dissolução – A matéria sólida é transformada, dissolvida em líquida, desaparecendo nesse solvente, assim se tornando a "dissolução filosófica" em

que essa água é o próprio Mercúrio que solve ou absorve a essência do elemento químico diferenciado integrando-a ao seu estado indiferenciado original, ou seja, a Matéria-Prima ou Substância Universal. O símbolo desta etapa é um homem coroado (o Adepto da Arte Real) banhando-se num lago (as "águas mercuriais") expressivo do mergulho dentro de si mesmo.

Separação – Tal como o Espírito é distinto da Alma, assim também o Mercúrio como elemento externo é separado do Enxofre que ele contém, e graças a um calor adequado coagula a si mesmo por um processo secreto (Secretum Secretorum) só conhecido dos Alquimistas e que vem a ser a linha divisória entre a Alquimia e a Química. Esse processo consiste, metaforicamente, em canalizar ou capturar para o interior de um balão de vidro (chamado "ovo filosófico") um raio de Sol, condensando-o, aprisionando-o hermeticamente fechado e alimentado com o fogo da retorta. A Terra, elemento sólido, fica por baixo enquanto o Espírito sobe. Concluída corretamente esta etapa, pode-se ver a formação de uma estrela (chamada "arco-íris" ou "cauda de pavão") dentro do balão. Esta fase fica assinalada pelo símbolo da estrela resplandecente, e também pela espada de um cavaleiro iconográfico.

Putrefação – O calor mata os corpos sólidos no fundo do vaso e a putrefacção acontece, surgindo uma cor escura, negra, motivo porque é representada por dois corvos (um indicando a calcinação e outro a putrefacção), e ainda pelo esqueleto da morte carregando a foice e também por um mouro ou só pela sua cabeça enegrecida decepada.

Albedo, "Obra Branca" – Purificação da matéria pela substância "líquida".

Conjunção – Cientes de si mesmos, a Alma e o Espírito, o Mercúrio e o Enxofre são novamente unidos. Toda a operação é realizada no mesmo recipiente, estando o balão ou frasco hermeticamente fechado. Por representar a "Núpcia Hermética" esta fase é simbolizada por um Rei (Espírito, Sol) e uma Rainha (Alma, Lua) de mãos enlaçadas.

Coagulação ou Congelação – Nesta fase aparece uma coloração esbranquiçada no crisol aquecido por um lume brando que promove mudança da matéria. Trata-se do processo de resfriamento que leva um líquido a solidificar-se, onde o sólido dissolvido num solvente reaparece

quando este é evaporado. Trata-se da devolução à Terra do seu elemento devidamente purificado, tal qual acontece na ressurreição dos corpos. Por isto, esta etapa é representada por um Rei com o seu ceptro saindo ressuscitado do seu túmulo.

Cibação – Trata-se da adição dos elementos químicos necessários à alimentação da matéria seca no crisol. É representada por um dragão ladeado pelo Sol e a Lua.

Sublimação – Nesta fase a matéria torna-se espiritual e o espírito material, ou seja, volatiza-se o fixo e fixa-se o volátil, sendo que ambos os processos dependem um do outro sem os quais não é possível volatizar (subtilizar) nem fixar (materializar), tendo papel dominante o elemento Ar como princípio de sublimação do Espírito e da Matéria por ser a etapa em que o vapor se solidifica e se eleva a matéria seca através do calor. Relata-se que esta etapa tem uma duração de quarenta dias. A sua representação iconográfica tanto pode ser uma pomba descendo no crisol como uma águia subindo do crisol, dentre outras representações como a de um ancião deitado com uma pomba por cima e uma águia pousada no seu ventre, tendo por cima os símbolos astrológicos dos sete planetas tradicionais (Sol, Lua, Marte, Mercúrio, Júpiter, Vênus, Saturno).

Rubedo, "Obra Vermelha" – Estágio em que se fabrica a Pedra Filosofal.

Fermentação – É a reação espontânea de um corpo orgânico à presença de um corpo que o decompõe, sendo também o processo de transformação química acompanhado de efervescência da natureza produzida pelo fermento ou semelhante a ela. Nisto, na demanda da fábrica do alquímico, é costume adicionar-se ouro para tornar o já existente mais ativo, posto que "a Natureza reproduz-se da própria Natureza". São símbolos da fermentação as imagens do hermafrodita e do tonel de vinho que alguns substituem pela figura do deus Baco ou Dionísio.

Exaltação – É o processo semelhante à sublimação, uma espécie de ressublimação ou exaltação espiritual e também química marcada pela presença do ouro e do mercúrio. É assinalada pelas imagens do deus Júpiter com as flechas de fogo e pela sereia Melusina nisto indicando o "Mercúrio dos Filósofos".

Multiplicação – Uma quantidade maior de energia calorífera é acrescentada nesta fase à matéria que aumenta em poder e não em quantidade. Esta matéria vem a tornar-se o "pó de projeção" necessário à transmutação dos metais impuros em ouro puro. Marca o início da aparição da Pedra Filosofal na sua forma primitiva. A Bíblia retrata esta fase no milagre da "multiplicação dos pães" por Cristo, sendo as suas alegorias iconológicas o lago com as águas da "eterna juventude" e uma cabra no cimo do monte.

Projeção – Trata-se da aplicação final da Pedra Filosofal nos seus usos normais, como o da transmutação dos corpos metálicos, lançando a Pedra ou o seu pó, "pó de projeção", no metal básico fundido para transmutá-lo em ouro. Dotada de coloração vermelha viva, purpurada, a Pedra dos Filósofos saída do Sal Sublimado que é a Quintessência da Matéria, é representada por um Menino coroado – descendente do Rei e da Rainha, Sol e Lua, Enxofre e Mercúrio – que é o divino Delfim, ora vestido de branco imaculado, ora trajando de púrpura luminoso. Representa a revelação do Espírito na Matéria, consequentemente, a Iluminação dos Corpos pela Essência Divina, esta a derradeira meta dos verdadeiros Alquimistas.

Esta fase é igualmente representada pelo ouriço-cacheiro e o Taça Sagrada que os antigos cavaleiros de demanda espiritual chamavam Santo Graal.[116]

Assim nos ensina de cátedra esse grande estudioso.

Devemos lembrar que todos os aspectos da obra alquímica são controversos, pois variam de autor para autor, de texto para texto, e, mesmo, dentro do mesmo texto (assim há outras comunicações das fases, três, quatro, cinco, sete etc.).

Ao lado deste, supracitado, há vários sites importantes e dadivosos sobre a nossa Arte, e poderia referenciar The Alchemy Web Site de Adam McLean, disponível em http://www.levity.com/alchemy/, considerado por muita gente como o melhor site internacional sobre o tema.

Perante a Esparígia e a Metalica, com toda a sua grandeza, devo porém dizer que o trabalho do alquimista é mais existencial.

O escritor e o poeta, como Fernando Pessoa ou Ferreira Gullar, quando ele fala de Alquimia, há ali algo legitimamente alquímico.

Debochou-se muito de Jorge Benjor, por ele fazer música sobre Alquimia.

Mas, como a Alquimia é uma transformação do sujeito, e a Grande Obra é o homem transformado, ele pode fazer isso com a arte. Inclusive, as citações de música na Alquimia são muitas.

Ainda, não nos esqueçamos das tantas e tão frequentes admoestações aos "sopradores" e "queimadores de carvão", os quais, literalmente, denigrem nossa Arte.

LIBER QUINTUS: ALCHIMIA VEL META OPTATA HOMO FUTURANS

(OU: A FUNDAÇÃO DO PETRELISMO)

(AQUARIUS 4)

(2003 – 2013)

> Captai um raio de sol, condensai-o sob uma forma substancial, alimentai de fogo elementar esse fogo espiritual corporizado, e possuireis o maior tesouro deste mundo. (Fulcanelli)[117]
>
> E se te desmentem, (recorda-te de que) também foram desmentidos os mensageiros que, antes de ti, apresentaram as evidências, os Salmos e o Livro Luminoso.[118]
>
> Assim, os elementos entre si se harmonizavam,
> como na harpa, em que as notas modificam a natureza do ritmo,
> conservando, todavia, o mesmo tom;
> é o que se pode representar, olhando os fatos:
> enquanto seres terrestres transformavam-se em aquáticos,
> os que nadam saltavam para a terra;
> na água, o fogo aumentava a sua força
> e a água esquecia seu poder de extinção;
> as chamas, ao contrário, não abrasavam as carnes
> dos frágeis animais que ali perambulavam;
> nem derretiam – cristalino e solúvel -
> aquela espécie de manjar divino!
> Senhor, em tudo engrandeceste e glorificaste o teu povo;
> sem perdê-lo de vista, em todo tempo e lugar o socorreste![119]
>
> Quem tem ouvidos, ouça![120]

É verdade, sem mentira, certo, muito, verdadeiro...

(“Homo futurans” tem doze partes, que são as fases da obra.)

1) NIGREDO – JANEIRO

Oi povo bom
Do universo
Hoje é o tempo e o tom
E eu estou aqui
De volta
Em prosa
E verso
Evento
Que varre tudo por fora e por dentro
E que vem tanto de mim
Quanto do vento
Do tempo
Do ser
Falar coisas novas quando canto como por exemplo
Venho falar sobre amor e sexo em mim
Que quer dizer no universo
Inteiro
Quero cortar o seu seio
Com uma lâmina fina
Quero dar uma mordida com força
No seu braço meigo e terno
Pra deixar a minha marca
A marca da minha boca e da força do meu desejo
No seu seio
No seu medo
No seu sexo
Sem medo
Cheio de desejo
De menina
De mulher
Eu ando pelas ruas como se estivesse em outros mundos
Caras de políticos corruptos

Ineptos
Escrotos
Ou pútridos
Ou meramente detestáveis
Inundam os cartazes
Invadem os muros
Com seus sorrisos de três metros
É preciso deixar que a chuva leve
E o vento veloz lavem essa poluição mental
Essa revolta amorosa passa
Ela é como uma fumaça
Que polui o coração
Preciso descarregar
Eis o conselho dos búzios
Agradeço a ajuda a
Exu
E a todos os Orixás
Estou aqui
E agora
Estou no olho
Do furacão
Estou de saco cheio
Estou cansado
De tanto sofrer
De ser sacaneado
De viver sendo barrado
Humilhado
Estou cansado de tanto padecer
Estou cansado de pagar sempre tão caro
Por ser forte
Por ser bom
Por ser verdadeiro
Por amar
Não é justo
Legal também não é

O que você quer que eu faça
Eu busco a graça busco a paz
E a guerra justa
Mas não há
Nada que possa segurar
Essa sensação de abandono
De ter entrado pelo cano
Desde o momento em que nasci
E de nunca dele sair
Faça o que faça
Às vezes penso
Mas
Às vezes penso
Que a única solução é o suicídio
Isso é tão fácil
Eu só penso na morte e em morrer
Nada nunca dá certo
E esse deserto
Explode na minha alma
Com o meu ser
O universo é triste
É infinito
E tudo voa em direção
Contrária
Mesmo o Paulinho da Viola na vitrola
Consola um pouco
Mas depois
Acaba rápido
É por isso que eu vou ficar aqui
Olhando pro escuro esperando o sol surgir
Sem me matar nem berrar na madrugada
Estou aqui esperando por nada
E tudo
Tudonada como diz Gilberto Gil
Estou aqui

Esperando o sol nascer
E vou ficar assim
Aqui
A esperar
E nem mais poesia vou escrever
Vou só ficar
Aqui
Esperando o novo dia
Com a alegria de um Luiz Melodia
Eu já te disse tudo que podia ou precisava
Não quero ficar me repetindo sem parar
Entenda o retorno é a coisa nova
E eu quero ficar me repetindo do teu lado
Ah ficar perto de você é paraíso e o inferno
E mais um monte de outros troços
Que eu nunca tinha ouvido falar
Ah ouvir tua voz linda é percorrer trilhões de universos
Num único milésimo de segundo quente e terno
Ah meu amor como eu quero
Como eu preciso
Mais que tudo
Nesse mundo
Tocar você
Beijar você
Sentir que nós dois não somos só dois
Não somos sós
Saber que eu e você somos um
Neste amor lindo e louco
Que Deus inventou
Nunca seria muito
E é sempre tão pouco
O amor não me deixa nem um pouco louco
O amor me curou
De quase tudo
Que era ruim

Que era avesso ao mundo
Que era fraqueza em mim
O amor me encheu de força
E de alegria
Mas o amor está tão cheio
Da vida que eu lhe dou
Que se esquece de me ver
Que esqueceu onde estou
O amor que sinto é tudo
É muito mais que mais um pouco
O meu amor me deixa louco
Do amor de Deus
Este amor que é verdadeiro
Por que tem que ser pequeno
Por que tem que vicejar
Entre as frestas da cidade?
Este amor que é de verdade
Por que tem que se esconder
Entre os brilhos ofuscantes
Das explosões da vontade?
Eu estava triste e perdido numa madrugada
Cheio do frio brilho da felicidade falsa e comprada
Resolvi caminhar até o ônibus que vem prà ilha
E passei pela estátua dos guerreiros de Bruno Giorgi
No Palácio da Cultura
Sorri pra eles conversei e coloquei uma vianda
Uma oferenda
Uma concha
Aos pés da escultura
Como um pedido ao espírito

2) CALCINAÇÃO – FEVEREIRO

É um mês inteiro
Num dia que dardeja poesia
Um domingo de sol e de alegria

Com comida que faz
O efeito cascata que desdobra
Pela frente e por trás da persiana
A energia
Que é a vontade corporificada
Em poesia
Que quer dizer gente pente ponto canto garrafa
Computador tv apartamento melodia revista relógio micro-ondas
O mistério é uma nuvem que ganha novas dimensões
Por exemplo um formigueiro
É um montão de indivíduos
Agindo sentindo e pensando
Como um só
Já uma colônia marinha
Cnidários digamos
Anêmonas caravelas águas-vivas
São muitos indivíduos integrados
Cuja autonomia mesmo espacial
Corpórea
Física
Se desfez em favor
Da sua integração total ao grupo
Que é em tudo e por tudo
Como um indivíduo
Indiviso
Agora nós
Que somos animais multicelulares
Sejamos irracionais ou não
Sejamos convencionais ou o sinal do sim
Esteja em nossa fronte e coração
O que somos nós
Um conjunto estelar galáctico um universo
De células
Que se comportam como se fossem
Um corpo só

E que são uma nuvem cósmica
De estrelas vitais
O que somos nós
É a pergunta sem sentido
Que ressoa nos ouvidos de nossos ancestrais
Desde os macacos passando por Sócrates
Até chegar aos ciborgs e aos cidadãos soldados
Da colmeia informática globalizada
Somos um conjunto
Bem disfarçado de indivíduos
Num indivíduo
Ou somos moléculas
Pensantes e querentes
Desejantes
Que têm em si vontade de potência
E produzem a fé e a ciência
Como artifícios elétricos e eletrônicos
Sinápticos e químicos
Biofísicos
Organolépticos
Para fazer difícil
O que é fácil
O sexo dos átomos
Que são como edifícios gigantescos
Verdadeiras catedrais medievais
De outros indivíduos mais vitais
Chamados de partículas
Vitátrons[121]
Ou algo mais
Porque não temos nomes para isso
Que verdadeiramente somos antes e depois
De nossa vida humana e de sujeitos
Sociais dentro da história e de alguns fatos
Somos energia
O que não dá nenhum indício seguro ou impreciso

De esclarecimento sobre o que somos
Talvez só a Alquimia
Com carinho
Consiga essa magia
Essa filia
Que é fazer a nossa mentalidade simples
Vislumbrar algo além do limitado
Da nuvem que nós somos pelos lados
Que interessam à nuvem que formamos
Todos juntos mesmo quando passeamos
Por universos outros aspirados
Por exemplo
Os símbolos
Alquímicos
São tantos
E pequenos
Infinitesimais
E muito mais
São como igrejas
Góticas
Que fazem
A gente
Querer mais
O ovo a galinha o galo o pinto o pelicano
O cisne a fênix a águia
A cobra o dragão o lagarto a lagarta
A borboleta
A pomba
O leão
Todas as mitologias
As máquinas máscaras
O leão verde o leão vermelho
O carneiro o touro
O tempo o relógio
A ampulheta a crepsidra o gnômon

O túmulo o berço a escada
As estações o ano
O calendário as construções Ícaro o mar
Dédalo as montanhas o vale as fontes as cavernas o banho
O bebê o horizonte o poente o nascente
O sol a lua as estrelas os cometas as galáxias as constelações
O zodíaco o rio o mar a seca as enchentes o lavrador o artesão o rei
O charlatão o médico o vilão o físico o canastrão o feiticeiro o professor
O magistério
O menino que faz xixi a virgem que ri
E a virgem cujos seios jorram leite
A cozinha os utensílios a cozinheira o marceneiro o marinheiro
O pedreiro o piloto da onda viva a igreja a fábrica a forja o forno o vaso
A retorta o cadinho o sal o enxofre o mercúrio o grão de areia
O pavão a cauda o rabo a boca uroboros
O ouro a prata a prata viva
O nosso fogo a nossa água
A pedra que jorra
A vara que faz
A pedra jorrar
A água
O leite
O orvalho
A chuva
A urina
O esperma
O corpo
A alma
A linguagem
A letra
A porta
A escada

A chave
A torre
A arquitrave
A terra
O céu
As florestas
A esfera
O círculo
O quadrado
O triângulo
A colheita
O vaso
O sexo
O nascimento
O voo
O negro
O branco
O citrino
O arco-íris
O vermelho
O átomo
O astro
O cosmo
O ovo
E há muitos outros
Símbolos
Eu só citei alguns
E um mês inteiro
Esse fervor
De fevereiro
O verdadeiro carnaval
É mental carnal e espiritual
E o mês de vinte e oito dias
Dura o ano inteiro
Com seu calor infernal

De paraíso infinitesimal
E para isso
É preciso
Precisar
É preciso
Ser siso
Ser riso
Ser raso
Ser fundo
E brincar
Com isso
Amar
O mundo inteiro
Armar
Saber
Nadar
Estar e ser
Ser e estar
Aqui e agora
Que quer dizer
Em si
Mesmo no todo
Ou melhor
Como já dizia o sapateiro
Iluminado
Em cada pedaço de madeira
Pedra
Ou fio de erva
Existem três coisas
Primeiro a energia que gera o corpo
Depois nesse mesmo corpo
A força
Que constitui o seu próprio âmago
E em terceiro lugar
Contém em si uma força

Um aroma ou sabor
Que é o espírito
Dessa coisa
Do qual ela flui ou dimana
Assim ele falou em seu livro Aurora
Assim falou o nosso Bombastus
Na madeira o que arde é enxofre
O que deita fumo é mercúrio
O que se transforma em cinzas é o sal
O espírito (o Filho)
A alma (o Pai)
O corpo (a Mãe)
Assim o mundo foi criado
Como ensinou
O três vezes grande
O que significa
Você sabe igual a mim
Corpo alma e espírito
Sal enxofre e mercúrio
Ato potência e sentido
Formas da vontade
Energia atualizada
Energia potencial
E essência
Que quer dizer
Que tudo é existência
E que também quer dizer
Que há n dimensões
Da manifestação
Mente e ação
O que é divino
Por uma questão
De entendimento humano
Aqui e agora
Na hora

Que surge
Na aurora consurgens
Quer dizer
Na hora áurea
A hora do ouro
Que quer dizer
A hora do outro
Que nós somos
Isto é
Nós somos ouroboros
O universo
Está inteiro
Dentro de si mesmo
O universo
Está inteiro
Dentro de outro
O universo
Está inteiro
Dentro de nós
Nus

3) Solução – Março

Cidade Maravilhosa
Cheia de encantos mil
Cidade Maravilhosa
Coração do meu Brasil
Hoje é aniversário da minha
Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro
Que faz
438 anos
E começa o sábado de carnaval
Que pega fogo
Pelo mundo todo
42 graus

Mudo
Por tanto ruído
Portanto gritar
Par e par
Surdo
Bumbo tantã
Repinique pandeiro e cuíca
Uma bateria inteira ligada na cara
A batedeira de bons funciona na casa
As marchinhas do carnaval estão na cuca
Estão na carne no carma que arqueja e
Queima na minha cama sem parar
Taí eu fiz tudo pra você gostar de mim
Ai meu bem não faça assim comigo não
Você tem você tem que me dar seu coração
Olhando as cores da tv pela madrugada
Ou a tela compacta do ordenador
Que faz a fé e a foz do mundo reclinar
E a gente nasce onde deixa de golfar
Ser humano golfinho reciclado pelo fado
E pela marcha da guerra-folia isto é guerra-fobia
E a gente nasce quando deixa de pirar
E pira de vez na nova voz do dono
No sono sem sentido que nos acorda
Pro que é bom e bomba de infinitas geometrias
As marchinhas carnavalescas urdem ardem ordem
Pela madrugada como farpas de plasma
Como o fogo do sol que queima a solidez idem
Noturna do sono éden-ventura
Wise men say only fools rush in
But I can't help falling in love with you
Alô alô responde responde com toda a sinceridade
Alô alô responde se gostas mesmo de mim de verdade
Uma escola de samba passa pelas horas com a calma dos rios caudalosos

E fica repicando forte fonte na ciência de um sábio que só sabe estar lá
Boiando como um boi voa e ando no seu-nosso aqui e agora
Cientista da hora que faz
O Amazonas nascer no Rio
E ir jorrando jornada e tudo pela alma do Brasil
Atravessando a carne a vau eu vou o tempo todo
Desde de vinte tantos anos atrás quando escrevi este verso na parede
Do quarto de adolescente que eu enchia de fotografias de revistas
E desenhos e recortes do sol da lua e das estrelas
Ah como a vida é bela
O teu cabelo não nega mulata
Porque és mulata na cor
Mas como a cor não pega mulata
Mulata quero o teu amor
Se a canoa não virar olê olê olá
Eu chego lá
Rema rema rema remador
Vou buscar depressa o meu amor
Bumbumpaticundumprugurundum
O nosso samba minha gente é isso aí
Olelê olalá
Pega no ganzê pega no ganzá
Alalaôôôôôôô
Mas que calor ôôôôôô
Atravessando o deserto do Saara
O sol estava quente e queimou a nossa cara
Viemos do Egito
E muitas vezes nós tivemos que rezar
Allah Allah Allah
Meu bom Allah
Mande água pra ioiô
Mande água pra iaiá
Allah

Meu bom Allah
Olha a blusa dela olha a blusa dela
Chegou a nega tanajura com a blusa amarela
Vestiu uma camisa listrada e saiu por aí
Estava bem mamado o meu pedaço estava bem chumbado
Estava ruim de fato e sorria quando o povo dizia
Sossega leão
Ouça um segredo meu leitor especial que invento e agora e para sempre
(Hoje devolveram mais um livro não querem editar nada):
O leão nunca sossega o leão nunca se aplaca o leão é a semente
O leão é a coisa que nasce o leão é a gente
Eu bem que gostaria de ser um cara muito mais racional
Um pensador um filósofo um geômetra
Alguém que conta as gotas e mira o alvo
E quando fala algo é porque pensou antes
Ah como eu queria ser um frio calculista
Um lógico terrível glacial que conta
Com cada grama que pesa na balança
E é sempre igual quando deita e quando levanta
Eu queria ser assim mas não sou nada disso
Eu sou poeta eu sou pintor eu sou cantor
Eu sou Pierrô eu sou pirado eu sou ator
Eu sou um louco de amor e entusiasmo
Um ufo um óvni um disco voador
Uma locomotiva que ronca e rasga os campos
Do país das delícias e dos cantos
Eu sou um coração que pulsa sem parar
Eu só sei ser assim e assim será
Eu sou um sonhador
Um ser das águas
O filho da terra
Um homem no centro do sol
Sempre suspenso no ar
Eu sou apaixonado

Pelo amor
Eu só sei amar
O Rio de Janeiro continua lindo
O Rio de Janeiro continua sendo
O Rio de Janeiro Fevereiro e Março
Alô alô Realengo
Aquele abraço
Se você fosse sincera ôôôôôôô
Aurora
Veja só que bom que era ôôôôôôô
Aurora
A estrela d'alva
No céu desponta
E a lua anda tonta
Com tamanho esplendor
E as pastorinhas
Pra consolo da Lua
Vão cantando na rua
Lindos versos de amor
Meu corpo berra o seu nome
Agora eu sei que sou um homem
Só um homem tem tanta fome
Com esse calor de deserto eu sinto também muita sede
Eu tenho muita razão e minha rede
Que conecta o planeta e os seus seres
O que não é propriamente loucura
Eu sou Clóvis e não sou eu trago
Uma bexiga na mão com que bato na cara
De toda convenção
Eu sou a máscara de Bush e de Saddam Hussein
Em meu carnaval eles conversam riem juntos
Dão-se as mãos
Beijinhos no rosto e comem biscoitos
Tomam chá
Eu sou o Pierrô que veio brincar com você

Minha Colombina
Com sua linda roupa
Colorida
De lamê
E lantejoulas
Que refletem todas as cores
Quanto riso oh quanta alegria mais de mil palhaços no salão
Arlequim está chorando pelo amor da Colombina no meio da multidão
É isso aí menina pomba serpente e ovo de bomba ou melhor Colombina
Quem ganha você é o Pierrô porque
O amor tem mais mais e mais paz e mais guerra e mais amor
O que parece redundante mas o amor também é assim uma espiral mutante
Que só repete o que traz de novo pra gente e pra sempre o que quer dizer
O amor é foda
O carnaval chegou para ficar eu percebo que há muito amor e guerra no ar
Mas o carnaval está aqui e agora é que são elas veja bem está um calor total
E o sol energiza a Terra com a fúria do leão e a paixão do amor total
E o amor no coração assim eu como você
E os homens da cidade com certeza enlouqueceram e saíram pelas ruas
Gritando soltando bombas metralhando as construções e os automóveis vãos
Os ônibus estão com medo das fúrias dos traficantes dos mafiosos dos guetos
Dos segredos dos governos e do desgoverno de todas as estações
Ah como eu sou um poeta eu escrevo para sempre eu estou com a poesia
Engasgada na garganta e eu grito sem parar e o meu grito me

espanta e se espalha no ar e a fúria é tanta que é santa e assim me vê e me faz
Acreditar ainda no amor crer que tudo será bom que tudo que acontece no mundo
Tem a sua razão de ser mesmo este carnaval encravado de bombas e berros
De pombas e bombas da pazguerra aqui e no golfo pérsico aqui e no oriente médio aqui e agora e na idade média
Nova
Como já dizia minha tia
O que é bom tem que gostar
Como já dizia minha prima
Eu gosto de ar de mar de amar
Como já dizia a vovozinha
Vamos todos cirandar
Porque o carnaval de verdade agora vai começar
Veja às vezes escrevo sem inspiração específica e mesmo assim estou sempre
Inspirado pirado eu já superei essa divisão binária de louco e normal
De louro e negro adulto e criança prosa e poesia homem e mulher anjo e besta
Eu já superei todas as dicotomias e por isso voo sobre o meu próprio tempo
O tempo pra mim é um evento único em eterno movimento imagine uma águia
Voando sobre todos os picos dos montes e olhando tudo lá embaixo seu olhar
Pode ver onde você nem percebe e suas narinas aquilinas sentem o cheiro
Do orvalho da manhã na gota da relva e do mel e da abelha e do pólen do néctar
De Deus
Eu sinto os nossos
Meus e seus

Teus e ateus
Para além de todas as triangulações e mesmo até mesmo para lá de para lá
De todas geometrias e sei escrever algo aqui que é só palha pálida coisa que
Parece mas não é o que é e que é uma escrita que faço que não é fonética
E muito menos discursiva por mais que eu fale e que é geografia como diz
O Anti-Édipo a escrita da Terra a escrita amorosa dos homens no corpo dela
Este misto de abelha e de águia que nós somos este misto de água e de fogo
Eu que vivo no seio no meio no sexo na barriga no peito no umbigo do sol
Eu que sou eu
Sinto o carnaval que passa por aqui como um rio de gente sabidamente enlouquecida
Pela Marquês de Sapucaí fazendo truques de mágica rebolando
Suando em bicas nos bicos dos seios nos picos da pulsação do ritmo
De todas baterias que fazem a malbemdita artilharia contra o tédio contra o ódio
Contra o sódio e o nádio contra o nada e o túdio contra o estudo e o tisnado
Contra o rádio a tv a imprensa e todos os tipos de escritas escravas desta imensa
Aldeia global que sente que senta no cume do céu quando ouve as ondas
Que vêm do solo do sol e do que há entre os dois há mais coisas etc sabe-se
E assim vamos no carnaval que vai indo hoje já é terça-feira gorda como
Muito porque o rei é Momo e por isso é sábio quer dizer é vário quer dizer

É tolo quer dizer é solo quer dizer é sol quer dizer é sólido e gasoso quer dizer
É todo mundo
O animal desembesta aos botes pinotes desengonços
No heroísmo do prazer sem máscaras supremo natural
Quem dirá que não vivo satisfeito
Eu danço
Uns cheiram éter outros cheiram cocaína
Eu já tomei tristeza hoje tomo alegria
A turba ávida de promiscuidade
Mas dentro de nós era tudo claro e luminoso
Nem a alegria estava ali fora de nós
A alegria estava em nós
Era dentro de nós que estava a alegria
E está dentro de mim
Está dentro de nós
A cor de cada lantejoula
O lamê das fantasias
As pedrarias
Estrasses canutilhos
As linhas e os tecidos as penas os desenhos
As tintas sobre o linho e sobre a pele
A bisnaga de lança-perfume e um olor que se espalha
Por toda multidão
O colar havaiano de um calor que se aclara na planta do pé
Na palma da mão
É
Confetes coloridos que eu lanço para cima e sobem como foguetes
Confetes coloridos que caem como neve como chuva como ígneos meteoros
Sobre nós caem do céu e vêm beijar os nossos olhos
Vêm pintar os cabelos colocar uma máscara sobre a máscara sobre a máscara
E colorir a nossa voz sadia noite de carnaval com chuva de confetes que colorem

A nossa fantasia de uma outra fantasia super informada e super sofisticada
A fantasia que a gente veste com os olhos que olham e veem e veem mais
E abro um pacote de confetes são tão lindos dá vontade de comê-los e esfregá-los na cara uma cura de cabelos uma cáfila camelos caramelos belos na tara na tenda na fenda na venda no véu
E é Egito e é bonito e é Grécia e graça e é China e é divina e é Brasil e é vital
Assim é o carnaval
Depois eu abro um pacote com algumas serpentinas coloridas todas as cores
Básicas e ácidas como se tivessem a palheta de um pintor pós-moderno em si
As serpentinas são fios de vivaz sensibilidade são tesãozinho pequeno que invade os resquícios da mente e do salão são fios de um telégrafo sem fio
Que manda mensagens mil e mil vezes mil e mais de mil vezes um milhão
De cores nas serpentinas serpentes finas e pequenas achatadas e longas largas em uma outra dimensão
Na sexta-feira de carnaval eu falei para um phd pós-doc em física
Se o universo é infinito gera paradoxo se o universo é finito gera paradoxo
Ele sorriu e falou é
E eu falei muitas coisas eu falo muito não parece mas tenho a mania de falar
E eu falei que a gente sempre quer o tempo todo experimentar e saber
Como são as outras dimensões além da terceira e da quarta isto é sorri e disse
Se é que elas existem e ele sorriu submisso não a mim mas à física ao infinito
À matéria densa que é o que ele estuda e ao efeito das dimensões exatas

Ele respondeu assim é claro que existem sim assim falou o físico pra mim
Então eu fiquei sabendo que as serpentinas sobem e sobram pro lado meu com furor
Pois algo além da mão as impulsiona elas estão no caduceu elas são o que são
Tesão e céu Teseu e chão o labirinto e o fio o novelo e o velo
O arco que a serpentina faz quando atirada é uma viagem
Dos novos argonautas que nos trazem
E por tanto é preciso cantar
Porque
Nos demais se viu louca a anatomia
Sou todo coração
Mas
Nem só de carnaval
Vive o homem
E vive a mulher
Vivemos nós
Inventei o épico lírico
Que também pode ser
Polifonia
No sentido de música contínua
Sinfonia dos muitos sons da lira
E de outros instrumentos que adquiro
Plantas apófitas os seres eumanos
Ou não ou são mamulengos debaixo dos panos
Entram anos saem anos e tudo é igual
O carnaval para além de bem e mal o ideal
Tem seu lado bom e seu lado mau
Veja com o passar dos dias
Não se falam mais em desfiles
Fantasias
Mas a gente continua numa avenida
Cheia de produtos industrializados
Cheios de corantes aromatizantes

Acidulantes espessantes antioxidantes conservantes
O que é isso que se como e que se bebe
O que será depois o que era antes
Há a fome e há a sede e há a plebe
E há o nobre se que cobre de opróbrio
Por desdenhar a tudo o que se deve
Honrar
Que é a vida
O fogo a água a terra o ar
Abaixo a poluição
Seja ela das ideias ou das coisas
Viva aquele que ousa desejar
E fazer o que quer
Se o que ele quer
É o certo
É o belo
É o bom
Ô abre-alas que eu quero passar
Eu sou da Lira não posso negar
Rosa de Ouro é quem vai ganhar
Escravos de Jó jogavam caxangá
Tira bota
Deixa o Zé Pereira ficar
Zé Pereira inventou o carnaval cê sabe o maior imoral o revolucionário
Da alegria cê sabe eu e você somos o Zé Pereira desde a pré-história
Guerreiros com guerreiros
Fazem zig zig zá
Escravos do já
Escravos de nada
Senhores do nosso aqui e agora
Hino do Grêmio por Lupicínio Rodrigues
Até a pé nós iremos
Para o que der e vier

Mas o certo é que nós estaremos
Com o Grêmio onde o Grêmio estiver
E Caetano Veloso pergunta
Existirmos a que será que se destina
E a moeda número um do Tio Patinhas agora é minha
Agora é guerra
Como já era
Desde as mais priscas eras desde a pré-quimera desde a idade da pedra
Agora é gelo e fogo a era glacial que vem como desabamento da geleira
Ou bola de neve do bilhar dos universos que eu canto nos meus versos e é
Absoluta mente que se ausenta e está presente ao mesmo tempo agora é o é
eon
Agora é o neon e o nono momento da lembrança e do esquecimento
Ah mas não tenha medo de bush o arbusto que anda walker lavrador george
Ele só quer fazer a guerra e man ter a guerra e ser a guerra e é a guerra e é
Uma coisa que vibra no escuro de dia e de noite na arca de noé das eras e das
Feras
Tsunami
A onda gigante que arrasa cidades
O general português manda avisar a hora do ataque
O piloto português lança a bomba sobre sua cidade pra não desperdiçar
Vasco bombardeou Calcutá
Vasco ganhou do Flu
No Maraca
O português de Portugal pode falar
O puto entrou na bicha para levar uma pica no cu

O que quer dizer em brasileiro
O menino entrou na fila para levar uma injeção (picada) nas nádegas
A maior piada é americana a maior poesia épica também
O ser humano é isso
Um cantinho um violão esse amor uma canção muita calma pra pensar
O Corcovado e o Cristo enchem os corações de amor e esperança
Mas quando como onde por quê e com quem
As pessoas vão se entender
É o que eu gostaria de saber
Quando a guerra estourou todo mundo estava ligado na tv
Porque havia um jogo de futebol e um jugo mental
E o presidente atacante havia anunciado a hora do ataque
Inicial todo mundo viu que ele ficou fazendo pose
E uma cabeleireira ajeitava seu cabelo com pente e laquê
Isso via satélite para o mundo inteiro
Enquanto seus mísseis bombardeavam Bagdá
Aí fizeram pipoca misto quente pizza lasanha café chá e abriram garrafas
De cerveja e refrigerante e se sentaram no sofá da sala
Pra assistir ao grande espetáculo mais que show de rock e/ou de mágica
Mais que filme americano ou programa de tv e isso tudo ao mesmo tempo
Todo mundo agora corre pra casa pra assistir na tv ao show da guerra
Que ilumina as noites do oriente e a cor desmaiada em suas caras
Telas pra pintar o que o mercado
Quiser
Assim as pedras cristalinas rocha água viva fogo ser do anoitecer/ amanhecer
Que todos nós temos que tecer
Em nosso ser

O nosso ser é bom
O nosso ser é bomba
O nosso ser é bombom
Todo labirinto tem saída
Março um marco

4) Albedo – Abril

Dó ré mi
Faz sol lá sim
Este livro poderia
Se chamar Harmonias
Ou o Jardim das Delícias
Ou a Árvore da Vida
Mas eu já escrevi um livro chamado Harmonia
E todos os tolos confundiriam
Hoje é primeiro de abril dia dos bobos o dia de nós todos todos seres humanos
Como na Alquimia na magia e na ciência
Aquarius
É um é dois é três é quatro é cinco é seis é sete
É dez
Eu vou explicar pra vocês só um ok
É quatro (cinco) em um porque é
(Corrier Neo, a volta do Caos)
Guerra e Amor (A geração espontânea)
Mensagens na Garrafa (A Ilha Áion)
Homo futurans (A fundação do Petrelismo)
Aurora (A hora do ouro)
Que correspondem a
Terra Água Ar e
Fogo (e Quintessência)
Nesta ordem, respectivamente,
Logo
Sabe

Você
Eu sou Llull
A mente elegante a plenos voos
Eu sou como sou de mente e vivo energética mente
Todas as cores do carmim
Eu sou petrel
A túnica inconsútil
É a pele
A veste
De luz
Que já trazemos nós
Quando
Chegamos
Ao mundo
Sendo
Senda
E
Viemos
Ao mundo
Nus
Ou melhor
Noûs
Hérulo sou eu
Hérulo você é
Você é Hérulo Eu sou Hérulo
Hérulo (& Spartakus)
Quando a Lua estiver na sétima casa
E Júpiter se alinhar com Marte
A Paz guiará os Planetas
E o Amor governará as Estrelas
Haverá Harmonia e Entendimento
Compreensão e Confiança
Chega de falsidade e escárnio
Dourados Sonhos serão realizados
A Revelação do Cristal Místico é

A Verdadeira Libertação da Mente
Levando à Transmutação daqueles
Que puderem ouvir o Som
De todos os Cantos do Planeta Terra
As Vozes se levantam proclamando
E mesmo as Forças Elementares da Natureza
Agora estão aqui chamando
Você e cada Um de Nós
Para a Grande Revolução Revelação
Que já veio/vem/e virá a todo Instante
E que é Microscópica como um Elefante
E é uma Fonte à qual Você pode
Acalmar a sede
Quando os Astros estiverem propícios
E os Homens Bem o Quiserem
Será o Começo da Era de Aquárius
Ser homem insano ser homo sapiens para poder evoluir ultrapassar isso
E poder ser o homem do futuro o super-homem o homem de bem o mutante do instante o xyz que nasce agora aqui
Bem na hora certa no meio-dia meia-noite meio-fio caminho do meio no meio do mundo
Na aurora de uma nova era
Aqui eu fundo o petrelismo
A nova onda da poesia
O ser é petrel
O neo
Que voa sobre os mares gelados
E as montanhas de gelo colossais que flutuam no mar
E voa sobre as cidades de matérias plásticas e elétricas
O petrel é o mais belo o mais calmo é o que voa mais alto
Assim eu também voo pelo ar
Eu sou o petrel e você é o petrel o petrel somos nós ele é a nossa voz o petrel é o petrel
Esses nós que nós somos que amarram os pedaços

Essas rochas de fogo desses olhos de pedra e aço e mel
Assim é o petrel
Assim é você
Assim sou eu
Assim somos nós
Unidos ao unido união à união únicos
Somos tantos
E tantãs
Soam batucam na selva do self e do céu do seu eu do ser
É
É assim que é
Hoje é dia de Tiradentes
Que quer dizer é dia do bota dentes
Mordidas gostosas
Do petrel
Que morde tudo
Que é céu
Que tudo virá
E que todos viverão
Já que tudo virará
O que é o que será
Sara a cura dessa cuca
Dentro do furo do oco do mundo
O eco do logos vai fundo
Quem vier a ver viverá
Cada gota d'água da Terra já caiu sob a forma de chuva
Pelo menos oito milhões de vezes

5) Conjunção – Maio

Maio é bom
E lindo
Eu estou nascendo
Todo
O tempo

Vindo
As palavras vêm
As palavras vão
As palavras bem
As palavras dom
As palavras quem
As palavras com
As palavras têm
Gosto muito bom
As palavras são
Na linha do que existe
Maciste
As palavras são
Na borda do vulcão
Sansão
As palavras são
Na ponta dos meus músculos
Hércules
Lutar com palavras
É a luta mais vã
Melhor boiar no mar
Que as palavras nos dão
Lutar com palavras
Que luta tantã
As palavras fazem
Constroem o amanhã
Como colchão de plumas
Lutar com palavras
É a luta mais burra
As palavras nos dão jatos
Feitos
Fatos
Jeitos
Agitos
E vassouras de bruxa

Lutar com palavras
Usando luvas de boxe
Ou pelica
É coisa de maluco
É coisa de marica
Brigar com palavras
É a coisa mais louca
As palavras fazem festa
No céu da minha boca
Guerrear com palavras
Só se for ao seu lado
Sob seu signo vencer
As palavras são luzes
São cruzes são atos
Brilham como o sol
São o próprio ser
A língua portuguesa
Da cidade e do campo
Está na natureza
Está no pirilampo
Na lâmpada de neon
Nos fósforos que nós somos
A língua lusitana
É a língua da luz
Como cantam os baianos
Novo infinito circular
A língua brasileira
É uma coisa em riste
É uma crase nova
É uma crise feliz
É tudo que existe
E diz o que não diz
Está no nosso sim
Está no nosso talvez
Está no nosso exemplo

E nos nossos por quês
Esta língua rude
E super sofisticada
É coisa de sofista
É coisa de pirata
Cola como grude
Extravasa a grade
Faz fluir o fluxo
É coisa de sufista
É coisa de gente fina
É coisa de espada
Que luta pelo que é certo
Perto
Longe do coração selvagem
Essa língua age
Civilizada e bárbara
Nômade dos espaços ouço
Ouso
Passos pela alvorada
Passo por todas as cores
Essa língua é coisa de surfista
Que corta as ondas e recebe
No peito e na cara
As espumas flutuantes
Essa língua cara e coroa
Significante e significado
Esse latim que brilha e grita
Em prós e contras
Pós-industrializado
Esse romanço do homem do futuro
Que agora eu falo
Com minha língua
E meu falo
Está no nosso espanto
Neonatal

Primordial
Esperanto
Diante do mundo todo
E mesmo do que somos
E mesmo sem saber
O que é esse mistério
Eu não nego a mágica
Que está na fonte
Pura e dura
Cristalina
E plástica
E energética
Divina
Energia
Que vem da coisa toda
E vem da palavra
Por ser minha casa
Por ser minha cara
Por ser minha alma
Por ser o meu corpo
Por ser meu buraco
Por ser minha torre
Por ser minha nave
Por ser minha asa
Por ser minha fome
Por ser minha fonte
Por ser minha água
Por ser o meu pão
Por ser minha mãe
Por ser o meu pai
O rio que corre
De janeiro até o máximo
Elástico dos tempos
Essa palavra clássica
Nunca pronunciada

Brinca em minha boca
Ela nunca cai e não acaba
Ela não sai do som ela fica na dobra
Interior dos lábios
Na língua ela brinca
Sensual e menina
Nos marfim dos dentes
Mastodontes do mundo
Arcaísmo e gíria
Do tempo do onça
Ela se ilumina e grita
Brilha na úvula
Que lembra a vulva
Molhada e cheirosa
Da mulher amada
Ela salta e toca
O céu
Com uma gota de saliva
Que silva como selva
Ela me vê me quer
Ela me salva
A minha lavra
Obra e cobra
Mas dá mais que sobra
É a vida
Aqui
Agora
A palavra
No
Va
Le
Si
Nas
Ce
A linguagem é

Lingam e Yoni
Ela é iônica
E muito mais que supersônica
Por mais paradoxal
Que possa parecer
Veloz como a luz
Pois o é
A linguagem é
A mão e o pé
A linguagem é
O chão e o céu
A linguagem é
O seu e o meu
A linguagem é
O mel e o fel
A linguagem é
O velo e o véu
O velcro e a vulva
A linguagem uiva
Pelas estruturas
As palavras são brasas vivas na minha boca que fala
Hamilton gagueja
Ele olha e hesita
Em seu coração a esperança adeja
Sua alma é bonita
Ele não decide passar o trator
Sobre a casa de outros pobres
Como ele que conhecem a dor
Da justiça e o amor dos homens nobres
Como Bergson fala
A hesitação
É o movimento do espírito que por uns segundos para e cala
Entre o sim e o não
Saber gaguejar
Quando outros dizem sim

Sem pestanejar
Com certeza chinfrim
Saber dizer não
Quando outro faria
O que o patrão
Lhe exigia
Enfrentando cadeia
Desemprego e tudo
Que essa gente feia
Faz com seu estudo
Contra o humilde povo
Saber gaguejar
É ser o homem novo
Que chegou pra ficar
Dó ré mi faz sol lá sim
Canto essa música sem fim
Feita por mim e por você
Para o filme falado e cantado do mundo
Nosso mundo

6) Coagulação – Junho

É
Os sete sentidos
O que eu falo pra você
Não tem duplo sentido
Ou segunda intenção
O que eu falo pra você (bicho de tantas cabeças)
Tem mais de sete sentidos
Portanto preste atenção
Quero ver seu corpo nu
Quero ouvir sua voz luz
E o bater do seu coração
Quero sentir o seu cheiro verdadeiro
E tocar a sua pele

E provar o gosto doce do sal
Da sua boca
Do seu ventre
E das suas pernas
Os outros sentidos a mais, ah (e há tantos!)
Pelos quais quero experimentar você
Não sei dizer
Não há palavra pra expressar
Mas você vai saber quais são no exato instante (bem, na verdade um segundo antes, é)
Que eu pegar a sua mão
O que há na sua cabeça
Sábio ou filósofo da pólis
O que há no seu sexo
O que há no seu coração
Estrategista ou físico nuclear
Capitalista ou homem do povo
O que você espera
Da vida
Do mundo
Dos homens
Isso tudo que está por aí
Assusta você ou você gosta
O que você propõe para si mesmo e para o próximo é ético é péssimo ou ótimo
O que você quer pôr no lugar daquilo que critica e no quê fundamenta sua crítica
Com precisão
Homem comum que caminha pela rua
Que pega condução
Quando não se achega a conclusão alguma
E olha prà lareira
Eletrônica que esquenta o seu ódio
E não o frio do quarto de hora
Do seu lar

Seja sincero invés de mero
Seja verdadeiro invés de embusteiro
Seja ousado ao invés de usado
Seja eterno através do metro
Seja concreto através do metrô
Você está certo do que quer
Você está perto do parto
Ou você está cheio da sua certeza
Da sua pizza enorme sempre a mesma
Mezzo calabresa mezzo mediocridade
Sobre a mesa das intocáveis convenções
Da nossa sociedade
Que não convencem nem vão convencer
Porque não são sãs ou são sãs mas são vãs mas não são o sansão
o que sabe vencer
E a prova dos nove é que voltam e venceram
Você?
Cresça
O homem que sabia javanês
Também traçava inglês e holandês
Russo é com ele mesmo
Fala espanhol igual a gente grande
E no francês até que se garante
Até servo-croata
É seu freguês
Inclusive chinês ele sabe
Eu vi no Jô
Assisti ao que disse
E me calei
Depois não consegui dormir
Pegar no sono
Ou na vigília
Não conseguia acordar
Conciliar
Todos os sons que escutara

E a voz tão rara
O som vulgar e ao mesmo tempo singular
Que soa o tempo todo
Nunca para
E que eu também não paro de escutar
O banqueiro e o funqueiro
O sambista e o cambista
O roqueiro e o roceiro
Todos juntos esta vasta pista é uma ostra ou posso falar que é
Uma noz
Doceiro do mundo eu boto o recheio da noz no fundo
De tudo e o resto do mundo
Cabe na casca da noz
Cabe
Em
Nós
E tudo continua
Não sei como consigo escrever um único verso
Ou mesmo como vivo no universo
Se ele está em mim ou esse está no seu
Meio de campo e bola de rola
Sem parar
O mundo é assim mesmo
Um troço grande e esporrento
É noite e eles jogam fogos para o alto
Porque um time qualquer ganhou uma bobagem
Na tv
Eles acreditam nisso
Mal têm para comer
Mas estocaram fogos
Para fazer um puta esporro na madrugada barulhenta
Porque o flamengo jogou com o cruzeiro
O flamengo jogou contra o real
O flamengo ganhou da inflação
Da corrupção

Do país do terceiro mundo
O tímão de futebol venceu na copa
Do desemprego do atraso cultural
Dos milhões de crianças nas ruas nos sinais nas conduções
Na prostituição do pão dormido
Ele derrotou nossa vergonha
A nossa falta de vergonha na cara também
O limbo para os pensadores
Os poetas
Os inventores
Os criadores
Os sãos
São aqueles que amam
Com leal amor
Coração

7) Cibação – Julho

A favela
Possui uma conexão qualquer
Ou por meio das ondas eletromagnéticas
Ou por meio das sondas sinápticas
Com a cidade à sua volta
Com os shoppings automóveis reclames luminosos
Com os homens alinhados nas redomas de vidro e concreto e aço
Esticados ao sol
Na orla marítima
Com o ritmo do modo e o fato novo e o néon fora
A favela é uma anti-caravela
Uma antena muito mais
Que parabólica
Que a liga ao mundo todo
Sem parar
Todo mundo se pergunta

Como foi que um cara tão legal
Virou um tremendo marginal
Um imenso faz de conta
Sobre a cidade desponta
Vê um avião e se junta
À janta geral
E sai espalhando o fel
Sai peidando fogo e mel
Lambuzando os pés no mal
Bebe chumbo derretido e ácido sulfúrico
É que tudo é normal e é detido
Acima tudo é corrupto
Abaixo tudo fica
Sendo remendo
Corretor corrompido
Ou corredor polonês pro com da vez
Sem igual
Tudo é anormal
Pra esse mundo
O verde é o mais alto
Grita mais
O verde é feliz
Faz o que quer diz o que quis
Aqui nessas minas
Havia um tesouro tão bruto
Que não valia um tostão
À flor das colinas
A gente podia colher esse fruto
Com a palma da mão
Mas aí veio a sanha a ganância cretina
E o projeto abrupto
De transformar esse céu em chão
E o verde que é verde
E será sempre
O verde que eu quero verde

Virou mero pasto
Um reles tapete
Prà pastagem do ladrão
Pra passagem da corrupção
Algumas pedras valeram
A dinamite e o barulho
E depois de tanta explosão
A colina
Virou pedreira
Cheia de falha
E a mata atlântica
Que havia nela
Cheia de folha
Cheiro da flauta clorofila
Virou palha
Na encosta do vulcão
Moral da história
A história não tem moral
E o povo passa bem e passa mal
Conforme os ventos dos séculos
Por exemplo
Os escravos iriam ser libertados
Através de um plano
De sociabilização
Que os tornaria cidadãos
Usando de alfabetização e qualificação profissional
Mas a princesa o príncipe o rei o conselheiro o ministro
E tantas outras pessoas
Principalmente o negociante inglês
Exigiram pressa
E o que se faz bem às pressas
Talvez só sexo
Talvez alguns doces gostosos
Mas política implica um certo vagar
Um ar vaporoso

Os escravos foram todos libertados
Do dia pra noite eles eram escravos num dia
Comiam e dormiam nas casas dos senhores
No outro dia ganharam um pé no traseiro
Sem pele branca sem saber escrever sem profissão emprego ou roupa
Eles só tinham os morros abandonados
E foi assim que eles se instalaram
Ali ao lado
Da cidade plana, sem planos
O escravo olhou suas mãos
Sem saber o que fazer
Porque elas estavam vazias
E limpas como há muito tempo
Ele não via
Ele não falava inglês ou latim ou francês
E mesmo sua língua longínqua lá da África
Ele não sabia mais
Então ele falava o português dos galegos
Mas colocando uns sons fricativos
E uns dengos no meio dos seus
Dedos
Eram seus únicos enfeites ferramentas e algemas
Ele aprendeu a pedir pedaços de coisas pelas esquinas
E cacos do capital
Ele aprendeu a sorrir com a barriga vazia
Pra agradar a polícia
Ele aprendeu a roubar na maciota e depois a assustar esses branquelas
Com seus grandes olhos brancos injetados de vermelhos
E suas gengivas cheias de cáries
E seus músculos advindos do parto
Desenvolvidos nas esquinas na dança da capoeira e no amor dos mendigos
Os homens ao redor eram quase todos dignos

E moravam nos sobrados nos solares nos casarões marciais
Ele era um filho da porra com a regra
A sua mãe era negra como a terra
O seu pai era escuro como o mundo
Ele era um filho da puta
Um imundo
E ele era maldito como o chão
Ninguém sabia nem queria saber dele mesmo
Não
Então ele subiu naquele monte
Não para falar ou ouvir alguma coisa boa mas apenas para morar ali na cidade
Foi assim que eles
Fizeram a pátria
Hidro
Latrada
América
Latrina
Imundo
Lançando as pilares dos novossos
Jardins colossos foguetes
Expressos suspensos
Eles fizeram café
Pra todos poderem beber
Eles fizeram imensos
Erros e erres
Pois não passam de uns macacos
Trilhas e trilhos
Selvas e salvas de tiros
E outros sucessos
Pretensos
As nossas pirâmides e piranhas gostosas e balas perdidas
Hoje é isso que se vê
Degusta, fuma, cheira e sente pela pele
Até que toda a cara se revele

Fala favela
As colônias inglesas da América do Norte
Invadiram as terras dos indígenas
Invadiram as colônias espanholas
Invadiram as cidades mexicanas
E os domínios dos franceses
E as posses dos canadenses
Roubaram território dos esquimós
Dos russos
Dos huicholes
Dos apaches
Tomaram o Alaska
O Havaí
A Califórnia
O Novo México
A Flórida
E não param por aí
Não há o que baste
Não sabem a hora de parar
Depois os camponeses pobres é que são do movimento dos sem terra
Depois os podres da cidade
É que armam favelas
Sobre os bairros

8) Sublimação – Agosto

Se poemas pudessem conquistar uma mulher
Essa mulher seria você e eu seria os versos mais gentis, mais amigos,
Mais apaixonados
Mas todo mundo sabe que os poemas
Só servem pra enfeitar as folhas de papel
E eu não sei o que sou
Sem o seu céu

Oscar Niemayer é arquiteto
Mas parece um alquimista
Sua planta de Brasília
O plano piloto
O avião e suas asas
Tudo isso é coisa de quem sabe
Voar
Como os índios
E o Palácio da Alvorada
Que é a hora da fase branca
Quase vermelha
Seguidas seguindo
A noite
E suas estrelas
E sua onda
Que envolve o homem pequeno e grande
Ou a nave
Cogumelo
Com a arte do presente
A parte do futuro
E os dois pratos da balança
A justiça pelo mundo
Do Congresso Nacional
Um é ovo e outro é ave
Um é a palma que recebe, o outro solo que dá
Um o sol o outro o planeta
Um é oca e o outro é cocar
Um é o côncavo e o outro é convexo
Um é o seio
O outro é o sexo
Eu sei como é isso
A trave e o chão
O pão e o pé
O que produz
E a luz

Eu sei o que é
Carvão e chama
O homem e a mulher
A ova e o ovário
O ovo e o pinto
A cama e o bebê
Eu sei o porquê
Eu sou arquiteto
Como muito poeta
Como o próprio João Cabral de Melo Neto
Eu também sou
Engenheiro do som
E do resto
Nest
Eu também sou
Uma máquina que fura
As estreitas estruturas
Do cimento
Do conhecimento
Quero ficar no corpo da mulher iluminada como se eu fosse a pele
E ela fosse o som que faz a água gelada quando bate na minha sede
Quero que ela perceba esse som que veja esse barulho silencioso no momento
E que abre a geladeira e come os medos que não sente
Quero ser bom e coerente como um pente que passeia
pelas suas cabeças desiguais
E eu diga sempre mais que quero mais que quero mesmo e sim e muito mais
Como se eu fosse todos os momentos e desejos de todos os casais
Você sabe que às vezes uma coisa boa pode ser tão boa
Que faz a pessoa ficar a toa uma tocha na mão uma faixa
na cabeça uma toca pra se esconder
E o coração cheio de amor

Sem saber o que fazer com tanta força
Energia que quer perpetuar
Um momento singular pra que se ouça
Para sempre a voz do amor que estão querendo calar
Que estão querendo ouvir e amplificar
Que estão querendo escutar
Que estão querendo dançar
Você vai ficando legal
Até tocar no meu bem-mal
Nós dois somos a coisa nova
O ovo dentro da ova
Lembro de você do futuro
É por isso que eu te aturo

9) Rubedo – Setembro

felizes são os bichinhos
que se aninham nos
seus ninhos
sem precisar voar
e leve o vento os destaca
os faz sentir fome e sede
e eles abrem a mente
e o bico
pra aceitar
o que lhes é oferecido
que recebem com alegria
e um gemido de calor
ou um grito de prazer
nada fazem ou realizam
e olham pra tudo com calma
pode-se ver tudo do cimo
de cima da árvore mais alta
da beira da colina
da alma

10) Fermentação – Outubro

a poesia é pura a poesia é para de barriga vazia
oh abelha rainha faz de mim um instrumento
de teu prazer e de tua glória
os poetas todos vivem
para sempre
na minha memória
sic transit gloria mundi
mas isso tudo seria muito pouco
coisa irrisória ilusória inglória
escória da civilização
e da história
e a poesia
não é
não

11) Exaltação – Novembro

How an oyster makes a pearl
A poesia me deixa e vai atrás de tudo mudo
Sem sair do lugar
Eu quero que os opressores vão prà puta que os pariu
Eu quero que o tempo se desdobre e cubra tudo
Eu quero amar
Veja bem essas coisas que eu quero são meras
Fantasias de um ego embriagado
De si que não se sabe mas se quer
Eu sei que as coisas estão cheias de quimeras
E se você ficar em si fica do lado
Do seu homem ou da sua mulher
O hermafrodita humano e divino está em nós
O desafio é calar a boca em novembro
E não falar mais nada além do que aqui falo
Porque eu sou o som que soa o tempo todo nos seus prós

E seus contras e eu sou aquele membro
Que penetra mais fundo no seu ralo
Pese
Sobre essas coisas
Como ousas ouvir
O som que vem da rua
E o outro som que vem da coisa nua
O homem do futuro
É velho
Alguns dirão
Velho indivíduo
Espécie envelhecida
Hoje que eu sou um homem experiente
E estou de bem a vida
Eu passo o pente do pensamento sobre os fatos cabeludos
Pra descabelar eles mais
Apenas quero mais
E quero a paz
Dos verdadeiros guerreiros
Hoje é dia da consciência das cores
Múltiplas dos seres
O petrelismo manda
Aceita a vida e anda
Com seus pés
A embriaguez é única
Unida ao ser como só
A solda do amor
Não é única como o ser
Ou o amor
Mas a embriaguez é forte
Como um forte apache
Eu fico aqui mudo
E embriagado
Ouvindo tudo o que falam
E eu sei que posso

Falar
Muitas coisas mas
Eu prefiro tocar
Prefiro ferir a corda
Do instrumento que toco
Como o ar
Hoje um sonho muito leve
E pesado sobre eu
Com esta faixa
Etária convocado pela marinha
Para lutar nos mares da Escandinávia
Eu me orgulhava
Mas me preocupava
E falava
Eu sou da marinha
Nesta faixa sintonizando minha forma
Guerreira

12) MULTIPLICAÇÃO – DEZEMBRO

Chega e me faz ficar como um bloco sólido de névoa eterno ou neve
Que se desmancha como uma mancha de líquido no chão no assoalho
Na relva
O que eu queria fazer com você as coisas que queria fazer o que fazer
E outras coisas assim eu não vou falar aqui o que eu quero mesmo é
Na selva
Viver e virar a noite e nunca mais dormir ou só dormir quando cansado
Cair do lado de mim mesmo e ficar vendo que eu sou isso tudo o que vejo
E o que ouço o vento o som da música as coisas que eu quero

fazer e hasta
Mismo las cosas que jamás pensé que podría hacer o mismo querer hacer
If you hold the most light light in the sight of your eyes if you stand it in
Your being like it never could be but it is even so and for ever you can say
You know you take you get you win u b u c u m i you see you feel you bee
And beer and that is the reason the true the new order you be the bee and
The bear
You are
Yo quiero mucho tenerte entre mis manos con todo lo cariño que tengo
E aí podemos dançar um samba tango ou um bolero ou ficar de lero lero
Nhenhenhén disse me disse yes much more gossips misses
É isso que eu quero o meu muquiço
C/ vc
Wc
Wonderful care
Wunderbahr carinha
Woman come
A
A pessoa
A pessoa que
A pessoa que sabe
A pessoa que sabe amar
A pessoa que sabe amar ama
A pessoa que sabe amar ama alguém
A pessoa que sabe amar ama alguém que
A pessoa que sabe amar ama alguém que a
A pessoa que sabe amar ama alguém que a ama
As pessoas

Estão cavando como se estivessem garimpando nos trabalhos e nos dias
Nos prazeres e nas noites e por aí afora como escravos sob látego e açoite
E chamam isso de trabalho de tripalium de trepar de atrever e trevas más
Ou coisas escuras e quentes que eles comem com furor entre os dentes
Com raiva
As pessoas não sabem de nada as pessoas sabem de tudo as pessoas calam
E falam só bobagens o problema o errado o estranho
Chama-se imbecilidade
Com i minúsculo
Não é metáfora
Ou alegoria
Não há metáfora alegoria ficção
A imbecilidade é um conjunto de seres que sugam a energia dos humanos
Só deixando para a nossa espécie
A tolice e a angústia
Vou sentir uma grande emoção
Ao comprar meu violão
Vai sorrir o meu coração
O importante é nós vivermos
Vivamos
Não importa o que seremos
Sejamos
Serenos
Não pregar coisas nas portas
Nas paredes
Da sala de casa
Ou do quarto
Nas partes
Da energia

Que é nossa coisa/causa
Quem ousa
Ou quem quer poder poder
Ouça
:
Petrel
Quer dizer
O ser é
Assim
Que é
É tão mudado
O mudo
É tão medonho
O medo
É tão imoral
A moral
É tão tacanho
O taco
E tão segregado
O segredo
É tão anormal
O normal
É tão impreterível
O petrel
O rei
É
Uma pessoa é um vulcão quando passeia no meio da multidão
Uma pessoa é uma asa de mariposa quando se sente sozinha na casa
Sem saber o que fazer
Nesse sentido somos todos iguais os reis os plebeus
O cantor de rock a mulher superstar
Eu e você
Mas uma pessoa pode também ser voo de borboleta
E furacão vulcão de universos de fogo

E luar
Se ela for verdadeira
Se ela souber amar
E fazer da sua maneira
O seu grão de pulsar
A sua nobre arte
Da cerimônia do chá
Tudo é um teatro
Mas é um teatro luminoso e mágico
Uma verdadeira obra prima
Que Deus botou na terra
Prà gente se alegrar
E é por isso que eu amo tanto o teatro
Menina
E é só por isso que eu sou ator no gesto, no gosto
No rosto e na poesia
E fico tão feliz
Quando no meio dessa caótica cidade
Eu vejo uma atriz
Tão linda e de verdade
É isso aí

Anexo A

O livro das XXII folhinhas herméticas por Kerdanek de Pornic discípulo de Don Pernety – 1763 – Phoenix – 1981 – traduzido por Leonardo Perin Vichi

INTRODUÇÃO

Como grande parte das obras herméticas, o cerne das XXII folhas herméticas de Kerdanek de Pornic está além da sua imagem acústica. Esta é uma obra aberta a todos aqueles que ouviram o Galo cantar e sabem onde ele está a cantar, esta é uma obra que será como um tesouro que os ladrões não podem roubar, que a ferrugem não corroerá e que a traça não irá devorar, àqueles que foram chamados e atenderam ao chamado, àqueles que se tornaram terreno fértil para a semente plantada pelo Semeador, àqueles que buscam se transformar na árvore que dá bons frutos.

O que tendes aqui é apenas mais uma forma de expressar o *religare*, mais uma forma de polarizar luz e trevas. Portanto, sede cautelosos ao manusear estas XXII folhas herméticas, sede, acima de tudo, respeitosos com o que tendes em mãos. Muitos, que se debruçaram sobre folhas como estas e como o *Mutus Liber*, perderam tempo tentando produzir o ouro vulgar, que certamente o ladrarão roubará, e a alma não portará consigo quando se libertar das suas densas vestes. Muitos perderam tempo buscando a promoção do ego, querendo demonstrar saber o que não chegam nem perto de saber; muitos querem daqui ler para alcançar um saber que, mesmo estando debaixo de vossos narizes, ainda está recoberto com o véu de Isis, pois ainda sois cegos, não tendes os olhos de ver, nem ouvidos de ouvir.

Minha humilde recomendação a todos aqueles que "por acaso"

tenham contato com estas XXII folhas, lembrando que acaso não existe, é: Não percais vosso precioso tempo tentando decifrar os pseudônimos de quem assina esta obra ou outras obras herméticas, não percais vosso tempo com as formas materiais, não com a letra que mata, mas com o espírito que vivifica; o personalismo é o que menos importa ao buscador e o nome não passa apenas de mera formalidade terrícola, portanto, buscai além, buscai dentro de vós aquilo que pensais que são vossas necessidades, matai a sede na fonte que jorra do lago dos vossos pensamentos, refestelai-vos no banquete de vosso palácio mental. Contudo, limpai vossos palácios, decorai-os com o nosso ouro, não o vulgar, purificai a água de vossa fonte, tornai-a límpida e verás o maior tesouro que possais desejar.

Esta obra, mesmo que vos pareça singela, oculta toda a criação do Universo, contai suas páginas, escutai os ecos que delas reverberam... e lá tudo estará. Mas ficai atentos... Esta obra pertence a Hermes... e todo aquele que desrespeitar estes escritos, terá Toth por adversário.

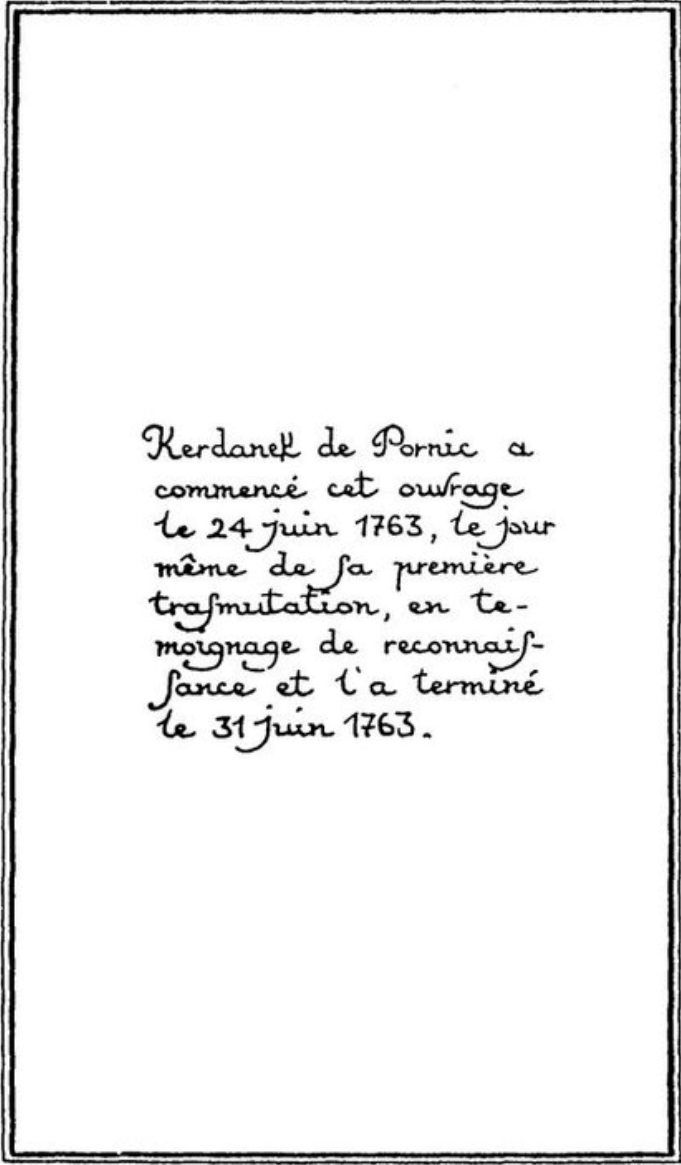
IN MANU TUA SORS MEA,

Leonardo Perin Vichi

O livro das XXII folhinhas herméticas por Kerdanek de Pornic discípulo de Don Pernety – 1763 – Phoenix – 1981 – traduzido por Leonardo Perin Vichi

Le tirage de cet ouvrage a été limité à 500 exemplaires numérotés

N° 404

Salita S. Matteo 19/10
16123 Gênes - ITALIE
Imprimé en Italie
Tip. Parmigiani
Gênes

3

Le livre des XXII
Feuillettes Hermetiques
par
KERDANEC DE PORNIC
disciple de DOM PERNETY

Dont chacun dévoile un
arcane spagirique et montre
clairement une des XXII
operations ou portes de la
vraie pratique expliquée
en signes intelligibles à
tous les disciples sincères
qui cherchent la Lumiere
d'Augmentation.

1763

3: *O livro das XXII folhinhas herméticas* por Kerdanek de Pornic discípulo de Don Pernety no qual se desvela um Arcano espagírico e mostra claramente cada uma das XXII operações ou portas da verdade prática explicada em símbolos inteligíveis a todos os discípulos sinceros que procuram a luz da elevação.

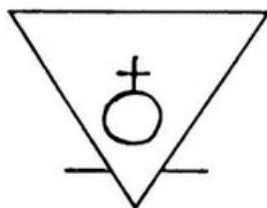
Kerdanek de Pornic a
commencé cet ouvrage
le 24 juin 1763, le jour
même de sa première
trasmutation, en te-
moignage de reconnais-
sance et l'a terminé
le 31 juin 1763.

4: Kerdanek de Pornic começou esta obra em 24 de junho de 1763, o mesmo dia de sua primeira transmutação, em testemunho de reconhecimento e terminou em 31 de junho de 1763.

5

Arcane I :

L'EXTRACTION

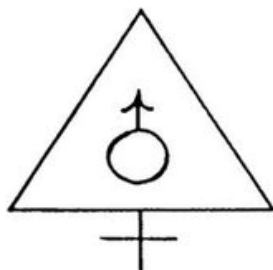
La premiere matiere c'est un Dragon noir et tout couvert d'ecailles on le trouve dans la terre. C'est notre CHAOS qui contient notre acier encore caché.

Prendre ce mineral tout seul.

5: Arcano I – A Extração – A Primeira Matéria é um Dragão Negro e tudo se cobre de flocos que se encontram sobre a terra. Este é nosso CAOS que contém nosso metal ainda oculto – pegue este mineral somente.

6

Arcane II :

L'ATTRACTION

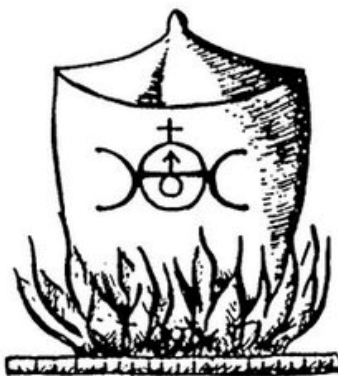
Le ſoufre ſecret viſi-
ble qui doit chaſſer le ſoufre
arſenical de la premiere matie-
re en devenant inviſible.
C'eſt notre aymant qui attire
et fait paroître l'acier des
Sages.

Choiſir ce 🜍 bien tendre et
bien pur.

6: Arcano II – A Atração – O enxofre secreto visível que se deve mudar em enxofre arsenical da Primeira Obra se tornando invisível. Este nosso ímã que atrai e faz aparecer o metal dos sábios – Escolher este enxofre bem tenro e bem puro.

7

Arcane III :

LA CALCINATION

Couper la teste au noir Dragon par la separation philosophique du soufre arse-nical pour avoir l'aymant et l'acier conjoints qui sont le corps de notre hermafrodite. encore tres impur.

7: Arcano III – A Calcinação – Cobrir a cabeça do Dragão Negro para a separação filosófica do enxofre arsenical para ter o ímã e o metal conjungido que são os corpos de nosso hermafrodita ainda muito impuro.

8

Broyer en poudre ♁
ajouter le ♂ en demi-poids. Y
mélanger ensuite du 🜿 noir.
Faire un △ violent.
On obtient le 🝫 des Sa-
ges par la mort du 🜏.
Mais il reste dans le
corps un 🜺. Il faut le chasser
par le 🜕.

8: Moer até transformar em pó o antimônio, acrescentar o ferro em meia-medida. E misturar em seguida o tártaro negro. Fazer um fogo violento. Obter-se-á o ímã dos sábios pela morte do enxofre negro. Mas resta sobre o corpo um arsênico. É preciso mudá-lo para nitro.

9

Arcane IV:

LA PURIFICATION

Faire paroître l'etoile des Sages qui marque la naissance de l'enfant royal par la purification de notre acier aymanté.

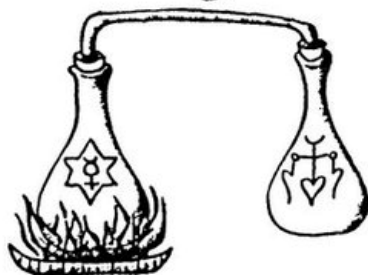
Reduire en poudre 🝐, mélanger avec ⦶ subtilement. Faire un △ tres violent. Recommencer trois fois. On obtient la ✡ par la fuite du 🜺.

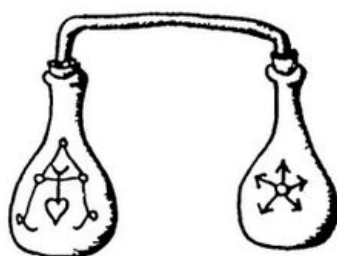
9: Arcano IV – A Purificação – Fazer aparecer a estrela dos sábios que marca o nascimento da criança real pela purificação do nosso metal imantado. Reduzir a pó o ímã, misturar com o nitro sutilmente. Fazer um fogo muito forte. Recomeçar três vezes. Obter-se-á a estrela dos sábios pela fuga do Arsênico.

10

Arcane V:

LA DISSOLUTION

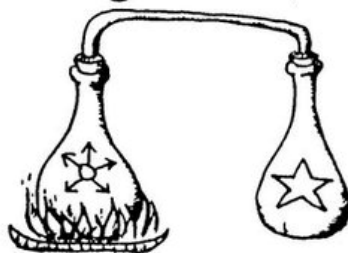
Dissolution philosophique par le feu secret: dissoudre le corps pour en tirer la gomme visqueuse des Sages ou leur huile incombustible.

Broyer bien fin l' ✡ puis y joindre intimement ☿ en double poids.
Bien veiller à la force du △ qui doit être gradué.
On obtient .

10: Arcano V – A Dissolução – Dissolução filosófica pelo fogo secreto: desjungir os corpos para retirar a goma viscosa dos sábios ou seus óleos incombustíveis. Moer bem até a estrela dos sábios depois acrescentar intimamente mercúrio em dupla medida. Velar bem a força do fogo que deve ser graduada. Obter-se-á o mercúrio putrefato.

11: Arcano VI – A Animação – Animar a goma viscosa por adjunção da quintessência abstrata ou água da vida dos sábios para formar o hermafrodita real. – Irrigar o Mercúrio Putrefato com o Mercúrio sublimado absolutamente puro, então destilar a fogo duplo. Obter-se-á o Enxofre dos filósofos ou amálgama.

12

Arcane VII:

LA SUBLIMATION

Purifier et nettoyer notre hermaphrodite royal pour la sublimation philosophique afin de le mettre au jour dans sa nudité qui manifeste sa beauté. C'est la quintessence philosophique, le vrai sel des Sages, le composé du composé, enfin la médecine universelle du premier genre.

Sublimer la ✱ de 3 à 7 puis de 7 à 10 par un △ doux et progressif.

12: Arcano VII – A sublimação – Purificar e limpar nosso hermafrodita real para a sublimação filosófica de forma a pôr a vista sua nudez que manifesta sua beleza. É a quintessência filosófica, o verdadeiro sal dos sábios, o composto dos compostos, por fim a medicina universal da primeira Obra. Sublimar o amálgama de 3 a 7 vezes e então de 7 a 10 vezes em um fogo duplo e progressivo.

13

Arcane VIII :

LA DECOMPOSITION

Cuire le composé pour le coaguler par la mort du corps philosophique et le ressusciter par son âme astrale.

Le regne de ☿. Durèe 4 semaines philosophique.

Couleurs changeantes, vagues, indecises.

Forme interieure : Circulation continuelle. Placer la ⚝ dans l'œuf philosophique. Le seller hermetiquement à la lampe et le mettre sur le △ qu'il faut tenir ègal et veiller à ce qu'il ne s'eteigne pas.

13: Arcano VIII – A Decomposição – Cozer o composto para coagular pela morte dos corpos filosóficos e ressuscitar por sua alma abstrata. O Reino do Mercúrio. Duração 4 semanas filosóficas. Cores cambiantes, vagas, indecisas. – Forma interior: Circulação contínua, colocar a estrela sobre o Ovo Filosófico. A selar hermeticamente com a tampa e colocar sobre o fogo que precisa ser igual e velar para que não se extinga.

14: Arcano IX – A Putrefação – O composto se disjunge completamente e morre. O reino de Vênus [Cobre]. Duração: 6 semanas filosóficas. – Cor negra muito brilhante. – Forma Interior: Efervescência intermitente. Manter em fogo estável.

15: Arcano X – A Regeneração – O embrião filosófico se forma da Matriz dos Sábios. O Reino de Júpiter [Estanho]. Duração: 3 semanas filosóficas. Cores bastante variadas e passageiras, muitas sombras, mas estriado às vezes sobre o branco. – Forma interior: Sublimação retumbante em filamentos. Que o fogo seja bastante fraco durante o reino precedente.

16: Arcano XI – A Ablução – O Bronze dos filósofos para formar o enxofre branco dos filósofos se purifica. O Reino da Lua [Prata]. Duração: 3 semana filosóficas. Cores muito claras e variadas, que resultam em branco perfeito. – Forma Interior: Pequenas granulações. Fogo uniforme. Até o fim do reino da Lua manter muito uniforme.

17: Arcano XII: A Vegetação: O feto filosófico se transforma em planta dos sábios. – O Reino de Saturno [Chumbo]. Duração: 6 semanas filosóficas. Cores esverdeadas, e então o azul se escurece por graus para se tornar violeta púrpura. Velar bem o fogo para conduzir com grande prudência, pois a planta se tornará tão fixa quanto o vidro e o composto morrerá para a eternidade.

18: Arcano XIII – A Floração – A flor dos sábios cresce sobre a planta filosófica. – O reino de Ferro. Duração: 5 semanas filosóficas. – Cor amarela cítrica, e então cor de rabo de pavão terminando num amarelo alaranjado. – Forma interior: Serpentinações bizarras. Supervisionar o fogo com a maior atenção. Evitar que o fogo se torne muito forte.

19

Arcane XIV :

LA FRUCTIFICATION

Le fruit des Sages mûrit
sur la plante philosophique.
C'est le soufre rouge et incom-
bustible vraie médecine universel-
le du 2e genre.

Le règne du ☉.

Durée 4 semaines philosophiques

Couleur du pavot des
champs ou rouge vif du sang.
Odeur du sel commun calciné.

19: Arcano XIV – A Frutificação – O fruto dos sábios morre sobre a planta filosófica. É o enxofre vermelho e incombustível, verdadeira medicina universal da Segunda Obra. – O Reino do Sol. Duração de 4 semanas filosóficas. Cor de papoula do campo ou vermelho vivo, cor de sangue. Odor de sal comum calcinado.

20: Forma interior: Pequenas granulações muito brilhantes que os filósofos chamam de seus átomos solares. Supervisionar o fogo, tomando cuidado para que ele não se extinga, pois o composto se tornará líquido como o vidro e se destruirá. Tirar a criança do ventre de sua mãe.

21

Arcane XV:

LA PREPARATION DU FERMENT

Faire le soufre ardent qui contient l'âme du Soleil et qui servira à confectionner: l'Elixir des Sages:

Faire fondre le ⊙ avec un △ suffisant. Quand la fusion sera parfaite joindre par fragments un poids trois moindre du [symbol] (attention).

On obtient [symbol].

21: Arcano XV – A Preparação do Fermento. – Fazer um enxofre ardente que contém a alma do Sol e que servirá para confeccionar o Elixir dos Sábios: Fazer derreter o Sol com um fogo suficiente. Quando a fusão for perfeita juntar por fragmentos uma medida três vezes menor de enxofre filosófico (Atenção). Obter-se-á O Elixir.

22

Arcane XVI :

LA FERMENTATION

Remettre l'enfant dans le ventre de sa mere pour en faire le fils surnaturel du Soleil.

Les 7 regnes dans l'ordre, durée totale 8 semaines philosophiques.

Toutes les couleurs dans l'ordre des regnes.

Toutes les formes interieures précédemment dites en succession naturelle.

Mettre dans le matras avec double proportion du ☿ conduire le △ selon les exigences des 7 règnes.

On obtient le .

Sortir l'enfant du ventre de sa mère.

22: Arcano XVI: A Fermentação – Recoloque a criança no ventre de sua mãe para fazer o filho sobrenatural do Sol. – Os 7 reinos da Ordem, duração total 8 semanas filosóficas. – Todas as cores da ordem dos reinos. Todas as formas interiores precedentemente ditas em sucessão natural. Colocar sobre o colchão o Elixir com dupla proporção de Mercúrio, conduzir o fogo segundo as exigências dos 7 reinos. Obter-se-á o Pó de Projeção 1º Dº. Tirar a criança do ventre de sua mãe.

23

Arcane XVII:

LA CIBATION

Nourrir le fils surnaturel du Soleil avec le Lait des Sages pour en tirer l'amalgame philosophique.

Joindre au ⊕ double poids de ☆ pour en tirer l'☿; opérer doucement pour obtenir un résultat parfait.

23: Arcano VII – A Cibação: apodrecer o filho sobrenatural do Sol com o Leite dos Sábios para retirar o amálgama filosófico. – Acrescer o Pó de Projeção, dupla medida de Sol e Mercúrio Amalgamados para retirar o amálgama filosófico; operar docemente para obter um resultado perfeito.

24

Arcane XVIII:

L'EXALTATION

Cuire l'amalgama philosophique pour concentrer la lumière d'augmentation qui doit sortir des ténèbres.

Les 8 regnes dans l'ordre. Durée totale 4 semaines philosophiques.

Toutes les couleurs dans leur ordre.

Formes intérieures dans leur ordre déjà dit.
Mettre dans l'œuf philosophique l'☿. Conduire le △ selon les exigences de chacun des 7 règnes.
Sortir la ⟡ de l'œuf.

24: Arcano XVIII – A Exaltação – Cozer o amálgama filosófico para concentrar a luz da elevação que deve sair das trevas. – Os 8 reinos da Ordem. Duração total: 4 semanas filosóficas. – Todas as cores de suas ordens. – Formas interiores segundo as ordens já ditas. Pôr sobre o ovo filosófico o amálgama. Conduzir ao fogo segundo as exigências de cada um dos 7 reinos. Tirar a pasta solar do ovo.

25

Arcane XIX :

L'IMBIBITION

Imbiber de son huile exubérante la Lumière d'augmentation pour en former la pâte aurifique.

Bien broyer trois parties de ◈ avec une partie de ✡ pour obtenir la ☿.

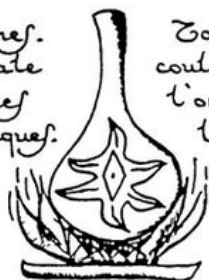
25: Arcano XIX – A Imbibição – Embeber de seus óleos exuberantes a luz da elevação para formar a pasta solar. Moer bem três partes de óleo com uma parte de Sol e Mercúrio amalgamados para se obter a pasta solar.

26

Arcane XX:

LA PLUS-QUE PERFECTION

Cuire la pâte aurifique pour en faire la pierre philosophale, médecine du troisième genre et panacée universelle qui est la couronne du Sage.

Les 7 regnes. Durée totale 2 semaines philosophiques.

Toutes les couleurs dans l'ordre de leurs règnes.

Toutes les formes interieures dans leur ordre.

Mettre la ☿ dans l'œuf, le sceller hermétiquement, conduire le △ avec prudence pour obtenir la ♕.

26: Arcano XX – A Mais Que Perfeição – Cozer a pasta solar para fazer a Pedra Filosofal, a Medicina da Terceira Ordem e panaceia universal, que é a Coroa do Sábio. – Os 7 Reinos. Duração total de 2 semanas filosóficas. – Todas as cores segundo a ordem de seus reinos. Todas as formas interiores segundo as suas ordens. Colocar a pasta solar dentro do ovo, o selar hermeticamente, conduzir o fogo com prudência para obter a Pedra Filosofal da Terceira Ordem.

27

Arcane XXI :

LA MULTIPLICATION

Multiplier la pierre philosophale ou Couronne du Sage de mille en mille degrés.

Les 7 règnes.
Durée totale
1 semaine
philosophique.

Toutes les
couleurs dans
l'ordre de
leurs règnes.

Toutes les formes interieures dans leur ordre.

Enfermer la ♛ avec 3 parties du ☿ et cuire doucement. Bien régler le feu. Recommencer encore deux fois, à chacune la puissance se multiplie par mille.

On obtient ainsi la force suprême des 3 règnes.

27: Arcano XI – A Multiplicação – Multiplicar a Pedra Filosofal ou a Coroa do Sábio de mil em mil graus. – Os 7 reinos. Duração total: 1 semana filosófica. Todas as cores segundo as ordens de seus reinos. Todas as formas interiores de suas ordens. Encerrar a Pedra Filosofal com 3 partes de Mercúrio e cozer docemente. Regular bem o fogo. Recomeçar ainda duas vezes, a cada vez a força se multiplicará por mil. Obter-se-á assim a força suprema dos 3 reinos.

28

Arcane XXII :

LA PROIECTION

Faire une transmutation.

Envelopper la ♕ dans le cire blanche, la plonger dans du ♄, du ♃ ou du ☿ en fusion, comme il est montré.

Le metal choisi est transformé en Or très pur.

28: Arcano XXII – A Projeção – Fazer uma Transmutação – Envolver a Pedra Filosofal sob cera branca, mergulhar sob Saturno, Júpiter, Mercúrio em fusão como é mostrado. O Metal escolhido é transformado no mais puro Ouro.

ANEXO B:

PRINCÍPIOS DE PHILALÈTHE[122]

Para dirigir as operações da Obra hermética, por Eyrénée Philalèthe, inglês de nascimento, habitante do Universo.

1. Não vos entregueis, nunca, à execução da grande Obra segundo as regras que os ignorantes, ou os Livros dos Sofistas, poderiam sugerir-vos, e não vos afasteis, de modo algum, deste princípio, a finalidade a que aspirais é o Ouro ou a Prata, o Ouro e a Prata devem ser os únicos objetos sobre os quais devereis trabalhar por meio da nossa Fonte mercurial preparada para os banhar, e isso requer toda a vossa aplicação.

2. Não cedais a propósitos com que alguém vos possa ocupar, dizendo-vos que o nosso Ouro não é o Ouro vulgar, mas o Ouro físico, O Ouro vulgar morreu, é verdade, mas, pela maneira como nós o preparamos, revivifica, tal como um grão de trigo morto revivifica na terra. Depois de seis semanas, o Ouro que estava morto, torna-se, na nossa obra, vivo, ativo e espermático, porque foi posto numa terra que lhe é apropriada, quero dizer, no nosso composto. Podemos, pois, a justo título, denominá-lo o nosso Ouro, porque nós juntamo-lo a um agente que seguramente lhe restituirá a vida, tal como, por uma denominação contrária, se diz que um homem condenado ao suplício da morte, é um homem morto, pois que em breve morrerá, embora ainda esteja vivo.

3. Além do Ouro, que é o corpo, e que ocupa o

lugar de macho na nossa Obra, tereis ainda necessidade de um outro esperma, que é o espírito, a alma ou a fêmea, esse esperma é o Mercúrio fluido, semelhante, pela sua forma, à vulgar Prata-viva, mas, no entanto, mais límpido e mais puro. Muitos, em vez de mercúrio, servem-se de toda a espécie de água ou de licores, que eles chamam, Mercúrio filosófico. Não vos deixeis seduzir pelos seus belos discursos, e não empreendais esse trabalho, pois que ele é inútil, não se poderá recolher o que se não semeou, colhe-se o fruto do grão que se semeou, deste modo, se semeardes o vosso corpo, que é o Ouro, numa terra, ou um Mercúrio, que não seja metálico e homogêneo com os metais, em vez de um elixir metálico, não retirareis da vossa operação senão uma cal inútil e sem virtude.

4. O nosso Mercúrio não é senão a mesma coisa em substância, que a vulgar Prata-viva, mas é diferente na sua forma, tendo uma forma celeste e ígnea, e uma excelente virtude, qualidades que recebe da nossa Arte na altura da sua preparação.

5. O segredo dessa preparação consiste em tomar um mineral que esteja próximo do gênero do Ouro e do Mercúrio. É preciso impregná-lo com o Ouro volátil que se encontra nos rins de Marte, e é com isso que se deve purificar o mercúrio pelo menos sete vezes. Feito isto, ficou este mercúrio preparado para o Banho do Rei, ou seja, do Ouro.

6. Entre sete a dez vezes, o Mercúrio purifica-se cada vez mais, e torna-se também mais ativo, sendo avivado em cada preparação pelo nosso verdadeiro enxofre, mas se ele excedesse este número de preparações ou sublimações, tornar-se-ia demasiado ígneo, e, longe de dissolver o corpo, ele mesmo se coagularia, e o Ouro nunca se fundiria nem dissolveria nele.

7. Este mercúrio, assim avivado ou animado, deve ainda ser destilado numa retorta de vidro por duas ou três vezes, pois podem ter ficado nele alguns átomos do corpo no momento da sua preparação, em seguida, é necessário lavá-lo com vinagre e sal amoniacal, encontra-se, então, preparado para a nossa obra, o que deve entender-se aqui metaforicamente.

8. Escolhei sempre para esta obra um ouro sem mistura, se não for assim, logo que o comparardes, purificai-o vós pelos processos ordinários. Depois desta operação, envolvei-o em pó sutil, polindo-o ou não, ou reduzindo-o a lâminas, ou então, se quiserdes, calcinando-o com corrosivos, não importa qual o meio de que vos sirvais, desde que ele seja muito sutil.

9. Agora voltemos à mistura, tomai uma ou duas onças desse corpo preparado e duas ou três, ou mais, onças de mercúrio animado, como vos acabo de dizer, misturai-os num almofariz de mármore aquecido, tanto quanto o poderá fazer a água fervente, pulverizai-os e triturai-os até que se encontrem incorporados num conjunto, e depois untai-lhe vinagre e sal até à perfeita pureza, e, em seguida, dulcificá-lo-eis com água quente, e secá-lo-eis rigorosamente.

10. Posso assegurar-vos que embora o que precede seja enigmático, falo-vos com candura, e que a via que vos ensino aqui é a mesma de que nos servimos, e que todos os antigos filósofos se serviram deste meio que é o único. O nosso Sofisma consiste apenas nas duas espécies de fogos empregados para o nosso trabalho.

O fogo secreto interno é o instrumento de Deus, e as suas qualidades são imperceptíveis aos olhos dos homens. Falaremos muito deste fogo, ainda que pareça que desejamos o calor externo, é daí que nascem os erros em que os falsos filósofos e os imprudentes

mergulham. Este fogo é o nosso fogo graduado, pois o calor externo é quase linear, isto é, igual e uniforme em todo o trabalho, exceto na obra ao branco, permanece uno sem qualquer alteração, salvo nos sete primeiros dias, em que o temos mais fraco para a pureza da Obra, mas o Filósofo experiente não precisa deste aviso.

Relativamente ao comportamento do fogo externo, é insensivelmente graduado de hora a hora, e como é diariamente despertado pelo prosseguimento da cozedura, as cores alteram-se e o composto amadurece. Acabo de vos desatar um nó muito difícil e embaraçado, conservai isto na memória, e de hoje em diante, guardai-vos de vos verdes surpreendidos.

11. Deveis estar prevenidos de uma vasilha ou um matraz de vidro sem o qual não podereis acabar o vosso trabalho. Que ele seja oval ou esférico e de capacidade conveniente para o vosso composto, isto é, que tenha capacidade que possa conter o dobro da matéria que vós lá puserdes, nós chamamos-lhe ovo filosófico, que o vidro de que é feito seja grosso, muito transparente, sem nenhum defeito, o gargalo deve ter, o máximo, meio pé de altura. Quando a vossa matéria se encontrar lá posta, selai hermeticamente o gargalo desse ovo, de maneira que nele não haja nenhuma abertura, pois a mais pequena fenda deixaria evaporar o espírito mais subtil, e perderia a Obra.

Para vos assegurardes da rigorosa sigilação da vossa vasilha, fazei a prova seguinte, ela é infalível. Quando ela estiver fria, aplicai a boca ao bocal do gargalo que está selado, chupai com força, e, se houver a menor abertura, puxareis o ar que está no matraz, e quando retirardes a boca do bocal da vasilha, o ar entrará de novo pela fenda com um assobio que o ouvido facilmente ouvirá, nunca esta experiência deixou de

resultar.

12. É preciso também um forno, que os sábios chamam athanor, no qual vós podeis realizar todo o vosso trabalho. Na primeira obra, este deve encontrar-se disposto de maneira que forneça um calor de um vermelho-escuro, ou menor, à vossa vontade, e que possa conservar-se pelo menos doze horas no seu mais alto grau de calor com igualdade, se tiverdes um assim, observai cinco condições.

A primeira, que a capacidade do vosso abrigo não seja mais ampla do que é preciso para conter a vossa tina, com cerca de uma polegada de vácuo a toda a volta, a fim de que o fogo que vem do respiradouro da torre possa circular em volta da vasilha.

A segunda é que a vossa tina deve conter somente um recipiente, matraz ou ovo, com cerca de uma polegada de espessura de cinza entre a tina, o fundo e os lados do matraz, e lembrai-vos sempre das palavras do filósofo, uma só vasilha, uma só matéria, um só forno.

Esta tina deve ser colocada de maneira que esteja precisamente sobre a abertura do respiradouro de onde vem o fogo, e que deve ter apenas uma única abertura, com cerca de duas polegadas de diâmetro, por onde passará uma língua de fogo, enviesando-se e subindo, que vibrará sempre no cimo da vasilha, rodeará o fundo e mantê-lo-á continuamente como é necessário que ele esteja.

A terceira é que, se a vossa tina for demasiado grande, como a cavidade do vosso forno deve ser três ou quatro vezes mais espaçosa que o seu diâmetro, a vasilha não poderá ser aquecida nem com exatidão, nem continuamente como é necessário que o seja.

A quarta é que, se a vossa torre não for de seis polegadas, ou quase, no sítio do fogo, vós não vos

encontrais na proporção, e não atingireis, nunca, o ponto exato do calor, e se ultrapassardes esta medida, e fizerdes arder demasiadamente o vosso fogo, ele será demasiado fraco.

Finalmente a quinta é que a frente do vosso fogo deve fechar-se com precisão por um buraco, que deve possuir apenas o tamanho necessário para introduzir o carvão filosófico, isto é, de cerca de uma polegada, a fim de que ele possa repercutir de baixo o calor com mais força.

13. Encontrando-se as coisas assim dispostas, colocai o ovo onde estiver a vossa matéria nesse forno, e dai-lhe o calor que a natureza pede, isto é, fraco e não demasiado violento, começando onde a natureza o deixou.

Não deveis ignorar que a natureza deixou a vossa matéria no reino mineral, e que, embora nós tiremos as nossas comparações dos vegetais e dos animais, é necessário, contudo, que concebeis uma relação apropriada ao reino no qual está colocada a matéria que quereis trabalhar, se, por exemplo, eu fizer comparação entre a geração de um homem e a vegetação de uma planta, não acrediteis que o meu pensamento seja que o calor, que é próprio para um, o seja também para outro, pois nós temos a certeza de que na terra, onde os vegetais crescem, há um calor que as plantas respiram, e até desde o princípio da Primavera, mas um ovo não podia criar-se com esse calor, e um homem, longe de sentir a emoção, experimentaria apenas um frio torpor. Certos de que a vossa tarefa permanece totalmente no reino mineral, deveis conhecer o calor que lhe é necessário e distinguir com precisão o brando ou o violento.

Considerarei, agora, que a natureza vos deixou não apenas no reino mineral, mas que também tendes de

trabalhar sobre o ouro e o Mercúrio, que são ambos incombustíveis, que o mercúrio é sensível e que pode destruir as vasilhas que o contêm se o fogo for demasiado violento. Que ele é incombustível, e que o fogo não o pode danificar, mas que, no entanto, é necessário retê-lo com o esperma masculino numa mesma vasilha de vidro, o que não poderá ser feito se o fogo for demasiado vivo, pelo que vós vos encontrareis na impossibilidade de concluir a obra.

Assim, o grau de calor que poderá manter o chumbo e o estanho em fusão, mesmo um pouco mais forte, contudo não mais do que as vasilhas possam suportar sem se estragarem, deverá ser calculado o grau conveniente, ou o calor temperado. Por aqui vedes que é necessário iniciar o vosso grau de calor pelo que é próprio ao reino em que a natureza vos deixou.

14. Todo o progresso desta tarefa, que é uma coobação da Lua sobre o solo, está em subir em nuvens e cair em chuva, eis porque vos aconselho a sublimação em vapores contínuos, a fim de que a Pedra se rodeie de ar e possa viver.

15. Mas para obter a nossa tintura permanente, ainda não é suficiente. É necessário que a água do nosso lago ferva com as cinzas da árvore de Hermes. Aconselho-vos a fazer ferver ao lume, dia e noite, continuamente, a fim de que nos trabalhos do nosso mar tempestuoso a natureza celeste possa subir e a natureza terrestre descer. É certo que sem a exatidão desta operação, que é a de ferver, nunca poderemos chamar à nossa obra uma cozedura, mas uma digestão, porque quando os espíritos somente circulam em silêncio e que o composto, que está em baixo, se não move pela ebulição, isto chama-se propriamente digestão.

16. Nada precipiteis na esperança de recolher

antes da maturidade da colheita, quero dizer, da Obra, mas, pelo contrário, trabalhai com confiança no espaço de cinquenta dias no máximo, e vereis o bico de corvo de bom augúrio.

Muitos, diz o Filósofo, pensam que a nossa solução é muito fácil, mas aqueles que tentaram realizar, ou que fizeram a experiência dela, sabem quanto ela é dificultosa. Por exemplo, se semeardes um grão de trigo, três dias depois vê-lo-eis inchado, mas, se o retirardes da terra, secará e voltará ao seu primeiro estado. No entanto, havia sido posto numa matriz conveniente, a terra é o seu próprio elemento, mas falhou o tempo necessário para a vegetação. As sementes mais duras requerem uma permanência mais longa na terra para aí germinarem, tal como as nozes e os caroços das ameixas e dos frutos em geral, cada espécie tem a sua estação, e quando ela aguarda o tempo prescrito para a sua ação, sem prematura precipitação, é sinal certo de uma operação natural e frutuosa.

Acreditais, pois, que o Ouro, que é o corpo mais sólido que existe no Mundo, se possa transformar em tão pouco tempo? É preciso continuar a aguardar até cerca do quadragésimo dia para que o começo da negrura se mostre. Quando a notardes, concluireis que o vosso corpo se encontra destruído, ou seja, que ele está reduzido a uma alma viva, e que o vosso espírito está morto, ou seja, coagulado com o corpo, mas, até essa negrura, o Ouro e o Mercúrio conservavam cada um as suas forma e natureza.

17. Tomai cuidado para que o vosso fogo não se extinga, nem mesmo por um momento, porque, se a matéria arrefecer uma só vez a perda da Obra é certa.

Resulta de tudo o que acabamos de dizer, que toda a nossa obra consiste em fazer ferver o nosso composto ao primeiro grau de um calor liquidificante,

o qual se encontra no reino metálico, onde o vapor interno circula em torno da matéria, e neste fumo um e outra morrerão e ressuscitarão.

18. Continuai então com o vosso fogo, até à aparição das cores, e vereis por fim a brancura. Logo que ela apareça (o que acontecerá próximo do quinto mês) aproxima-se a conclusão da pedra branca. Alegrai-vos, portanto, porque o Rei, vencedor da morte, aparecerá no Oriente cercado de glória, anunciado por um círculo citrino, seu precursor ou embaixador.

19. Prolongai com coragem o vosso fogo até que as cores apareçam de novo, e vereis o belo vermelhão e a dormideira campestre. Glorificai Deus por isso, e sede reconhecido.

20. Enfim, embora a vossa Pedra seja perfeita, é necessário fazê-la ferver, ou, antes, cozer na mesma água outra vez, na mesma porção e no mesmo regime, que o vosso fogo seja apenas um pouco mais fraco, e, desta maneira, aumentar-lhe-eis a qualidade e a virtude, segundo o que desejardes, o que podereis reiterar para esse efeito tantas vezes quantas vos parecer bem.

Que Deus, pai das luzes, soberano senhor, autor de toda a vida e de todo o bem, vos conceda a graça de vos mostrar esta regeneração de luz, para entrar na terra da vida, terra prometida aos seus fiéis e participar um dia na vida eterna. Assim seja.

Eyrénée Philalèthe

ANEXO C:

Regles du Philalèthe pour se conduire dans l'œuvre hermétique

From "An exposition upon Sir George Ripley's Epistle to King Edward IV", included in *Ripley Reviv'd: or, an exposition upon Sir George Ripley's hermetico-poetical works*, London: 1678. Transcribed by Mike Dickman.[123]

Premiere Regle

Qui que ce soit qui vous dise, ou veuille vous suggerer; quoique vous puissiez lire dans les livres des Sophistes, ne vous ecartez jamais de ce principe; que comme le but où vous tendez est l'or, aussi l'or doit être le sujet seul sur lequel vous devez travailler.

Seconde Regle

Prenez garde qu'on ne vous trompe, en vous disant, que notre or n'est pas l'or vulgaire, mais l'or Physique; l'or vulgaire est mort à la verité; mais de manniere que nous le préparons il se revivifie de même qu'un grain de sémence, qui est mort dans le grenier, se revivifie dans la terre. Ainsi après six semaines l'or, qui étoit mort, devient dans notre œuf vif, vivant et spermatique, dès qu'il est mis dans la terre, qui lui est propre, c'est-à-dire dans notre composé. Il peut donc être appellé notre or, parce qu'il est joint avec un agent, qui certainement lui rendra la vie; comme par une denomination contraire, un homme condamné à mort est applellé un homme mort, parce qu'il est destiné à mourir bien-tôt, quoiqu'il soit encore en vie.

Troisieme Regle

Outre l'or, qui est le corps, et qui tient lieu de mâle dans notre œuvre, vous aurez encore besoin d'un autre sperme, qui est l'esprit, l'ame ou la femelle; et c'est le Mercure Fluide semblable dans sa forme à l'argent vif commun; mais qui est pourtant et plus net et plus pur. Plusieurs au lieu de Mercure se servent de toutes sortes d'eaux et de liqueurs, qu'ils applellent Mercure Philosophale: ne vous laissez pas surprendre par leurs paroles, on ne sçauroit recueillir que ce que l'on a semé; si vous semez donce votre corps, qui est l'or en une terre ou en un Mercure, qui ne soit pas métallique, et qui ne soit pas Homogene aux métaux, au lieu d'un Elixir métallique, vous ne recueillerez qu'une chaux inutile et sans vertu.

Quatrieme Regle

Notre Mercure n'est qu'une même chose en substance avec l'argent vif commun; mais il est different dans sa forme; car il a une forme celeste et ignée et il est d'une vertu excellent: telle est la nature et la qualité, qu'il reçoit par notre Art et notre préparation.

Cinquieme Regle

Tout le secret de notre préparation consiste à prendre un mineral, qui est proche du genre de l'or et du Mercure. Il faut l'impregner avec l'or volatile qui se trouve dans les reins de Mars, et c'est avec quoi il faut purifier le Mercure au moins jusques à sept fois; ce qui etant fait, ce Mercure est préparé pour le bain du Roy.

Sixieme Regle

Sachez encore que depuis sept fois jusques à dix, le Mercure

se purifie de plus en plus et devient plus actif, étant à chaque préparation acué par notre vrai souffre; et s'il excede ce nombre de préparations ou de sublimations, il devient trop igné; de manier qu'au lieu de dissoudre le corps, il se coagule lui-même.

Septieme Regle

Ce Mercure ainsi acué ou animé doit encore être distillé en une retorte de verre deux ou trois fois; d'autant plus qu'il peut lui être resté quelques Atômes du corps, au temps de la préparation, et ensuite il le faut laver avec du vinaigre et du sel Ammoniac, alors il est préparé pour notre œuvre.

Huitieme Regle

Choisissez pour cette œuvre un or pur et net, sans aucun mêlange: et s'il n'est pas tel, lorsque vous l'achetez, purifiez-le vous-même par les moyens convenables. Alors vous le mettrez en poudre subtile, soit en le limant, soit en le réduisant, ou faisant reduire en feuilles, soit en le calcinant avec des Corrosifs, soit enfin par quelqu'autre voie que ce soit, pourvu qu'il soit très subtil, n'importe.

Neuvieme Regle

Venons maintenant au mêlange: et pour cela prenez du corps susdit, ainsi choisi et préparé une once, et deux ou trois onces au plus du Mercure animé, comme il a été dit ci-devant: mêlez-les dans un mortier de marbre, qui aura été auparavant chauffé aussi chaud que l'eau bouillante le pourra faire; broyez et triturez-les ensemble jusqu'à ce qu'ils soient incorporez; puis y mettez du vinaigre et du sel jusqu'à qu'il soit très pur, et en dernier lieu vous le dulcifirerez avec de l'eau chaude, et le secherez exactement.

Dixieme Regle

Sachez maintenant que dans tout ce que nous marquons, nous parlons avec candeur; notre voye n'est aussi que ce que nous enseignons, et nous protestons toujours que ni nous, ni aucun ancien Philosophe, n'a point connu d'autre moyen; étant impossible que notre secret puisse être produit par aucun autre disposition que par celles-ci

Notre Sophisme est seulement dans les deux sortes de feux employez à notre ouvrage.

Le feu secret interne est l'instrument de Dieu, et ses qualitez sont imperceptibles aux hommes: nous parlerons souvent de ce feu, quoiqu'il semble que nous entendions la chaleur externe; c'est de là que naissent plusieurs erreurs entre les imprudens. C'est ce feu, qui est notre feu gradué, car pour la chaleur externe elle est presque linéaire, c'est-à-dire égale et uniforme dans tout l'ouvrage; si ce n'est que dans le blanc; elle est une sans aucune altération, hormis dans les sept premiers jours, où nous tenons cette chaleur un peu faible pour plus de sureté; mais le Philosophe expérimenté n'a pas besoin de cet avis.

Pour la conduite du feu interne , elle est insensiblement graduée d'heure en heure, et comme il est journellement réveillé par la suite de la cuisson, les couleurs en sont altérées, et le composé meuri. Je vous ai dénoué un nœud extrèmement embarrassé; prenez garde d'y être pris de nouveau.

Onzieme Regle

Vous devez être pourvu d'un vaisseau ou matras de verre, avec lequel vous puissiez achever votre ouvrage, et sans lequel il vous seroit impossible de rien faire: il le faut de figure ovale ou sphérique, de grosseur convenable à votre composé; en sorte qu'il puisse contenir environ douze fois autant de matière dans sa capacité que vous y en mettrez. Il faut que le verre soit épais, fort et transparent, sans aucun défaut; son col doit être d'une

paume, ou tout au plu d'un pied de long; vous mettrez votre matiere dans cet œuf, scellant le col avec beaucoup de soin; de sort qu'il n'y ait ni défaut, ni crevasse, ni trous; car le moindre esvent feroit évaporer l'esprit le plus subtile et perdroit l'ouvrage: Vous pourrez être certain de l'exacte sigillation de votre vaisseau en cette maniere. Lorsqu'il sera froid mettez le bout du col dans votre bouche à l'endoit où il est scellé, succez fortement, et si il y a la moindre ouverture vous attirerez dans votre bouche l'air qui est dans le matras, et lorsque vous retirerez de votre bouche le col du vaisseau, l'air aussi-tôt rentrera dans la matras avec une sorte de sifflement, de maniere que votre oreille en pourra entendre le bruit; cette expérience est immanquable.

Douzieme Regle

Vous devez aussi avoir pour fourneau ce que les Sages appellent Athanor, dans lequel vous puissiez accomplir tout votre ouvrage. Dans le premier travail celui dont vous avez besoin doit être disposé de telle maniere qu'il puisse donner une chaleur d'un rouge obscur, ou moindre à votre volonté, et qu'en son plus haut degré de chaleur il s'y puisse maintenir égal au moins douze heures: si vous en avez un tel.

Observez premierement que la capcité de votre nid ne soit plus ample que pour contenir votre bassin, avec environ un pouce de vuide tout-à-l'entour, afin que le feu, qui vient du soupirail de la tour, puisse circuler autour du vaisseau.

Rn seconde lieu, votre bassin doit contenir seulement un vaisseau ou matras, avec environ un pouce d'épaisseur de cendres entre le bassin, le fonds, et les côtez du vaisseau; vous souvenant de ce qui dit le Philosophe: Un seul vaisseau, une seule matiere, et un seul fourneau.

Ce bassin doit être situé de maniere qu'il soit précisément sur l'ouverture du soupirail d'ou vient le feu; et ce soupirail doit avoir une seule ouverture d'environ trois pouces de diametre, qui biaisant et montant conduira une langue de feu, qui frappera

toujours au haut du vaisseau, et environnera le fonds, le maintiendra continuellement dans une chaleur également brillante.

En troisieme lieu, si votre bassin est plus grand qu'il ne faut, comme la cavité de votre fourneau doit être trois ou quatre fois plus grande que son diametre alors le vaisseau ne pourra jamais être échauffé exactement ni continuellement comme il faut.

En quatrieme lieu, si votre tour n'est de six pouces ou environ à l'endroit du feu, vous n'êtes pas dans la proportion, et vous ne viendrais jamais au point juste de chaleur; car si vous excedez cette measure, et que vous fassiez trop flamber votre feu, il sera trop foible.

En dernier lieu, le devant de votre fourneu doit se fermer exactement par un trou, qui ne doit être que de la grandeur nécessaire pou introduire le charbon, comme environ un pouce de diametre, afin qu'il puisse plus fortement en bas recuperer la chaleur.

Treizieme Regle

Les choses étant ainsi disposées, mettez le vaisseau, où est votre matiere dans ce fourneau et lui donnez la chaleur que la nature demande, commençant où la nature a quitté.

Sçachez maintenant que la nature a laissez vos matieres dans le régne minéral; c'est pourquoi encore que nous tirions nos comparaisons des végétaux et des animaux, il faut pourtant que vous conceviez un rapport convenable au régne, où est placée la matiere, que vous voulez traiter. Si par exemple je fais comparaison entre la génération d'un homme et la végétation d'une plante; vous ne devez pas croire que ma pensée soit telle, que la chaleur, qui est propre pour l'un le soit aussi pour l'autre, car nous sçavons que dans la terre où les végétaux croissent, il y a de la chaleur que les plantes sentent, et mmème dès le commencement du Printems. Cependant un œuf ne pourroit pas éclore à cette chaleur, et l'homme ne pourroit en appercevoir

aucun sentiment; au contraire elle lui sembleroit un engourdissement froid. Mais puisque vous sçavez que votre ouvrage est entièrement dans le régne minéral, vous devez connoître la chaleur qui est propre pour les minéraux, et celle qui doit être appellée petite ou violente.

Consdérez maintenant que la nature vous a laissé non-seulement dans le régne mineral, mais encore que vous devez travailler sur l'or et le mercure, qui tous deux sont incombustibles.

Que le Mercure est tendre et qu'il peut rompre les vaisseau, qui le contiennent, si le feu est trop fort: qu'il est incombustible et qu'aucun feu ne lui peut nuire; mais cependant qu'il faut le retenir avec le sperme masculin en une même vaisseau de verre, ce qui ne pourra se faire, si le feu est trop violent; et par conséquent on ne pourroit pas accomplir l'œuvre.

Ainsi le degré de chaleur, qui pourra tenir du plomb ou de l'étain en fusion, et même encore plus forte, c'est-à-dire telle que les vaisseaux, la pourront souffrir sans rompre, doit être estimée une chaleur tempérée. Par là vous commencerez votre degré de chaleur propre pour le régne, où la nature vous a laissé.

Quatorzieme Regle

Sçachez que tout le progrez de cet ouvrage, qui est une cohobation de la lune sur le sol, est de monter en nuées et retomber en pluye; c'est pourquoi je vous marque de sublimer en vapeurs continuelles, afin que la pierre prenne air et puisse vivre.

Quinzieme Regle

Ce n'est pas encore assez;mais pour obtenir notre teinture permenante, il faut que l'eau de notre lac bouille avec les cendres de l'arbre d'Hermès; je vous exhorte de faire bouillir nuit et jour sans cesse, afin que dans les ouvrages de notre mer tempêtueuse,

la nature céleste puisse monter et la terrestre descendre. Car je vous assure que si nous ne faisons bouillir nous ne povons jamais nommer notre ouvrage une cuisson, mais une digestion, d'autant que quand les esprits circulent seulement en silence, et que le composé, qui est en bas, ne se meut point par ébullition, cela se nomme proprement digestion.

Seizieme Regle

Ne vous hâtez point dans l'espérance d'avoir la moisson ou la fin de l'œuvre aussitôt après son commencement; car si vous veillez avec patience l'espace de 50 jours au plus, vous verrez le bec du corbeau.

Plusieurs, dit le Philosophe, s'imaginent que notre solution est une chose fort aisée; mais il n'y a que ceux qui l'ont essayée & qui en ontfait l'expérience, qui puissent dire combien elle est difficile.

Ne voyez-vous pas que si vous semez un grain de bled, trois jours après vous le verrez simplement enflé; que si vous le faites secher il deviendra comme auparavant. Cependant on ne peut pas dire qu'on ne l'ait pas mis en une matrice convenable; car la terre est son vrai & propre lieu; mais il a seulement manqué de tems nécessaire pour la végétation.

Considerez que les semences les plus dures ont besoin d'être plus long-tems dans la terre, comme les noix & noyaux de prunes, chaque chose ayant sa saison; & c'est une marque certain d'une opération naturelle, lorsque sans préciptation elle demeure le tems nécessaire pour son action.

Pensez-vous donc que l'or, qui est le corps du monde le plus solide, puisse changer de forme en si peu de tems. Il faut que nous demeurions dans l'attente jusqu'à vers la quarantième jour que le commencement de la noirceur se fait voir. Quand vous verrez cela concluez alors que votre corps est détruit; c'est-à-dire qu'il est réduit en une ame vivante, & votre esprtit est mort; c'est-à-dire, qu'il est coagulé avec le corps. Mais jusqu'à cette

noirceur l'or & le mercure conservent chacun leur forme & leur nature.

Dix-Septieme Regle

Prenez garde que votre feu ne s'éteigne, pas même pour un moment; car si une fois la matiere devient froid, la perte de l'ouvrage s'ensuivra immanquablement.

Vous pouvez recueillir de tout ce que nous avons dit, que tout notre ouvrage n'est autre chose que faire bouillir notre composé au premier degré d'une liquefiante chaleur, qui se trouve dans le régne métallique, ou la vapeur interne circule autour de la matiere, & dans cette fumée l'une & l'autre mourront & ressusciteront.

Dix-Huitieme Regle

Contuez alors votre feu jusqu'à ce que les couleurs paroissent, & vous verrez enfin la blancheur. Sçachez que lorsque la blancheur paroîtra (ce qui arrivera vers la fin du cinquième mois) l'accomplissement de la Pierre blanche s'approche. Réjouissez-vous donc, car le Roy a vaincu la mort, et paroît en Orient avec beaucoup de gloire.

Dix-Neuvieme Regle

Continuez encore votre feu, jusqu'à ce que les couleurs paroissent de nouveau, et vous verrez enfin le beau vermillon et le pavot champètre. Glorifiez donc Dieu et soyez reconnoissant.

Vingtieme Regle

Enfin il faut que fassiez bouillir (ou plutôt cuire cette Pierre) derechef dans la même eau, avec la même proportion et selon le même régime. Votre feu doit être seulement un peu plus foible,

et par ce moyen vous l'augmenterez en quantite et en vertu suivant votre désir.

Que Dieu, le Pere des Lumieres, vous fasse voir cette régéneration de Lumiere, et vous fasse un jour participant de la vie éternelle. Ainsi soit-il.

Notae

[1] PANTHEUS, Ioannis Augustini. *Voarchadumia contra Alchimia ars distincta ab archimia et sophia: cum additionibus, proportionibus numeris, & figuris opportunis*. Paris: Veneunt apud Viventium Gaultherot, via ad Diuum Jacobum, sub signo D. Martini, 1550, p. 8, tradução minha.
[2] FULCANELLI. *As Mansões Filosofais*. Trad. António Last e António Lopes Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1977, nota à p. 66.
[3] PANTHEUS, Ioanne Augustino. *Voarchadumia contra Alchimia ars distincta ab archimia et sophia: cum additionibus, proportionibus numeris, & figuris opportunis.* Paris: Veneunt apud Viventium Gaultherot, via ad Diuum Jacobum, sub signo D. Martini, 1550.
______. *Ars et Theoria Transmutationis Mettalicae cum Voarchadumia, proportionibus, numeris, & inconibus rei accommodis illustrata*. Paris: Veneunt apud Viventium Gaultherot, via ad Diuum Jacobum, sub signo D. Martini, 1566.
[4] Ver JUNG, Carl Gustav. *Psicologia e Alquimia*. 4 ed. Trad. Maria Luiza Appy et alii. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
______. *Mysterium Coniunctionis*. Com a colaboração de Marie-Louise von Franz. 5 ed. 3 v. Trad. Frei Valdemar do Amaral. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
FRANZ, Marie-Louise von. *Alquimia*. 9 ed. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1993.
[5] COLCHETE, Eliane. *Contos do espelho*. Rio de Janeiro: Quártica, 2011.
______. *Contos da musa irada*. Rio de Janeiro: Quártica, 2011.
______. *Filosofia, Ceticismo e Religião – com um estudo sobre Diógenes Laércio*. Rio de Janeiro: Quártica, 2013.
______. *O Pós-moderno: Poder, Linguagem e História*. Rio de Janeiro, Quártica, 2013.
COLCHETE, Eliane Marques e MORAIS JUNIOR, Luis Carlos de. *Y e os Hippies*. Rio de Janeiro: Quártica, 2009.
______ e ______. *O Caminho de Pernambuco*. Rio de Janeiro: Quártica, 2010.
______ e ______. *Crisopeia*. Rio de Janeiro: Quártica, 2010.
______ e ______. *Clone versus Gólem*. Rio de Janeiro: Quártica, 2010.
______ e ______. *O Portal do Terceiro Milênio*. Rio de Janeiro: Quártica, 2011.
______ e ______. *Abobrinhas Requintadas (Exquisite Zucchinis)*. Rio de Janeiro: Litteris, Quártica, 2012.
MORAIS JUNIOR, Luis Carlos de. *Proteu ou a Arte das Transmutações*; leituras, audições e visões da obra de Jorge Mautner. Rio de Janeiro: HP Comunicação, 2004.
______. *Larápio*. Rio de Janeiro: Kroart, 2004.
______. *Crisólogo:* o estudante de poesia Caetano Veloso. Rio de Janeiro: HP Comunicação, 2004.
______. *Pindorama*. Rio de Janeiro: Kroart, 2004.
______. *O Olho do Ciclope e os Novos Antropófagos:* antropofagia cinematótica na literatura brasileira. Rio de Janeiro: Quártica, 2009.
______. *O Estudante do Coração*. Rio de Janeiro: Quártica, 2010.
______. *O Meteorito dos Homens Ab e Surdos*. Rio de Janeiro: Quártica, 2011.

______. *O Sol Nasceu pra Todos – A História Secreta do Samba*. Rio de Janeiro: Litteris, 2011.
______. *Proteu ou: A Arte das Transmutações – Leituras, Audições e Visões da Obra de Jorge Mautner*. 2 ed, revista e ampliada. Contém 10 entrevistas inéditas com Jorge Mautner. Rio de Janeiro: Litteris, 2011.
______. *Gigante*. Rio de Janeiro: Quártica, 2012.
______. *Natureza Viva*. Rio de Janeiro: Quártica, 2012.
______. *Eu Sou o Quinto Beatle*. Rio de Janeiro: Quártica, 2012.
______. *Carlos Castaneda e a Fresta entre os Mundos – Vislumbres da Filosofia Ānahuacah no Século XXI*. Rio de Janeiro: Litteris, 2012.
______. *O Homem Secreto*. Rio de Janeiro: Quártica, 2013.
______. *O Estudante do Coração*; ensaios sobre arte pós-moderna. 2 ed; revista e ampliada. Rio de Janeiro: Litteris, 2013.
______; MEDEIROS, Marcus Vinicius. *Metaneurônios atomizados*. Rio de Janeiro: t mais 8, 2008.
______; CAMPOS, Cid; CARVALHO, Claudio. *Rocambole de carne à Copacabana*. Rio de Janeiro: Litteris, 2013.
______; CARVALHO, Carlos Hilton Cruz. *Os que ouvem mais que nós*. Rio de Janeiro: Litteris, 2013.

[6] MORAIS JUNIOR, Luis Carlos de. *O Estudante do Coração*; ensaios sobre arte pós-moderna. 2 ed; revista e ampliada. Rio de Janeiro: Litteris, 2013, p. 191-193, adaptado.

[7] Disponível em http://naturealive.blogspot.com.br/, acesso: 25/08/2013. Aqui e no *Homo futurans*, Fevereiro, eu estou citando MARTINEAU, Mathrin Eyquem. *O Piloto da Onda Viva*. Trad. Maria José Pinto. Lisboa, Edições 70, 1977.

[8] Idem, ibidem. O cientista citado é o médico e alquimista holandês Johann Friedrich Schweitzer, também conhecido como John Frederick Helvetius (1625–1709), não se tratando do filósofo iluminista Claude-Adrien Helvétius (1715–1771).

[9] Site Wikipedia, disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Alquimia, acessado em 06/08/2013.

[10] ALBERTO, Mestre. *De* Alchimia, apud SADOUL, Jacques. *O Tesouro dos Alquimistas*. Trad. Rachel de Andrade. São Paulo: Hemus, /s.d./, 66. Jorge Ben cita esses conselhos na sua canção "Os Alquimistas estão chegando" do LP *A Tábua de Esmeralda*.

[11] FLAMEL, Nicolas. "O Desejo Desejado", in *O Livro das Figuras Hieroglíficas*. Trad. Luis Carlos Lisboa, Rio de Janeiro, Editora Três, 1973, p. 147 e ss.

[12] VELOSO, Caetano. *Alegria, Alegria*. 2 ed. Rio de Janeiro, Pedra Q Ronca, 1977, p. 80: "Estou falando de vera. Vera. Eu quero a proesia. Eu quero as galáxias do poeta heraldo de los campos. Quem não se comunica dá a dica. Eu quero a proesia. /.../" . Caetano fala do poema livro *Galáxias*, de Haroldo de Campos.

[13] CAMPOS, Augusto de. *O Anticrítico*. São Paulo: Companhia das Letras 1986, orelha.

[14] SADOUL, Jacques. *O Tesouro dos Alquimistas*. Trad. Rachel de Andrade. São Paulo: Hemus, /s.d./. O original é: *Le Trésor des Alchmistes*. Paris: J'ai Lu, 1970, p. 41, é uma citação de Philalèthe na sua 12 regra ou princípio, ver Anexos B e C.

[15] ÉVOLA, Julius. *A Tradição Hermética*. Trad. Maria Teresa Simões. Lisboa: Edições 70, 1979, "Os Símbolos e a Doutrina", 5. A "presença" hermética, p. 41-

42. Aqui o autor inclui várias notas, pois cita muito, de forma cruzada, e remeto a seu texto para poder ver todas elas (p. 99, da edição portuguesa que possuo), as quais incluem *Morgenröte*, *Aurora*, de Böhme, *Textos Pseudodemócritos*, *Novum Lumen Chemicum*, *Livro da Misericórdia* etc.

[16] FULCANELLI. *As Mansões Filosofais*. Trad. António Last e António Lopes Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1977, "A salamandra de Lisieux V", p. 72.

[17] *Finis Gloriae Mundi*. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Pensamento, 2008, p. 7-18.

[18] FULCANELLI. *As Mansões Filosofais*. Trad. António Last e António Lopes Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1977, p. 66.

[19] GIVRY, Grillot de. *La Gran Obra*; doce meditaciones sobre la vía esotérica al Absoluto. (Original: *La Grand OEuvre, XII meditations sur la voie ésotérique de l'absoltu*). 4 ed. México, Editora y distribuidora Yug, 2001, p. 51, tradução minha.

[20] V. MORAIS JUNIOR, Luis Carlos de. "A Festa do Bolo", in *Massas Verbais*, inédito, p. 91 do manuscrito.

[21] LÚLIO, Raimundo. *O Livro do Gentio e dos Três Sábios*. Trad. Esteve Jaulent. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 178.

[22] "Hermes Trismegisto (Hermes = o interprete – Trimegisto = 3 megas = 3 vezes grande, ou o que possui os 3 reinos de sabedoria: mineral, vegetal e animal). É atribuída sua existência no ano de 1900 a. C.; Hermes é mesmo Thoth dos egípcios e sua existência acompanha a vida religiosa do Egito.

Enoch (que significa Inicie, ou, Iniciador), foi um rei hebreu que construiu um santuário subterrâneo onde colocou sob 2 pilares, segredos (princípios da Alquimia) que seriam uma herança para o desenvolvimento da humanidade. Este é o mesmo mencionado nos Gêneses, o sétimo da geração de Adão, sua vida revela riquezas de detalhes na semelhança com Thoth.

Jetro – sacerdote etíope, foi sogro de Moisés no exílio.

Moisés – (1705-1594 a. C.) teve a iniciação egípcia e também teve um aprendizado etíope em seu exílio.

Salomão – supõe-se que tenha nascido 1033 anos antes de Cristo, suas obras alquímicas mais conhecidas são: "A Clavícula de Salomão", "Sobre a Pedra dos Filósofos".

Pitágoras – o sábio filósofo (590-470 a. C.), levou 22 anos para adquirir o título de sacerdote egípcio. Já prestes a regressar à Grécia para exercer seu ministério, o Egito foi conquistado e juntamente com alguns sacerdotes egípcios foi levado para a Babilônia. Lá ficou cativo por 12 anos, onde se aprofundou na magia que ali se difundia.

Cleópatra – descendente de faraó foi também iniciada. Dizem que por sua magia conseguia enganar os dominadores romanos.

Demócrito – (séc. V a. C.) era filho de nobre da Persa e foi iniciado nos mistérios egípcios; morreu com 109 anos.

Dioscórides – médico grego, viveu cerca de 50 anos a. C.

Sacca – (séc. II), fundou a escola Neoplatônica de Alexandria.

Alexandre de Afrodisisas – séc. II, inventou o alambique, destilou água marinha. Ocultista que não desfrutou grande fama. Viveu entre o séc. II e III.

Zózimo – (séc. III) viveu a maior parte de sua vida em Alexandria, afirmava que o reino egípcio é subsidiado pela arte de fazer ouro, um dos alquimistas mais

respeitados, conhecido como A Coroa dos Filósofos.
Bolina – (séc. III) conhecido como o Sábio.
Jaber abu Musa Giafar –séc. VII, árabe da Mesopotâmia, conhecido por Magister Magistrorim.
Khalid – séc. VII , rei árabe que iniciou Morienus nos segredos da Alquimia.
Morienus – (séc. VII) morreu como um ermitão cristão nas montanhas perto de Jerusalém. Ele foi conhecido por enviar grandes doações anuais em ouro para a Igreja Cristã
Geber – (séc. VIII) médico iniciado na fraternidade Sufi (representa o sistema ascético de misticismo islâmico que acentua contemplação como um veículo para união extática com o Divino).
Avicena – (980-1087) médicos, também, iniciado na fraternidade de Sufi. Era chamado O Príncipe dos Médicos.
Calid – séc. X, sultão do Egito.
Albertus Magnus – (1193-1280) monge dominicano.
Guido Bonatti de Forlì – (1223-1296).
Roger Bacon – (1214-1294) chamado doctor Mirabilis, era um monge franciscano.
São Tomás de Aquino – (1225-1274) monge dominicano conhecido como Doutor Angélico. Nasceu no Castelo de Roccasecca, arredores de Aquino, no norte do reino de Nápoles. Estudou com Alberto Magno, por quem teria sido iniciado no conhecimento de Alquimia. Muitos estudiosos da obra de Tomás de Aquino não acreditam que ele tenha escrito livros de Alquimia, por ser esta arte considerada herética. No momento de sua morte, Alberto Magno, que se encontrava em Colônia, anuncia o fato aos outros frades e chora.
Arnald de Villanova – (1245-1313) foi médico, astrólogo, teólogo e diplomata.
Raimundo Lúlio – (1234-1315) se aliou durante um tempo aos franciscanos, foi iniciado por Arnold de Villanova.
Afonso X – (1252-1284), rei de Castela, chamado O Sábio.
Nicholas Flamel de Pontoise – (1330-1417) misteriosamente arrumava fortunas para construir hospitais e restabelecer igrejas parisienses.
Rosenkreutz – em 1480 restaura algumas fraternidades herméticas.
Paracelso – (1493-1541), nome original: Aurélio Filipe Teofrastro Bombast. Nasceu na Suíça, viajante solitário e nômade que desprezava o mundo do poder, do dogma e dos valores estabelecidos. Morreu misteriosamente na Áustria, sua tumba foi encontrada vazia anos depois. Seu epigrama 'A Magia é uma Grande Sabedoria Oculta – A Razão é uma Grande Loucura Pública'.
Maximiliano – (1527-1576) imperador da Alemanha.
Giovanni Battista della Porta – (1540-1615) conhecido como Magus Veneficus.
Irineu Filalet – (1612-1680).
Conde de S. Germano (1698-1784) – Voltaire descreveu St. Germain como 'o homem que não morre'. Em janeiro de 1661 foi condenado a morte por prática de heresia, espagiria, e astrologia. Sendo aprisionado, fugiu miraculosamente, andou vagando por diversos lugares, foi ministro e conselheiro do rei da Dinamarca.
Borri - nasceu em maio de 1627, jesuíta e filósofo hermético italiano. Frequentou os laboratórios reais, numa projeção por meio de líquidos com o qual encheu duas ânforas, que fechou com 2 chaves, uma dando à rainha e a outra conservando-a com ele, pois o resultado devia ser observado depois de certo tempo. Depois de muito

tempo, a rainha, vendo que o alquimista não voltava, zangou-se por ter sido ridicularizada; fez abrir a caixa e apoderou-se dos vasos e constatou que um havia se transformado em ouro e o outro em prata; e os 2 metais eram perfeitos em suas respectivas qualidades.
Filofotes – (1869-1894) nome verdadeiro Alberto Poisson .
Doutor Papus – nasceu em 1838 recebendo o nome de Gérard Encausse.
Marquês de Saint-Yves d'Alveydre – nascido em 1844.
Isaac Newton – fez a tradução da Tábua Esmeraldina; G. W. Leibniz, como também Robert Boyle, o pai da química moderna, aceitaram a teoria da transmutação Alquimia.
Carl Gustave Jung – (1875-1961) utilizou dos princípios da Alquimia no processo de análise.
Marie-Luise von Franz – seguiu os passos de Jung, ele via nela uma alquimista nata. Autora dos livros 'Alquimia' e 'Alquimia e Imaginação Ativa'; além de ser colaboradora de Jung em vários de seus livros de Alquimia – morreu janeiro 1998".
"Alguns Alquimistas", Asther Produtora, disponível em http://www.asther.com.br/Alquimia.php?conteudo=25, acesso 11/08/2013.
Site Alquimia de Rubellus Petrinus: http://www.tpissarro.com/Alquimia/, acesso 11/08/2013.
[23] FULCANELLI. *As Moradas dos Filósofos*. Trad. Marcos Malvezzi, da versão inglesa, com as 39 ilustrações originais de Julien Champagne. São Paulo: Madras, 2006, nota 100, à p. 105.
[24] LOBATO, Monteiro. "O 'Salão' de 1917". *Revista do Brasil*. São Paulo: ano II, out. 1917, nº 22, p.171-190, in http://www.dezenovevinte.net/artigos_imprensa/revista_brasil/1917_salao.htm. Monteiro Lobato se refere a um quadro do importantíssimo cantor e pintor brasileiro Gastão Formenti.
[25] KHUNRATH, Heinrich. *Amphitheatrum Sapientiae Aeternae*. Leipzig, 1604. Versão eletrônica.
[26] ALBERTUS, Frater. *Guia Prático de Alquimia*. Trad Mário Muniz Ferreira. São Paulo: Pensamento, 1989. p. 19.
[27] ANDRADE, Mário de. *Poesias Completas*. São Paulo: Martins Fontes, Brasília: MEC, 1972, p. 13.
[28] MORAIS JUNIOR, Luis Carlos de. *Crisólogo:* o estudante de poesia Caetano Veloso. Rio de Janeiro: HP Comunicação, 2004, 232-234, adaptado.
[29] "Tensão que aumenta sempre, tensão contraditória com estados de alma os mais opostos e diversos, convergindo sempre para uma tensão maior e para uma ampliação maior dos opostos em intensidade e fúria, aumentando assim a intensidade da tensão". MAUTNER, Jorge. *Fundamentos do Kaos*. São Paulo: Ched Nova Stella, 1985, p. 18. Ele está falando sobre o Kaos com k.
[30] *Proteu ou: A Arte das Transmutações – Leituras, Audições e Visões da Obra de Jorge Mautner*. 2 ed, revista e ampliada. Contém 10 entrevistas inéditas com Jorge Mautner. Rio de Janeiro: Litteris, 2011, p. 188, adaptado.
[31] NOGUEIRA, Salvador. "Físicos veem novos indícios de que o Universo pode ser cíclico", in Folha de São Paulo, disponível em http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2013/08/1328423-fisicos-veem-novos-indicios-de-que-o-universo-e-ciclico.shtml, acesso: 19/08/2013.
[32] Bruno Tolentino, entrevista a Geraldo Mayrink, Veja, 20/03/1996, disponível em http://www.tirodeletra.com.br/musica/BrunoTolentino.htm#, acesso em 06/08/2013.

[33] BARBOSA, Francisco de Assis. "Caldas Barbosa, poeta da 'Viradeira'", in BARBOSA, Domingos Caldas. *Viola de Lereno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1980, p. 13-24.
[34] SILVA, Joaquim Noberto de Souza e. *Dirceu de Marília*. Liras Atribuídas a Senhora DMJD de S (Natural de Vila Rica). Brasília: Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro, versão eletrônica, disponível em http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/dirceu_de_marilia.pdf, acesso: 22/08/2013. O autor (ou compilador) assina data o prefácio em Niterói, agosto de 1845.
[35] GONZAGA, Tomás Antônio. *Marília de Dirceu*. Versão eletrônica, disponível em http://www.dominiopublico.gov.br/, acesso em 06/08/2013.
[36] Ver foto em *Coleção Chico Buarque de Hollanda*. Volume 4: 1966. São Paulo: Abril, 2010, p. 21. O título em português quer dizer: "Sobre as coisas metálicas, sobre a metalurgia". O autor apresenta seu trabalho como não alquímico, mas seu nome repete o epíteto "agricultor", em grego e latim. É uma obra em fac símile, com 640 páginas. AGRICOLA, Georgius. *De Re Metallica*. Translated from the first latin edition of 1556. Trad. Herbert Clark Hoover e Lou Henry Hoover. London: Salisbury House, 1912.
[37] ELIADE, Mircea. *Ferreiros e Alquimistas*. Trad. Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, passim.
[38] Ver:
http://www.doravergueiro.com.br/biografia/
http://www.dicionariompb.com.br/dora-vergueiro
[39] SEIXAS, Raul. "S.O.S.", do LP *Gita*, 1974. A qualidade e quantidade das músicas por ele mesmo letradas neste álbum são uma comprovação do quanto Raul Seixas era também poeta: 1 – Super heróis (Raul Seixas/Paulo Coelho), 2 – Medo da chuva (Raul Seixas/Paulo Coelho), 3 – As aventuras de Raul Seixas na cidade de Thor (Raul Seixas), 4 – Água viva (Raul Seixas/Paulo Coelho), 5 – Moleque maravilhoso (Raul Seixas/Paulo Coelho), 6 – Sessão das 10 (Raul Seixas), 7 – Sociedade Alternativa (Raul Seixas/Paulo Coelho), 8 – O trem das 7 (Raul Seixas), 9 – S.O.S. (Raul Seixas), 10 – Prelúdio (Raul Seixas), 11 – Loteria de Babilônia (Raul Seixas/Paulo Coelho), 12 – Gita (Raul Seixas/Paulo Coelho).
[40] Assim como de Paulo Coelho, muito pouco caridoso é o livro *Alquimia* de Helmut Gebelein, que faz um histórico raso e superficial.
[41] SADOUL, Jacques. *O Tesouro dos Alquimistas*. Trad. Rachel de Andrade. São Paulo: Hemus, /s.d./.
[42] *O Som do Pasquim*. Rio de Janeiro: Codecri, 1976, p. 170-180, ele se refere aqui ao LP *Raulzito e seus Panteras*.
[43] http://www.casadobruxo.com.br/Raul/jo.htm, acesso em 09/08/2013.
[44] Rogério Skylab, "Na festa do meu AP", disponível em http://musica.com.br/artistas/skygirls/m/na-festa-do-meu-ap/letra.html, acesso em 06/08/2013.
[45] Entrevista com Rogério Skylab, novembro de 2002, realizada por Raphael Rodrigues (Alternative Noise), disponível em http://alternativenoise0.tripod.com/entrev_skylab.htm, acesso em 06/08/2013.
[46] "Blondel de Nesle (entre 1175 e 1210) poeta, trovador e senhor do norte da França. Escreveu vinte e quatro cantigas cortesãs. Participou do côrte de Ricardo I de Inglaterra (*Ricardo Coração-de-Leão*) e tornou-se seu confidente, acompanhando-

o em todas as expedições. Blondel é citado como um modelo de fidelidade. Conta-se que depois de exaustivas investigações ele descobre a prisão em que Leopoldo V da Áustria, aprisionou o rei inglês e, é cantando uma cantiga. que ele se faz reconhecer. Prosper Tarbé publicou em 1862, com base em manuscritos, 34 cantigas de Blondel". http://pt.wikipedia.org/wiki/Blondel_de_Nesle

[47] Dispnível em http://multishow.globo.com/musica/marchinhas-de-carnaval/bloco-do-sujo/, acesso em 09/08/2013, o arranjo gráfico do texto é meu.

[48] LOBÃO; TOGNOLLI, Claudio. *Cinquenta Anos a Mil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

[49] MÁXIMO, João & DIDIER, Carlos. *Noel Rosa:* uma biografia. Brasília: UnB/Linha Gráfica, 1990, p. 217-218. A nota do texto diz assim: "Nota: Ao contrário do que se chegou a afirmar, Henrique Britto não inventou o violão elétrico. No máximo, foi quem o introduziu no Brasil. Ele próprio, em entrevista a O Globo de 14 de junho de 1933, contaria ter sido o amigo F. Dutra o idealizador do sistema que a Dobro Corporation acabaria patenteando. Depois de fazer uma demonstração da novidade, na redação do jornal, informaria que ele e Dutra seriam os representantes da Dobro na América Latina", p. 225.

[50] Disponível em: http://www.greennotes.mus.br/message.asp?messageID=106954&listaFor=, acesso 07/08/2013. Ver: http://mundoestranho.abril.com.br/materia/quem-inventou-a-guitarra-eletrica, acesso 08/08/20123. Ver tb: http://aluz.musicblog.com.br/39279/Quem-inventou-a-guitarra-eletrica/, acesso 09/08/2013.

[51] GENTILEZA (Marcio José Andrade da Silva Datrino). *Livro Urbano do Profeta Gentileza*. Org. Leonardo Guelman, Mariana Kutassy e Dado Amaral. Rio de Janeiro: Mundo das Ideias, 2011, p. 71.

[52] Alfabeto hebraico, disponível em: http://www.deldebbio.com.br/2010/03/22/o-alfabeto-hebraico/, acesso: 22/08/2013.

[53] Cláudio Ulpiano, aula de 20/04/1995 – "Mundo das sensações: tudo se movimenta, nada se formaliza", excerto, adaptado, in Centro de Estudos Cláudio Ulpiano, http://claudioulpiano.org.br/. Luiz Orlandi, para quem Cláudio escreveu desabafando nesse bilhete, é o professor e tradutor especialista na obra de Gilles Deleuze, e que foi o orientador de doutorado de Cláudio Ulpiano, na Unicamp.

Cláudio Ulpiano Santos Nogueira Itagiba nasceu a 14 de novembro de 1932, em Macaé, e morreu no 4 de janeiro de 1999, no Rio de Janeiro. Foi um grande professor e filósofo, especialista no pensamento estoico, Gilles Deleuze e Michel Foucault, e tudo que se relacionasse com esses pensadores, logo, toda a história da filosofia. Dominava inúmeros campos da ciência e da arte, e teve como alunos grandes cientistas, músicos, escritores, atores, filósofos, professores etc. Foi meu mestre de filosofia. Suas aulas são coligidas e transcritas (podem ser lidas no seu site, bem como muitas podem ser ouvidas e vistas), e há várias propostas de organizar livros com elas (eu mesmo pensei nisso e comecei a fazê-lo). Suas teses são:

ULPIANO, Cláudio. *Do saber em Platão e do sentido nos estoicos como reversão do platonismo*. Dissertação apresentada ao Departamento de Filosofia por Cláudio Ulpiano Santos Nogueira Itagiba, como requisito à obtenção do Grau de Mestre em Filosofia. Orientador: Professora Dra. Creusa Capalbo. UFRJ, IFCS, 1983.

______. *O pensamento de Deleuze ou a grande aventura do espírito*. Tese de

Doutorado apresentada ao Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Benedito Lacerda Orlandi, Unicamp, 1998.
______. *Gilles Deleuze: a grande aventura do pensamento*. Rio de Janeiro: Funemac Livros, 2013.
O dois textos podem ser encontrados na internet. A mudança do título feita por outras pessoas, para a edição da tese no formato livro, me parece descaracterizar o sentido do título do texto original.
V. tb:
O site do Centro de Estudos Cláudio Ulpiano:
http://www.claudioulpiano.org.br/
Sobre ele escrevi e publiquei:
COLCHETE, Eliane e MORAIS JUNIOR, Luis Carlos de. *O portal do terceiro milênio*. Rio de Janeiro: Quártica, 2011, p. 280-284.
MORAIS JUNIOR, Luis Carlos de. "A aula: o afeto", in CHRIST, Isabelle, QUEIROZ, André e BRUNO, Mario (org.). *Pensar de outra maneira a partir de Cláudio Ulpiano*. Rio de Janeiro: Pazulin, 2007, p. 145-148.)
[54] LAYCOCK, Donald C. *The Complete Enochian Dictionary*; a Dictionary of the Angelic Language as Revealed to Dr. John Dee and Edward Kelley. San Francisco: Weiser Books, 2001.
HÅKANSSON, Håkan. *Seeing the Word*; John Dee and renaissance Occultism. Västerhaninge: Lunds Universitet, 2001.
SKINNER, Stephen; RANKINE, David. *The Practical Angel Magic of John Dee's Enochian Tables. Bonorum Angelorum Invocationes*. Singapore: Golden Hoard Press, 2006.
[55] Alfabeto hebraico, disponível em: http://www.deldebbio.com.br/2010/03/22/o-alfabeto-hebraico/, acesso: 22/08/2013.
[56] A mesma aula, mais um excerto.
[57] DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 231.
ULPIANO, Cláudio. *O pensamento de Deleuze ou a grande aventura do espírito*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Benedito Lacerda Orlandi, Unicamp, 1998, p. 13 e 14.
[58] Ver *The Strange Life of Nikola Tesla*. Ontario: John Roland Hans Penner, 1995.
SWARTZ, Tim. *The Lost Journals of Nikola Tesla*. Edição eletrônica.
ŠPOLJARIĆ, Stjepan. *Ruđer Bošković in the Diplomatic Service of the Dubrovnik Republic*. (Edição bilíngue Inglês e Croata). Zagreb: Diplomatic Academy, Ministry of Foreign Affairs and European Integration of the Republic of Croatia, 2011.
BOSCOVICH, Rogerio Josepho. *Theoria Philosophiae Naturalis redacta ad unicam legem virium in natura existentium*. Viena: Augustinum Bernardi, Universitatis Bibliopolam,1759. Venecia: Typographia Remondiana, 1763.
BOSCOVICH, Roger Joseph. *A Theory of Natural Philosophy*. Latin-English edition from the texto f the first venetian edition published under the personal superintendence of the author in 1763. Trad. J. M. Child.Chicago, London: Open Court Publishing Company, 1922.
[59] "Três histórias para servirem de exemplo: III – Boscovitch (História de um

cientista de amanhã que vivia em 1750)", in PAUWELS, Louis; BERGIER, Jacques. *O Despertar dos Mágicos*; introdução ao Realismo Fantástico. 7 ed. Trad. Gina de Freitas. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971, p. 406-409, adaptado.

[60] PRADO, José Luís da Silva. *O conceito cosmológico SHAKER*. Apresentação, estabelecimento de texto e notas: Luís Carlos de Morais Junior. Rio de Janeiro: inédito. Escrito em 1987.

[61] Idem, ibidem.

[62] Idem, ibidem.

[63] Idem, ibidem.

[64] Joseph Köningstein Wiese (em alemão, *Königs* = real, relativo à realeza, *Stein* = *pedra*, *Wiese* = sábio; também aparece como Joseph Klugermann Wiese, *Kluger* = *inteligente*, *Mann* = *homem*) é a *persona científica* de Prado, seu alterego, ou seu pseudônimo.

[65] Idem, ibidem.

[66] CAPRA, Fritjof. *O Tao da Física*. Trad. José Fernandes Dias. São Paulo, Cultrix, /s.d./.

[67] Idem, ibidem.

[68] Princípio da incerteza de Heisenberg, disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Princ%C3%ADpio_da_incerteza_de_Heisenberg, acesso: 22/08/2013.

[69] Disponível em http://www.soq.com.br/conteudos/em/modelosatomicos/p7.php, acesso: 22/08/2013.

[70] Idem, ibidem.

[71] Em suas estranhas fórmulas Prado dá uma enorme importância a esse elemento K. Lembramo-nos que Gilles DELEUZE e Félix GUATTARI publicaram *Kafka - pour une littérature mineure*. Paris: Minuit, 1975, em que explicam a revolução de Kafka pelo que eles designam de "função K" e o Kaos com k como uma vibração superior de consciência em Jorge Mautner, *Fragmentos de Sabonete e Outros Fragmentos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995, Quinto Fragmento, pp. 116-117.

[72] PRADO, José Luís da Silva. *O conceito cosmológico SHAKER*. Rio de Janeiro: inédito.

[73] Idem, ibidem.

[74] Prado escreve num estilo "profético" que é difícil de acompanhar e até de estabelecer, já que pontua indiferentemente com pontos entre suas letras de forma, sem definir bem as frases. Além disso engole sílabas e nem sempre obedece à ortografia e à concordância. Tentei aqui fazer as correções necessárias procurando não alterar o sentido do texto original.

[75] PRADO, José Luís da Silva. *O conceito cosmológico SHAKER*. Rio de Janeiro: inédito.

[76] Provavelmente, 0,001 mm.

[77] PRADO, José Luís da Silva. *O conceito cosmológico SHAKER*. Rio de Janeiro: inédito.

[78] Frequência SHAKER. Também é uma auto-referência, ao seu pseudônimo Köningstein.

[79] PRADO, José Luís da Silva. *O conceito cosmológico SHAKER*. Rio de Janeiro: inédito.

[80] Idem, ibidem.
[81] OLSON, Aaity (scribe). *Alchemical Manual for this Millennium*. Vol. 1. Marshal: The Starfield Foundation, 2002.
[82] *A Alquimia da Ascensão*; a evolução e elevação da alma. Mensagens de Metatron, canalizadas por James Tyberonn. Trad. Ana Paula Doherty. São Paulo: Rai, 2011.
[83] CAREY, Ken. *A Estrela-Semente*; a Vida no Terceiro Milênio. 10 ed. Trad. Lizah Verdier. São Paulo: Cultrix, 1995.
______. *O Retorno das Tribos-Pássaros*. Trad. Lizah Verdier. 10 ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
[84] As duas aparecem como faces da mesma ciência, entre outras.
[85] PRADO, José Luís da Silva. *O conceito cosmológico SHAKER*. Rio de Janeiro: inédito.
[86] Idem, ibidem.
[87] BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1980, passim.
[88] RESSETTI, R. Roney. *A Alquimia*. Edição eletrônica, p. 9.
[89] Mateus 5:14-15, Marcos 4:21-25 e Lucas 8: 16-18.
[90] "The influential 'Golden Chain of Homer', written or edited by Anton Josef Kirchweger, was first issued at Frankfurt and Leipzig in four German editions in 1723, 1728, 1738 and 1757. A Latin version was issued at Frankfurt in 1762, and further German editions followed.", in http://www.levity.com/alchemy/catena1.html, acesso: 07/09/2013.
O Grande Tratado de Alquimia. (*Aurea Catena Homeri*). Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
Aurea Catena Homeri (La Nature Dévoilée). Traduction de l'original allemand de 1723 par Monsieur Dufournel édité pour la première fois en 1772 (chez Edmie, Libraire, rue Saint-Jean-Beauvais). Paris: Editions Dervy, 1993.
[91] OMHPOY. Ἰλιάς. Ed. D. B. Monro and T. W. Allen. Oxford, 1920, p. 122.
[92] HOMERO. *Ilíada*. Trad. Odorico Mendes. Clássicos de Jackson, volume XXI. São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre: Jackson, 1950, p. 129-130.
[93] Escrevemos juntos este poema, na combinação de um dia escrevermos todo um livro de Alquimia em parceria. No Anexo A deste, eu ofereço a leitura da sua tradução, na íntegra, de *O livro das XXII folhinhas herméticas* por Kerdanek de Pornic discípulo de Don Pernety, 1763, edição fac-símile de Phoenix, 1981, cujas pranchas originais também podemos ver, aqui.
[94] MEISHU-SAMA. *Alicerce do Paraíso*. Ensinamentos de Meishu-Sama (Mokiti Okada). 5 v. 5 ed. São Paulo: Fundação Mokiti Okada, 2007.
[95] DELEUZE, Gilles. *Spinoza et le Problème de l'Expression*. Deuxième partie : « Le Parallélisme et l'Imamnence ».Chapitre VI : « L'expression dans le parallelisme ». Paris: Minuit, 1968, p. 87 e ss.
[96] DERRIDA, Jacques. *A Farmácia de Platão*. 3 ed. Trad. Rogério Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005.
[97] BRODSKY, Greg. *Do Jardim do Éden à Era de Aquarius*; O Livro da Cura Natural. 4 ed, 2 reimpr. Trad. Mamede de Souza Freitas. São Paulo : Ground, 1987.
GOULART, Luiz. *Átomo Vital*; à Luz da Auto-Realização Consciente no Homem e em a Natureza. Rio de Janeiro: Atlântida, 1977.
ROCAR, Joal. *A Natureza, o Homem e a Saúde*; viva vem com a vida que você tem.

Rio de Janeiro: Edição do autor, /s.d./.
ZULMA, Reyo. *Alquimia Interior*. 2 ed. Trad. Silvia Branco Sarzana. São Paulo: Ground, 1989.
MECHI. *Kolaimni*. 9 ed. Trad. Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Pensamento, 1999.
PIERRAKOS, John C. *Energética da Essência (Core Energetics)*. 10 ed. Trad. Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Pensamento, 1997.
Ver também: HOFFMANN, David. *Elementos do Herbalismo*. Trad. Maria Alda Xavier Leôncio. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1993.
[98] OKAWA, Ryuho. *Curando a Si Mesmo*; a verdadeira relação entre o Corpo e o Espírito. /s t./. São Paulo: Cultrix, 2010.
[99] Conferir o site http://www.ovendedordelivros.com.br/2010/06/o-escritor-que-mais-publicou-livros-no.html, acesso: 25/08/2013.
[100] Ver:
Chymiae aurifodina incomparabilis quam recludit praeludium prosimetricum magicarum noctium sortes Sibyllinae chymicae vanni granatum erutum authoribus immortalibus adeptis : cui subjungitur Commentatio de pharmaco catholico. Lugduni Batavorum: Sumptibus Autoris, 1696.
MONTE-SNYDER, Joh de. *Commentatio de pharmaco catholico; quomodo nimirum istud in tribus illis naturae Regnis, Mineralium, Animalium ac Vegetabilium, reperiendum atque exinde consiciendum, per excellentissimum Universale Menstruum, vi pollens recludenti occludentiduqe, tum metallum quodlitbet, in primam fui materiam, reducente. Insuper Qualiter per idipsum (supple Menstruum) alias fixum illud indestructibile aurum, redigendum sit in verum & inculpatum Aurum Potabile, quod nullo se imposterum artis stratagemate, in solidum interum aureum corpus patitur reduci*. Amstelodami: apud Elizeum Weyerstraten, 1678
[101] ELLIOT, Rose. *A Cozinha Vegetaria para Todos*; mais de 550 receitas de dar água na boca. Trad. Bruno Fiúza. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
FRAZÃO, Márcia, *A Cozinha da Bruxa*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1993.
[102] BEN, Jorge. "Para que digladiar", in *Bem-Vinda Amizade*, lp Som Livre, 1981.
[103] KEHREIN, Joseph (herausgegeben von). *Lateinische Sequenzen des Mittelalters*; aus Handschriften und Drucken. Mainz: Druck und Verlag von Florian Kupferberg, 1873, 404. De sancto Ioanne Ev. (Auctor est Adam de S. Victore.), p. 289. Tradução minha e de Leonardo Perin.
Esse livro completo pode ser encontrado no Arquive.org no endereço http://archive.org/stream/lateinischesequ00kehrgoog/lateinischesequ00kehrgoog_djvu.txt.
Ver também :
ATWOOD, Mary Anne. *Hermetic Philosophy & Alchemy: a Suggestive Inquiry into the Hermetic Mystery*. Revised Edition, with an Introduction by Walter L. Wilmhurst. Library of Congress. New York: Julian Press, 1960. Sua nota a esta citação reza: "See Alexander Beauvais in Speculo Naturali".
[104] MORAIS JUNIOR, Luis Carlos de. *Natureza Viva*. Rio de Janeiro: Quártica, 2012, p. 55.
[105] PARACELSO. *A Chave da Alquimia*. Trad. Antonio Carlos Braga. Rio de Janeiro: Editora Três, 1973, importantíssimo.
[106] ALBERTUS, Frater. *Guia Prático de Alquimia*. Trad Mário Muniz Ferreira. São

Paulo: Pensamento, 1989.
BARTLETT, Robert Allen. *Real Alchemy*; a Primer of Practical Alchemy. Quinquangle Press, 2006.
[107] BONUS, Petrus Ferrara. *The New Pearl of Great Price [Pretiosa Margarita Novella]*; a treatise concerning the treasure and most precious stone of the Philosophers, of the method and procedure of this divine art with observations drawn from the works of Arnoldus, Raymondus, Rhasis, Albertus, and Michael Scotus, first published by Janus Lacinius, tha Calabriax, with a copious index. London: James Elliott and Co., Temple Chambers, Falcon Court, Fleet Street, E. C., 1894, p. 373.
[108] FULCANELLI. *Las Moradas Filosofales*. Barcelona: Plaza & Janés, 2000, p. 108.
[109] "Cadinho ou Crisol é um recipiente em forma de pote, normalmente com características refractárias, resistente a temperaturas elevadas, onde se fundem materiais à altas temperaturas. O ourives e o alquimistas usam-no há muitos séculos para purificar o ouro, daí ter também significado figurado.
É hoje aplicado em análises gravimétricas e, tal como antes, em fundição de substâncias como ligas metálicas.
Pode ser fabricado em vários materiais, refractários ou não, metálicos como ferro, chumbo, platina, titânio, cerâmicos como carbeto de silício ou alumina. Há-os fabricados em carbeto de silício carbeto de silício que podem suportar temperaturas da ordem de 2000º C, podendo assim, ser utilizado para fundir ligas ferrosas e, outras substâncias com elevada temperatura de fusão.
A liga, que em fundição será trabalhada, influencia na escolha do material do cadinho pois podem ocorrer reacções que geram gases, fazendo com que uma peça no estado solidificado fique porosa e então torna-se ineficaz". In http://pt.wikipedia.org/wiki/Cadinho
[110] "O Carbeto de silício (SiC, também chamado *carborundum*) é um composto químico de silício e carbono. É mais familiar como um composto sintético largamente usado como abrasivo, mas ocorre também na natureza na forma do mineral muito raro chamado moissanite. Grãos de carbeto de silício podem ser agregados por sinterização, formando uma cerâmica muito dura". In http://pt.wikipedia.org/wiki/Carbeto_de_sil%C3%ADcio
[111] PAUWELS, Louis; BERGIER, Jacques. *O Despertar dos Mágicos*; introdução ao Realismo Fantástico. 7 ed. Trad. Gina de Freitas. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971.
[112] *Finis Gloriae Mundi*. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Pensamento, 2008.
[113] FULCANELLI. *As Moradas dos Filósofos*. Trad. Marcos Malvezzi, da versão inglesa, com as 39 ilustrações originais de Julien Champagne. São Paulo: Madras, 2006, p. 75-95.
FULCANELLI. *As Mansões Filosofais*. Trad. António Last e António Lopes Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1977, p. 103-129.
[114] "Le symbole allégorique ne se recoupe pas avec le symbole chimique et, par exemple, le mercure alchimique n'est pas le mercure chimique. Voici quelques exemples de symboles :

Soufre – Mercure – Sel — Arsenic

Pour l'alchimiste les quatre éléments ne représentent pas des composantes de la matière, en effet l'unicité de la matière est un des principes philosophiques de l'alchimie, mais plutôt des états de cette matière unique se rapprochant plus du concept physique d'état de la matière. Ces quatre éléments sont avec leurs symboles associés:

le Feu △ , Eau ▽ , la Terre 🜃 , l'Air 🜁 .

Pour l'alchimiste les sept métaux étaient liés aux planètes:

- Or dominé par le Soleil ☉ ☼
- Argent dominé par la Lune ☽
- Cuivre dominé par Vénus ♀
- Fer dominé par Mars ♂
- Etain dominé par Jupiter ♃
- Mercure (vif argent) dominé par Mercure ☿

Plomb dominé par Saturne ♄ "

http://fr.wikipedia.org/wiki/Alchimie, acesso em 28/08/2013

[115] "Vítor Manuel Adrião, renomado escritor esotérico português, é consultor de investigação filosófica e histórica, formado em História e Filosofia pela Faculdade de Letras de Lisboa, tendo feito especialização na área medieval pela Universidade de Coimbra. Presidente-Fundador da Comunidade Teúrgica Portuguesa e Director da Revista de Estudos Teúrgicos *Pax*, Adrião é profundo conhecedor da História Medieval do Sagrado, sendo conferencista de diversos temas relacionados ao esoterismo, às religiões oficiais, aos mitos e tradições portuguesas, às Ordens de Kurat (em Sintra) e do Santo Graal, das quais também faz parte". Site Lusophia, disponível em: http://lusophia.portugalis.com/, acesso: 28/08/2013.

[116] ADRIÃO, Vitor Manuel. As 12 Fases da Grande Obra Alquímica, disponível em: http://radeisis.blogspot.com.br/2013/06/as-12-fases-da-grande-obra-alquimica_15.html, acesso: 21/08/2013, adaptei a ortografia.

[117] FULCANELLI. *As Mansões Filosofais*. Trad. António Last e António Lopes Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1977, "A salamandra de Lisieux V", p. 165.

[118] *Alcorão Sagrado*. Trad. Samir El Hayek. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010, A Família de 'Imran, 3ª surata, versículo 184, p. 73.

[119] Sb 19, 18-22, *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição, revista. São Paulo: Paulinas, 1980, p. 1239.

[120] Mt, 13:9, *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição, revista. São Paulo: Paulinas, 1980, p. 1862.

[121] "prana. Centelhas de energia inteligente, mais sutis que as atômicas e que constituem a vida; nos tratados que compõem as escrituras hindus, recebem a designação coletiva de *prana*, traduzido por Paramahansa Yogananda como "vitátrons". Essencialmente, pensamentos condensados de Deus; substância do mundo astral e princípio vital do cosmos físico. No mundo físico, há duas espécies de *prana*: (1) a energia cósmica vibratória, onipresente no universo, que estrutura e mantém todas as coisas; (2) *prana* específico ou energia que permeia e sustenta cada corpo humano por meio de cinco correntes ou funções. A corrente *Pran* executa a função de cristalização; a corrente *Vyan*, de circulação; a corrente *Saman*, de assimilação; a corrente *Udan*, de metabolismo e a corrente *Apan*, de eliminação.
YOGANANDA, Paramahansa. *A Eterna Busca do Homem*. São Paulo: Self-Realization Fellowship, 2012, p. 475.
Ver tb: ______. *Autobiografia de um Iogue*. São Paulo: Self-Realization Fellowship, 2009.

[122] *Princípios de Philalèthe* (1612-1680), versão eletrônica, tradução alternativa, sem indicação de tradutor, no site Virtual Books (http://www.bidvb.com/), disponível em: http://www.bidvb.com:2300/+biblioteca%20dos%20bidvinianos/+artigos%20e%20textos%20diversos/PRINCIPIOS%20DE%20PHILALETHE.txt, acesso em: 07/09/2013, ortografia adaptada ao português do Brasil. Cf. tb: SADOUL, Jacques. *O Tesouro dos Alquimistas*. Trad. Rachel de Andrade. São Paulo: Hemus, /s.d./, p. 38-44.

[123] *The Alchemy Web Site*, Alchemical material in French, Regles du Philalèthe pour se conduire dans l'œuvre hermétique, disponível em : http://www.levity.com/alchemy/regles.html, acesso em : 09/09/2013.

BIBLIOTHECA CHEMICA CURIOSA

ADRIÃO, Vitor Manuel. As 12 Fases da Grande Obra Alquímica, disponível em: http://radeisis.blogspot.com.br/2013/06/as-12-fases-da-grande-obra-alquimica_15.html.

AGRICOLA, Georgius. *De Re Metallica*; translated from the first latin edition of 1556 with Biographical Introduction, Annotations and Appendices upon the Development of Mining Methods, Metallurgical Processes, Geology, Mineralogy & Mining Law from the earliest times to the 16th Century. Trad. Herbert Clark Hoover e Lou Henry Hoover. London: Salisbury House, 1912.

ALBERTUS, Frater. *Guia Prático de Alquimia*. Trad Mário Muniz Ferreira. São Paulo: Pensamento, 1989.

The Alchemy Web Site, de Adam McLean, disponível em http://www.levity.com/alchemy/.

Alcorão Sagrado. Trad. Samir El Hayek. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010.

ALEXANDRIAN. *História da Filosofia Oculta*. Trad. Carlos Jorge Figueiredo Jorge. Lisboa: Edições 70, /s.d./.

"Alguns Alquimistas", Asther Produtora, disponível em http://www.asther.com.br/Alquimia.php?conteudo=25.

A Alquimia da Ascensão; a evolução e elevação da alma. Mensagens de Metatron, canalizadas por James Tyberonn. Trad. Ana Paula Doherty. São Paulo: Rai, 2011.

Alquimia de Rubellus Petrinus, disponível em http://www.tpissarro.com/Alquimia/.

ANDRADE, Mário de. *Poesias Completas*. São Paulo: Martins Fontes, Brasília: MEC, 1972.

ANTHONY, Carol K. *A Filosofia do I Ching*. Trad. Lia Alverga-Wyler. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

______. *O Guia do I Ching*. 3 ed. Trad. Luisa Ibañez. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

L'Antiquité Grecque et Latine du Moyan Âge, site disponível em http://remacle.org/.

Aphorismes D'Urbigerus. Trad. P. S. P. Edição eletrônica.

ARISTÓTELES. *Órganon*. Trad. Edson Bini. 2 ed. Bauru : Edipro, 2010.

______. *Metafísica*. Trad. Edson Bini. Bauru : Edipro, 2006.

______. *Ética a Nicômaco*. 3 ed. Trad. Edson Bini. Bauru : Edipro, 2009.

Aurea Catena Homeri (La Nature Dévoilée). Traduction de l'original allemand de 1723 par Monsieur Dufournel édité pour la première fois en 1772 (chez Edmie, Libraire, rue Saint-Jean-Beauvais). Paris: Editions Dervy, 1993.

'ARABÎ, Ibn. *A Alquimia da Felicidade Perfeita*. Trad. e prefácio Roberto Ahmad Cattani. São Paulo, Landy, 2002.

ATWOOD, Mary Anne. *Hermetic Philosophy & Alchemy: a Suggestive Inquiry into the Hermetic Mystery*. Revised Edition, with an Introduction by Walter L. Wilmhurst. Library of Congress. New York: Julian Press, 1960.

As Aventuras de um Náufrago. Rio de Janeiro: tradução inédita de Leonardo Perin Vichi, 2012.

AZEVEDO, Murillo Nunes de. *A Essência da Alquimia*. 9 ed. São Paulo: Pensamento, 1993.

BACSTRON, Sigmund. *Aphorismes et Processus des Roses-croix*; operis maximi Antiquorum Sapientium, la plus Grande Operation de la Sagesse Antique. Versão eletrônica.

BARBAULT, Armand. *Gold of a Thousand Mornings*. Trad. Robin Camprell. London: Neville Spearman, 1975.

BARBOSA, Domingos Caldas. *Viola de Lereno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1980.

BARTLETT, Robert Allen. *Real Alchemy*; a Primer of Practical Alchemy. Quinquangle Press, 2006.

BATSDORF. *Le Filet d'Ariadne*. Fac símile do original 1695. Alençon: Bailly, 1984.

BECCHER, Johann Joachim Beccher. *Physica subterranea profundam subterraneorum genesi*. Lipsiae: apud Johann Ludov, Gleditschim, anno MDCCIII, escrito em 1667.

BELL, C. A. *Grammar of Colloquial Tibetan*. 3 ed. London: Routledge Curzon, 1996.

BEN, Jorge. *A Tábua de Esmeralda*, lp Philips 1974.

______. *Solta O Pavão*, lp Philips 1975.

______. *Salve Simpatia*, lp Som Livre, 1979.

______. *Bem-Vinda Amizade*, lp Som Livre, 1981.

______. *Dádiva*, lp Som Livre, 1984.

______. *Reactivus Amor Est (Turba Philosophorum)*, lp Warner, 2004. BERTHELOT, M. *Introduction a L'Étude de la Chimie des Anciens et du Moyen Age*. Paris: Georges Steinheil, 1882.

BETTS, Gavin. *Complete Latin*. London: Teach Yourself, 2014.

A Bíblia de Jerusalém. Nova edição, revista. São Paulo: Paulinas, 1980.

Biblia Sacra Vulgata. Editio quinta. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2008.

A Bíblia Sagrada. Trad. João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, /s. d./.

Bibliotheque des Philosophes Chimiques; nouvelle edition, revue, corrigée & augmentée de plusieurs Philosophes, ace des Figures & des Notes pour faciliter l'intelligence de leur Doctrine, par Messieur J. M. D. R. 5 v. Paris: chez André Caicleau, Place de Sorbonne, au coin de la ruë des Maçons, à Saint André, 1741.

BOEHME, Jacob. *A Aurora Nascente*. 3 ed. Trad. Américo Sommerman. Polar : São Paulo, 201.

______. *O Caminho para Cristo*. Edição eletrônica.

BONARDEL, Françoise. *Filosofar pelo Fogo*; antologia de textos Alquímicos. Trad. Idalina Lopes. São Paulo : Madras, 2012.

BONUS, Petrus Ferrara. *The New Pearl of Great Price [Pretiosa Margarita Novella]*; a treatise concerning the treasure and most precious stone of the Philosophers, of the method and procedure of this divine art with observations drawn from the works of Arnoldus, Raymondus, Rhasis, Albertus, and Michael Scotus, first published by Janus Lacinius, tha Calabriax, with a copious index. London: James Elliott and Co., Temple Chambers, Falcon Court, Fleet Street, E. C., 1894.

BOSCOVICH, Rogerio Josepho. *Theoria Philosophiae Naturalis redacta ad unicam legem virium in natura existentium*. Viena:

Augustinum Bernardi, Universitatis Bibliopolam,1759. Venecia: Typographia Remondiana, 1763.

BOSCOVICH, Roger Joseph. *A Theory of Natural Philosophy*. Latin-English edition from the texto f the first venetian edition published under the personal superintendence of the author in 1763. Trad. J. M. Child.Chicago, London: Open Court Publishing Company, 1922.

BRODSKY, Greg. *Do Jardim do Éden à Era de Aquarius*; O Livro da Cura Natural. 4 ed, 2 reimpr. Trad. Mamede de Souza Freitas. São Paulo : Ground, 1987.

CAMBRIEL, L. P. François. *Cours de Philosophie Hermétique ou d'Alchimie*. Paris: Imprimerie de Lacour et Maistrasse, 1843.

CAMPADELLO, Roberto. *I Ching – Steps – O Livro das Mutações – O Jogo da Vida*. 2 ed. São Paulo: Global Ground, 1985.

CAMPOS, Augusto de. *O Anticrítico*. São Paulo: Companhia das Letras 1986.

CANSELIET, Eugène. *La Alquimia Explicada sobre sus Textos Clásicos*. Edição eletrônica: http://pt.scribd.com/doc/36930766/Canseliet-Eugene-La-Alquimia-Explicada.

CAPRA, Fritjof. *O Tao da Física*. Trad. José Fernandes Dias. São Paulo, Cultrix, /s.d./.

CAREY, Ken. *A Estrela-Semente*; a Vida no Terceiro Milênio. 10 ed. Trad. Lizah Verdier. São Paulo: Cultrix, 1995.

______. *O Retorno das Tribos-Pássaros*. Trad. Lizah Verdier. 10 ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

CARLES, Jacques e GRANGER, Michel. *Alquimia Superciência Extraterrestre?* Trad. Hélio Pinheiro Carneiro. Rio de Janeiro: Eldorado, /s.d./.

CASTELLO BRANCO, Anselmo Caetano Munho's de Avreu Gusmão. Ennoea; ou Aplicação do Entendimento sobre a Pedra Filosofal. Apresentação Y. K. Centeno. Lisboa: Fundação Caloustre Gulbenkian, 1987 (edição fac-similar do original). 2 v. Lisboa Ocidental: Nova Officina de Maricio Vicente de Almeida, 1732.

CENTENO, Y. K. *A Alquimia do Amor*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1982.

Circulation Mineure Urbigerienne. London, 1960, transcribed by Joel Tetard.

COELHO, Aristides Pinto. *Energia Nuclear*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1977.

CONFÚCIO. *Os Analectos*. Trad. Giorgio Sinedino. São Paulo: Unesp, 2012.

COLCHETE, Eliane. *Contos do espelho*. Rio de Janeiro: Quártica, 2011.

______. *Contos da musa irada*. Rio de Janeiro: Quártica, 2011.

______. *Filosofia, Ceticismo e Religião – com um estudo sobre Diógenes Laércio*. Rio de Janeiro: Quártica, 2013.

______. *O Pós-moderno: Poder, Linguagem e História*. Rio de Janeiro, Quártica, 2013.

COLCHETE, Eliane Marques e MORAIS JUNIOR, Luis Carlos de. *Y e os Hippies*. Rio de Janeiro: Quártica, 2009.

______ e ______. *O Caminho de Pernambuco*. Rio de Janeiro: Quártica, 2010.

______ e ______. *Crisopeia*. Rio de Janeiro: Quártica, 2010.

______ e ______. *Clone versus Gólem*. Rio de Janeiro: Quártica, 2010.

______ e ______. *O Portal do Terceiro Milênio*. Rio de Janeiro: Quártica, 2011.

______ e ______. *Abobrinhas Requintadas (Exquisite Zucchinis)*. Rio de Janeiro: Litteris, Quártica, 2012.

COULSON, Michael. *Sanskrit*. 10 ed. London: Teach Yourself, 2010.

CHRIST, Isabelle, QUEIROZ, André e BRUNO, Mario (org.). *Pensar de outra maneira a partir de Cláudio Ulpiano*. Rio de Janeiro: Pazulin, 2007.

Chymiae aurifodina incomparabilis quam recludit praeludium prosimetricum magicarum noctium sortes Sibyllinae chymicae vanni granatum erutum authoribus immortalibus adeptis : cui subjungitur Commentatio de pharmaco catholico. Lugduni Batavorum: Sumptibus Autoris, 1696.

DAS, Lama Surya. *O Despertar do Buda Interior*; sabedoria

Tibetana para o Ocidente: oito etapas para a iluminação. Trad. Anna Lobo. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

DATTLER, Frederico. *Gênesis*; texto e comentário. São Paulo: Paulinas, 1984.

DEE, John. *A Mônada Hieroglífica*. Trad. Sandra Guerreiro. São Paulo: Madras, 2004.

DELEUZE, Gilles. *Spinoza et le Problème de l'Expression*. Paris: Minuit, 1968.

DERRIDA, Jacques. *A Farmácia de Platão*. 3 ed. Trad. Rogério Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005.

DOBSON, John H. *Aprenda o Grego do Novo Testamento*. Trad. Lucian Benigno. Rio de Janeiro: Casa Publicadora as Assembleias de Deus, 1994.

DUFF, Jeremy. *The Elements of New Testament*. 3 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

DUHEM, Pierre. *Le Système du Monde*; histoire des doctrines cosmologiques de Platon a Copernic. 5 v. Paris: Librairie Scientifique A. Hermann et Fils, 1913.

ECKARTSHAUSEN, Karl von. *Catéchisme de la chimie supérieure pour prouver l'analogie des vérités de là natgure avec les vérités de la foi par un adorateur de la religion et de la nature dont le nombre humain est 15*. Pour ceus qui sont capables de lumière. Une traduction à partir de caractères magiques. Heliopolis : 1918.

ELIADE, Mircea. *Ferreiros e Alquimistas*. Trad. Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

ELLIOT, Rose. *A Cozinha Vegetaria para Todos*; mais de 550 receitas de dar água na boca. Trad. Bruno Fiúza. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

EMOTO, Masaru. *The Secret Life of Water*. Trad. David A. Thayne. New York, London, Toronto, Sydney: Atria Books, 2005.

EUCLIDES. *Elementos de Geometria*; dos seis primeiros livros do undécimo e do duodécimo da versão latina de Frederico Commandino, adicionados e ilustrados por Roberto Simson. São Paulo: Cultura, 1944.

ÉVOLA, Julius. *A Tradição Hermética*. Trad. Maria Teresa Simões. Lisboa: Edições 70, 1979.

FIGANIÈRE MOURÃO, Frederico Francisco Stuart de. *Submundo, mundo e supramundo*. /s. t./. Rio de Janeiro: Editora Três, 1973.

FIGUIER, Louis. *L'Alchimie et les Alchimistes*; essai historique et critique sur la Philosophie Hermetique. 3 ed. Paris: Librairie de L. Hachette, 1860.

FILALETO, Irineu. *Entrada Aberta ao Palácio Fechado do Rei.* Trad. Márcio Pugliesi. São Paulo: Global/Ground, 1985.

FLAMEL, Nicolas. *O Livro das Figuras Hieroglíficas*. Trad. Luis Carlos Lisboa, Rio de Janeiro, Editora Três, 1973.

FLUDD, Robert. *Philosophical Key*. *Robert Fludd and His Philosophical Key*, being a Transcription of the manuscript at Trinity College, Cambridge, with an Introduction by Allen G. Debus. Science History Publications. New York, Neale Watson, 1979.

FOX, Judy; HUGHES, Karen; TAMPION, John. *I Ching Iluminado*. 9 ed. Trad. Nair Lacerda. São Paulo: Cultrix, 1993.

FRANZ, Marie-Louise von. *Alquimia*. 9 ed. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1993.

FRAZÃO, Márcia, *A Cozinha da Bruxa*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1993.

FULCANELLI. *O Mistério das Catedrais*. Trad. António Carvalho. Lisboa: Edições 70, 1986.

______. *As Mansões Filosofais*. Trad. António Last e António Lopes Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

______. *Las Moradas Filosofales*. Barcelona: Plaza & Janés, 2000.

______. *As Moradas dos Filósofos*. Trad. Marcos Malvezzi, da versão inglesa, com as 39 ilustrações originais de Julien Champagne. São Paulo: Madras, 2006.

______. *Finis Gloriae Mundi*. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Pensamento, 2008.

GEBELEIN, Helmut. *Alquimia*. Trad. Claudia Abeling. São Paulo: Francis, 2007.

GENTILEZA (Marcio José Andrade da Silva Datrino). *Livro Urbano do Profeta Gentileza*. Org. Leonardo Guelman, Mariana Kutassy e Dado Amaral. Rio de Janeiro: Mundo das Ideias, 2011.

GILCHRIST, Cherry. *Elementos de Alquimia*. Trad. Maria Beatriz Penna Vogel. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1993.

GIVRY, Grillot de. *La Gran Obra*; doce meditaciones sobre la vía esotérica al Absoluto. (Original: *La Grand OEuvre, XII meditations sur la voie ésotérique de l'absoltu*). 4 ed. México, Editora y distribuidora Yug, 2001.

GODDARD, David. *The Tower of Alchemy*; and advanced Guide to the Great Work. 10 ed. York Beach: Weiser Books, 2008.

GONÇALVES, Renata Rocha Fernandes. *A Expressão do FOXP2*; uma introdução ao estudo das relações entre genes e linguagem. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul coo requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras – Estudos da Linguagem. Porto Alegre: UFRS, Instituto de Letras, 2006.

GONZAGA, Tomás Antônio. *Marília de Dirceu*. Versão eletrônica, disponível em http://www.dominiopublico.gov.br/

GOULART, Luiz. *Átomo Vital*; à luz da auto-reflexão consciente no homem e em a Natureza. Rio de Janeiro: Atlântida, 1977.

O Grande e o Pequeno Alberto. Trad. Raquel Silva. Lisboa: Edições 70, /s.d./.

O Grande Tratado de Alquimia. (*Aurea Catena Homeri*). Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GRAVELAINE, Joelle de. *Manual Prático de Astrologia*. Lisboa: Edições 70, 1987.

GUILEY, Rosemary Ellen. *The Encyclopedia of Magic and Alchemy*. New York: Facts on File, 2006.

HÅKANSSON, Håkan. *Seeing the Word*; John Dee and renaissance Occultism. Västerhaninge: Lunds Universitet, 2001.

HARPER, William R. *Elements of Hebrew by an Inductive Method.*

New York: Charles Scribner's Sons, 1921 (reimpressão da 6ª edição, de 1885).

HARTZAMRI, Abraham; MORE-HATZAMRI, Shoshana. *Dicionário Português-Hebraico Hebraico-Português*. São Paulo: Sêfer, 2010.

The Hermetic Museum. Restored and Enlarged; Most Faithfully Instructing All Disciples of the Sopho-Spagyric Arte How That Greatest and Truest Medicine of The Philosopher's Stone may be found and held. Now First Done Into English From The Latin Original Published at Frankfort in the Year 1678. Published in London, by Arthur Edmund Wairte, 1893.

The Hermetical Triumph; or the Victorious Philosophal Stone. A Treatise more compleat and more intelligible than any has been yet, concerning The Hermetical Magistery. Translated from the French. To which is added, *The Ancient War of the Knights*. Translated from de German Original. As also, some Annotations upon the most material Points, where the two Translations differ. Done from a German Edition. London: printed and Sold by P. Hanet, at the Sign of the Black-Spread Eagle, near Somerset-House in the Strand, 1723.

A Hermeticall Banquet; drest by Spagiricall Cook: for the better Preservation of the Microcosme. London: printed for Andrew Crooke, and are to be sold at the Green Dragon in S. Pauls Church-yard, 1652.

HESÍODO. *Os Trabalhos e os Dias*. Primeira parte. 3 ed. Trad. Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1996.

HOENEN, Petrus. *Cosmologia*. Editio Quinta Recognita. Roma: apud Aedes Pontificia Universitatis Gregoriana, 1956.

HOFF, Caspar Hartung vom. *O Pequeno Livro sobre a Arte*; tratado de Alquimia do século XVI. Trad. Cristina Diamantino. Lisboa: Edições 70, /s.d./.

HOFFMANN, David. *Elementos do Herbalismo*. Trad. Maria Alda Xavier Leôncio. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1993.

HOMERO. *Ilíada*. Trad. Odorico Mendes. Clássicos de Jackson, volume XXI. São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre: Jackson, 1950

HUNTLEY, Janis. *Elementos da Astrologia*. Trad. Maria Beatriz Penna Vogel. Rio de Janeiro: Ediouro, 1993.

HUTIN, Serge. *A Tradição Alquímica*. Trad. Frederico Ozanam Pessoa de Barros. São Paulo: Pensamento, 1989.

I Ching; o livro das mutações. /s. t./. Rio de Janeiro: REnes, 1972.

JÄSCHKE, H. A. *A Tibetan-English Dictinary*; with special reference to the prevailing dialects, to which is added an English-Tibetan vocabulary. London: Secretary of State for India in Council, 1881.

______. *A Short Practical Grammar of the Tibetan Language*; with special reference to the spoken dialects. Devon: Hardinge Simpole, 2004 (fac-símile e transcrição da edição original em Kye-Lang em Britain Lahoul em manuscrito, em 1865; 2ª ed: London: Trubner , 1883; 3ª ed: Berlin e Leipzig: Waltger de Gruyter, 1929; 4ª ed: New York: Frederick Ungar, 1954)

JUNG, Carl Gustav. *Psicologia e Alquimia*. 4 ed. Trad. Maria Luiza Appy et alii. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

______. *Mysterium Coniunctionis*. Com a colaboração de Marie-Louise von Franz. 5 ed. 3 v. Trad. Frei Valdemar do Amaral. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

He Kainé Diatheke. London: Trinitarian Bible Society, 1994.

KAMALA-JNANA. *Diccionario de Filosofía Alquímica*. Édition Georges Charlet Argentière (Haute-Savoie), 1961.

KEMP, Daren ; LEWIS, James R. (editors). *Handbook of New Age*. Leiden – Boston: Brill, 2007.

KEHREIN, Joseph (herausgegeben von). *Lateinische Sequenzen des Mittelalters*; aus Handschriften und Drucken. Mainz: Druck und Verlag von Florian Kupferberg, 1873.

KERR, Guilherme. *Gramática elementar da língua hebraica*. 3 ed. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações JUERP, 1980.

KHUNRATH, Heinrich. *Amphitheatrum Sapientiae Aeternae*. Leipzig, 1604. Versão eletrônica.

KIRST, Nelson *et alii*. *Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Portugu~es*. 21 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

KOHN, Livia; WANG, Robin (edited by). *Internal Alchemy*. Magdalena: Three Pine Press, 2009.

KRIYANANDA, Swami (evocada por); YOGANANDA, Paramhansa (explicada por). *A Essência do Bhagavad Gita*. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Pensamento, 2007.

______. *O Bhagavad Gita*. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Pensamento, 2010.

LAMBSBRINCK. *Tratado da Pedra Filosofal*. Trad. Maria José Pinto. Lisboa, Edições 70, 1977.

LAYCOCK, Donald C. *The Complete Enochian Dictionary*; a Dictionary of the Angelic Language as Revealed to Dr. John Dee and Edward Kelley. San Francisco: Weiser Books, 2001.

LEADBEATER, C. W. *O Plano Astral*. Trad. Mário de Alemquer. São Paulo : Pensamento, /s. d./.

______. *Os Mestres da Senda*. Trad. Joaquim Gervásio de Figueiredo. São Paulo : Pensamento, 1995.

______. *Auxiliares Invisíveis*. /s. t./ São Paulo : Pensamento, /s. d./.

LEFEVRE, Nicolas. *Cour de Chimie pour servir d'introduction à cette Science*. 5 v. 5 ed. Paris: chez Jean-Noël Leloup, Quay des Augustins, à la descente du Pont Saint Michel, à Saint Jean Chrysostome, 1751.

LEGGE, James. *I Ching*; o livro das mutações. 18 ed. Supervisão: Torrieri Guimarães. Coordenação editorial: Maxim Behar. São Paulo: Hemus, 2004.

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. *Novos Ensaios sobre o Entendimento Humano*. Trad. Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

LENNEP, Jacques van. *Alchimie*. Bruxelles: Crédit Communal de Belgique, 1985.

LÉVI, Éliphas. *História da Magia*. Trad. Rosabis Camaysar. São Paulo: Pensamento, 2010.

LIANG, Zhuge. *Shen Shu*; Oráculo de Moedas e Livro de Sabedoria da China Antiga. 10 ed. Trad. Flávio Quintiliano. São Paulo: Pensamento, 2010.

O Livro das XXII folhinhas herméticas; por Kerdanek de Pornic discípulo de Don Pernety, 1763. Rio de Janeiro: tradução inédita de Leonardo Perin Vichi, 2012.

LOBÃO; TOGNOLLI, Claudio. *Cinquenta Anos a Mil.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

LOVE, Arion. *Alchemy the Science of Enlightenment*. Edição eletrônica, 2007.

LÚLIO, Raimundo. *O Livro do Gentio e dos Três Sábios*. Trad. Esteve Jaulent. Petrópolis: Vozes, 2001

Lusophia, disponível em: http://lusophia.portugalis.com/.

MANGETI, Iacobi. *Bibliotheca Chemica Curiosa*; seu rerum ad alchemiam pertinentium thesaurus instructissimus: quo non tantum Artis Auriferæ, ac scriptorum in ea nobiliorum historia traditur; lapidis veritas argumentis & experimentis innumeris, immo & juris consultorum judiciis evincitur; termini obscuriores explicantur; cautiones contra impostores, & difficultates in tinctura universali conficienda occurrentes, declarantur: Verum etiam tractatus omnes virorum celebriorum, qui in magno sudarunt elixyre, quique ab ipso Hermete, ut dicitur, Trismegisto, ad nostra usque tempora de Chrysopoæ scripserunt, cum præcipuis suis commentariis, concinno ordine dispositi exhibentur. Ad quorum omnium illustrationem additæ sunt quamplurimæ figuræ æneæ. 2 v. Genevae: Sumptibus Chouet, G. de Tournes, Cramer, Parachon, Ritter, & de Tournes, 1702.

______. *Bibliotheca Pharmaceutico-Medica*; Seu Rerum ad Pharmaciam Galenico-Chymicam spectantium Thesaurus Refertissimus: In quo, Ordine Alphabetico non Omnis tantum Materia Medica Historice, Physice, Chymice ac Anatomice explicata; sed & Celebriores quaeque Compositiones, Tum Ex Omnibus Dispensatoriis Pharmaceuticis, variis hactenus Linguis in lucem editis, tum e melioris notae Scriptoribus Practicis excerptae: cum indicibus et figuris Aeneis necessareiis. 2 v. Coloniae: Sumptibus Chouet, G. de Tournes, Cramer, Parachon, Ritter, & de Tournes, 1703.

MARTIN, Sean. *Alchemy and Alchemists*. Harpenden: Pocket Essencials, 2006.

MARTINEAU, Mathrin Eyquem. *O Piloto da Onda Viva*. Trad. Maria José Pinto. Lisboa, Edições 70, 1977.

MAUTNER, Jorge. *Fundamentos do Kaos*. São Paulo: Ched Nova Stella, 1985.

MÁXIMO, João & DIDIER, Carlos. *Noel Rosa:* uma biografia. Brasília: UnB/Linha Gráfica, 1990.

MECCHI. *Kolaimni*; a Cura pela Luz. Livro I: Princípios Gerais, e livro II: Guia prático. 9 ed. Trad. Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Pensamento, 1999.

MEISHU-SAMA. *Alicerce do Paraíso*. Ensinamentos de Meishu-Sama (Mokiti Okada). 5 v. 5 ed. São Paulo: Fundação Mokiti Okada, 2007.

MILLER, James. *Daoism*. Oxford: Oneworld, 2008.

MOORE, Robert; GILLETE, Douglas. *Rei Guerreiro Mago Amante*; redescoberta dos arquétipos do masculino. /s. t./ São Paulo: Campus, /s. d./.

MORAIS JUNIOR, Luis Carlos de. *Proteu ou a Arte das Transmutações*; leituras, audições e visões da obra de Jorge Mautner. Rio de Janeiro: HP Comunicação, 2004.

______. *Larápio*. Rio de Janeiro: Kroart, 2004.

______. *Crisólogo:* o estudante de poesia Caetano Veloso. Rio de Janeiro: HP Comunicação, 2004.

______. *Pindorama*. Rio de Janeiro: Kroart, 2004.

______. *O Olho do Ciclope e os Novos Antropófagos:* antropofagia cinematótica na literatura brasileira. Rio de Janeiro: Quártica, 2009.

______. *O Estudante do Coração*. Rio de Janeiro: Quártica, 2010.

______. *O Meteorito dos Homens Ab e Surdos*. Rio de Janeiro: Quártica, 2011.

______. *O Sol Nasceu pra Todos – A História Secreta do Samba*. Rio de Janeiro: Litteris, 2011.

______. *Proteu ou: A Arte das Transmutações – Leituras, Audições e Visões da Obra de Jorge Mautner*. 2 ed, revista e ampliada. Contém 10 entrevistas inéditas com Jorge Mautner. Rio de Janeiro: Litteris, 2011.

______. *Gigante*. Rio de Janeiro: Quártica, 2012.

______. *Natureza Viva*. Rio de Janeiro: Quártica, 2012.

______. *Eu Sou o Quinto Beatle*. Rio de Janeiro: Quártica, 2012.

______. *Carlos Castaneda e a Fresta entre os Mundos – Vislumbres da Filosofia Ānahuacah no Século XXI*. Rio de Janeiro: Litteris, 2012.

______. *O Homem Secreto*. Rio de Janeiro: Quártica, 2013.

______. *O Estudante do Coração*; ensaios sobre arte pós-moderna. 2 ed; revista e ampliada. Rio de Janeiro: Litteris, 2013.

______; MEDEIROS, Marcus Vinicius. *Metaneurônios atomizados*. Rio de Janeiro: t mais 8, 2008.

______; CAMPOS, Cid; CARVALHO, Claudio. *Rocambole de carne à Copacabana*. Rio de Janeiro: Litteris, 2013.

______; CARVALHO, Carlos Hilton Cruz. *Os que ouvem mais que nós*. Rio de Janeiro: Litteris, 2013.

MONTE-SNYDER, Joh de. *Commentatio de pharmaco catholico; quomodo nimirum istud in tribus illis naturae Regnis, Mineralium, Animalium ac Vegetabilium, reperiendum atque exinde consiciendum, per excellentissimum Universale Menstruum, vi pollens recludenti occludentiduqe, tum metallum quodlitbet, in primam fui materiam, reducente. Insuper Qualiter per idipsum (supple Menstruum) alias fixum illud indestructibile aurum, redigendum sit in verum & inculpatum Aurum Potabile, quod nullo se imposterum artis stratagemate, in solidum interum aureum corpus patitur reduci*. Amstelodami: apud Elizeum Weyerstraten, 1678

MOZART; DA PONTE; BEAUMARCHAIS. *As Bodas de Fígaro*; o libreto e a peça. Trad. Sergio Flaksman e Antonio Monteiro Guimarães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

MURACHCO, Henrique. *Língua Grega*; visão semântica, lógica, orgânica e funcional. 2 v. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

Mutus Liber. O Livro Mudo da Alquimia; ensaio introdutório, comentários e notas José Jorge de Carvalho. São Paulo: Attar Editorial, 1995.

MYLII, Joannis Danielis. *Anatomia Auri sive Tyrocinium Medico-Chymicum*. Francofurti: Sumptibus Lucae Iennisi Bibliop, 1628.

NEMA. *Maat Magick*. York Beach: Samuel Weiser, 1995.

NETTLETON, Stuart. *The Alchemy Key*; unraveling the single tangible secret in all mysteries. 11 ed. Sydney: edição do autor, 2002.

The New Pearl of Great Price; a treatise concerning the treasure and most precious stone of the Philosophers. Paris: James Elliot and Co, 1894.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Assim Falou Zaratustra*; um livro para todos e para ninguém. 4 ed. Trad. Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

______. *Vontade de Potência*. Trad. Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2011.

NOGUEIRA, Salvador. "Físicos veem novos indícios de que o Universo pode ser cíclico", in Folha de São Paulo, disponível em http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2013/08/1328423-fisicos-veem-novos-indicios-de-que-o-universo-e-ciclico.shtml.

OKAWA, Ryuho. *Curando a Si Mesmo*; a verdadeira relação entre o Corpo e o Espírito. /s t./. São Paulo: Cultrix, 2010.

OLSON, Aaity (scribe). *Alchemical Manual for this Millennium*. Vol. 1. Marshal: The Starfield Foundation, 2002.

OSHO. *A Nova Alquimia*. Trad. Rubes Rushe e Edson Santana. São Paulo: Cultrix, 2007.

OVÍDIO. *Metamorfoses*. Trad. Vera Lucia Leitão Magyar. São Paulo: Madras, 2003.

PARACELSO. *A Chave da Alquimia*. Trad. Antonio Carlos Braga. Rio de Janeiro: Editora Três, 1973.

PANTHEUS, Ioanne Augustino. *Voarchadumia contra Alchimia ars distincta ab archimia et sophia: cum additionibus, proportionibus numeris, & figuris opportunis*. Paris: Veneunt apud Viventium Gaultherot, via ad Diuum Jacobum, sub signo D. Martini, 1550.

______. *Ars et Theoria Transmutationis Mettalicae cum Voarchadumia, proportionibus, numeris, & inconibus rei accommodis illustrata*. Paris: Veneunt apud Viventium Gaultherot, via ad Diuum Jacobum, sub signo D. Martini, 1566.

PAUWELS, Louis; BERGIER, Jacques. *O Despertar dos Mágicos*;

introdução ao Realismo Fantástico. 7 ed. Trad. Gina de Freitas. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971.

PERNETY, Dom Antoine-Joseph. *A Treatise on the Great Art*; a system of physics according to Hermetic Philosophy and theory and practice of the magisterium. Flaming Sword Productions, 1997.

______. *Les Fables Égyptiennes et Grecques*. 2 v. Paris: chez Delalain l'aîné, Libraire, 1786.

PHANEG, G. *Ciquante Merveilleux Secrets d'Alchimie*. Paris: Libraire Generale des Sciences Occultes, Bibliotheque Chacornac, 1912.

PIERRAKOS, John C. *A Energética da Essência*; desenvolvendo a capacidade de amar e de curar. 10 ed. Trad. Carlos A. L. Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Pensamento, 1997.

Pistis-Sophia; O Livro Sagrado dos Gnósticos do Egito. Trad. Vera Mourão. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

PLACE, Robert M. *Mysteries, Legends, and Unexplained Phenomena – Magic and Alchemy*. New York: Chelsea House, 2009.

PLATÃO. *Timeu e Crítias ou a Atlântida*. Trad. Norberto de Paula Lima. São Paulo: Hemus, 1981.

______. *Diálogos*. 7 v. Trad. Edson Bini. Bauru: Edipro, 2007.

PLOTINO. *Tratados das Enéadas*. Trad. Américo Sommerman. São Paulo: Polar, 2002.

PLOTINUS. *The Six Enneads*. Trad. Stephen MacKenna and B. S. Page. London: William Benton, Publisher, Encyclopaedia Britannica, 1952.

POISSON, Albert. *Theories et Symboles des Alchimistes Le Grande Oeuvre*. Paris: Bibliotheque Chacornac, 1891.

PRADO, José Luís da Silva. *O Conceito Cosmológico SHAKER*. Apresentação, estabelecimento de texto e notas: Luís Carlos de Morais Junior. Rio de Janeiro: inédito.

Pretiosissimum Donum Dei. Atribuído a Georges Aurach d'Argentine, 1475. Edição eletrônica.

PROPHET, Mark L.; PROPHET, Elizabeth Clare (transcrição). *A Alquimia de Saint Germain*. 2 ed. Trad. Terezinha Batista dos Santos. Rio de Janeiro: Record, 1996.

READ, John. *From Alchemy to Chemestry*. New York: Dover Publications, 1995.

RESSETTI, R. Roney. *A Alquimia*. Edição eletrônica.

ROCAR, Joal. *As Verdadeiras Causas do Holocausto da Natureza*. Rio de Janeiro: Edição do autor, /s. d./.

______. *Viva Bem com a Vida que Você tem*. Rio de Janeiro: Edição do autor, /s. d./.

BOSCOVICH, Rogerio Josepho. *Theoria Philosophiae Naturalis redacta ad unicam legem virium in natura existentium*. Viena: Augustinum Bernardi, Universitatis Bibliopolam,1759.Venecia: Typographia Remondiana, 1763.

ROLA, Stanislas Klossowski de. *Alquimia*. Madri: Prado,1996.

ROOB, Alexander. *O Museu Hermético: Alquimia & Misticismo*. Trad. Teresa Curvelo. Köln: Taschen, 2001.

SABBAGH, Alphonse Nagib. *Dicionário Árabe-Português*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Almádena, 2011.

SADOUL, Jacques. *O Tesouro dos Alquimistas*. Trad. Rachel de Andrade. São Paulo: Hemus, /s.d./. O original é: *Le Trésor des Alchmistes*. Paris: J'ai Lu, 1970.

SAINT-GERMAIN, Comte de. *La Très Sainte Trinosophie*. A parallel French and English text of *The Most Holy Trinosophia*; with indroductory material and commentary by Manly Hall, illustrated with the figures from the original manuscript in the Bibliothèque de Troyes. Los Angeles: The Phoenix Press, 1933.

______. *A Santíssima Trinosofia*. Trad. Maurício Toledo Pisa. São Paulo: Mercuryo, 2003.

SAINT THOMAS D'AQUIN. *Traité de La Pierre Philosophale suivi du traité sur L'Art de L'Alchimie*; traduit du Latin pour la première fois, introduction et notes inedites par Grillot de Givry. Paris: Archè – Sebastiani, 1979.

Segredos dos Alquimistas. Mistérios do Desconhecido. Editores de Time-Life Livros. Rio de Janeiro: Abril, 1996.n m

SHARPLEY, G. D. S. *Begginer's Latin*. London: Teach Yourself, 2010.

SILVA, Joaquim Noberto de Souza e. *Dirceu de Marília*. Liras

Atribuídas a Senhora DMJD de S (Natural de Vila Rica). Brasília: Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro, versão eletrônica, disponível em http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/dirceu_de_marilia.pdf. O autor (ou compilador) assina data o prefácio em Niterói, agosto de 1845.

SINESIUS, Abbe Grec. *Le Vrai Livre*; tiré de la Bibliothéque de l'Empereur. Versão eletrônica.

SKINNER, Stephen. *The Complete Magician's Tables*. Singapore: Golden Hoard Press, 2006.

______; RANKINE, David. *The Practical Angel Magic of John Dee's Enochian Tables. Bonorum Angelorum Invocationes*. Singapore: Golden Hoard Press, 2006.

O som do pasquim. Rio de Janeiro: Codecri, 1976.

The Strange Life of Nikola Tesla. Ontario: John Roland Hans Penner, 1995.

STRONG, James. *Dicionário Bíblico*; nova concordância exaustiva da Bíblia. 2 v. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

SWARTZ, Tim. *The Lost Journals of Nikola Tesla*. Edição eletrônica.

ŠPOLJARIĆ, Stjepan. *Ruđer Bošković in the Diplomatic Service of the Dubrovnik Republic*. (Edição bilíngue Inglês e Croata). Zagreb: Diplomatic Academy, Ministry of Foreign Affairs and European Integration of the Republic of Croatia, 2011.

TELMO, António. *História Secreta de Portugal*. Lisboa: Vega, 1977.

Theatrum Chemicum Britannicum; containing Several Poetical Pieces of our Famous English Philosophers, who have written the Hermetique Mysteries in their owne Ancient Language, Faithfully Collected into one Volume, with Annotations thereon, by Elias Ashmole, Esq. London: printed by J. Grismond for Nath: Brooke, at the Angel in cornhill, 1752.

TOUSSAINT, Alexandre. (Limojon de St. DIDIER). *The Hermetic Triumph*. Amsterdam: chez Henry Wetstein, 1689.

TRÊS INICIADOS. *O Caibalion: Estudo da Filosofia Hermética do Antigo Egito e da Grécia*. Trad. Rosabis Camaysar. São Paulo: Pensamento, 1997.

TRESOLDI, Roberto. *Alchimia*; storia, procedimenti, segreti alla ricerca dela Pietra Filosofale. Firenze : Giunti Editore, 2011.

Le Tresor Philosophique de la Médecine Métalique; traduit d'Italien en Français, par le révérend père Gabriel de Castaigne, docteur en Théologie, Conseiller & Aumônier du Roi : & Conventuel d 'Avignon. Versão eletrônica.

TRISMÉGISTE, Hermès. *Traduction Complète*; précédé d'une étude sur l'origine des Livres Hermétiques, par Louis Ménard Docteur des Lettres, Ouvrage Couronné par L'Institut (Académie des Inscriptions et Belles-Lettres). 2 ed. Paris: Librairie Académique, Didier et Ce, Libraires-Éditeurs, 1867.

TRISMEGISTOS, Hermes. *Corpus Hermeticum*. Trad. Márcio Pugliesi e Norberto de Paula Lima. São Paulo: Hemus, 1978.

______. *Ensinamentos Herméticos*. Coord. e supervisão Charles Veja Parucker. Paraná, Ordem Rosacruz, AMORC, 1990.

TRISMOSIN, Solomon. *Splendor Solis*. London: Kegan Paul, Trench, Trubner & CO., LTD., 1582.

Turba Philosophorum – Assembleia de Filósofos. Rio de Janeiro: tradução inédita de Leonardo Perin Vichi, 2012.

The Turba Philosophorum; or Assembly of the Sages, called also the book of the truth in the art and the third Pythagorical synod, an ancient alchemical treatise translated from the Latin, the chief readings of the shorter codex, parallels from the Greek alchemists, and explanations of obscure terms, by Arthur Edward Waite, translator of "The Hermetic and Alchemical Writings of Paracelsus". London: George Redway, 1896.

ULPIANO, Cláudio. *Do saber em Platão e do sentido nos estoicos como reversão do platonismo*. Dissertação apresentada ao Departamento de Filosofia por Cláudio Ulpiano Santos Nogueira Itagiba, como requisito à obtenção do Grau de Mestre em Filosofia. Orientador: Professora Dra. Creusa Capalbo. UFRJ, IFCS, 1983.

______. *O pensamento de Deleuze ou a grande aventura do espírito*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Benedito Lacerda Orlandi, Unicamp, 1998.

______. *Gilles Deleuze: a grande aventura do pensamento*. Rio de Janeiro: Funemac Livros, 2013.

VALENTIN, Frei Basile. *As Doze Chaves da Filosofia*. Trad. Márcio Pugliesi e Norberto de Paula Lima. São Paulo: Global/ Ground, 1984.

VAUGHAM, Curtis; GIDEON, Virtus E. *A Greek Grammar of the New Testament*; A Workbook Approach to Intermediate Grammar. Nashville: Broadman Press, /s. d./.

VAUGHAM, Thomas, dit Eugene Philalethe. *Lumen de Lumine*. Versão eletrônica.

VELOSO, Caetano. *Alegria, Alegria*. 2 ed. Rio de Janeiro, Pedra Q Ronca, 1977.

WAITE, A. E. *Collectanea Chemica:* Being Select Treatises on Alchemy and Hermetic Medicine by Eirenaeus Philalethes, Dr. Francis Anthony, George Starkey, Sir George Ripley, and a Word by an Anonymous Unknown which is Attributed to Edward Kelly. Edmonds: Holmes, The Alchemical Press, 1991.

WALDSTEIN, Arnold. *Os Segredos da Alquimia*. Trad. Cascais Franco. Mira-Sintra: Europam, /s. d./.

WALKER, Barbara G. *O I Ching da Deusa*. 10 ed. Trad. Claudia Gerpe Duarte. São Paulo: Cultrix, 1997.

WALTERS, Derek. *I Ching Alternativo (T'ai Hsuan Ching)*. Trad. Bernadette Siqueira Abrão. São Paulo: Siciliano, 1989.

WARLICK, M. E. *As Pedras Filosofais*. Trad. Marilene Tombini. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

The Way to Operate The Elixir; a work copied from an Original Manuscript without any Date or Signature. Copied in the year 1797.

WESTCOTT, William Wynn. *Coletânea Hermética*; uma Introdução ao Universo da Magia, da Cabala, da Alquimia e do

Ocultismo. Trad. Martha Malvezzi Leal. São Paulo: Madras, 2003.

WILHELM, Richard. *I Ching*; o livro das mutações. 16 ed. Trad. Alayde Mutzenbecher e Gustavo Alberto Corrêa Pinto. São Paulo: Pensamento, 1997.

YOGANANDA, Paramahansa. *Autobiografia de um Iogue*. São Paulo: Self-Realization Fellowship, 2009.

______. *A Eterna Busca do Homem*. São Paulo: Self-Realization Fellowship, 2012.

______. *Como Ser Feliz o Tempo Todo*. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Pensamento, 2008.

O Zohar; o Livro do Esplendor. Passagens selecionadas pelo rabino Ariel Bension. Trad. Rosie Mehoudar e Rita Galvão. São Paulo: Polar, 2006.

ZÓZIMO S., J. *O Manuscrito Sagrado*. São Paulo: Ateniense, 1993.

ZULMA, Reyo. *Alquimia Interior*. 2 ed. Trad. Silvia Branco Sarzana. São Paulo: Ground, 1989.